



**ZIPPERGALERIA**

WORKS 2010 | 2022  
**Janaina Mello Landini**



**ZIPPER**GALERIA

WORKS 2010 | 2022  
**Janaina Mello Landini**



## JANAINA MELLO LANDINI

Nascida em São Gotardo, Minas Gerais (1974) Brasil, vive e trabalha em São Paulo.

Graduou-se em Arquitetura em 1999 e cursou Belas Artes de 2004 a 2007, ambas na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil.

A ideia principal da artista é ressignificar aspectos essenciais da experiência de estar no mundo, através da ótica dos fluxos e forças dinâmicas, da unidade e da multiplicidade, da abstração matemática e da cartografia, da arquitetura, da ciência e da natureza; enfatizando a relação entre frequência, ritmo e tempo, mostrando a interconexão infinita das trajetórias individuais em um sistema, na sociedade ou no planeta. Seu trabalho transita entre diferentes escalas – do objeto aos espaços públicos.

Nos últimos anos, exibiu seus trabalhos em exposições no Brasil, França, Holanda, Estados Unidos e Emirados Árabes. Seu trabalho participa de coleções privadas e institucionais como Museu de Arte do Rio - MAR (Brasil), Fondation Carmignac (França), BIC Collection (França) e Facebook (Menlo Park - EUA). Suas principais exposições institucionais foram no Palais de Tokyo em Paris, 2016; no Castelo de Chaumont-sur-Loire na França, 2019; e na 13ª edição da Bienal do Mercosul, 2022 e suas exposições individuais na Zipper Galeria em 2015, 2016, 2019 e 2022.

Born in São Gotardo, Minas Gerais (1974) Brazil, lives and works in São Paulo.

Janaina graduated in Architecture in 1999 and studied Fine Arts from 2004 to 2007, both at the Federal University of Minas Gerais (UFMG), Brazil.

The artist's main idea is to re-signify essential aspects of the experience of being in the world, through the optics of dynamic flows and forces, unity and multiplicity, mathematical abstraction and cartography, architecture, science and nature; emphasizing the relationship between frequency, rhythm and time, showing the infinite interconnection of individual trajectories in a system, in society or on the planet. Her work transits between different scales - from the object to public spaces.

In recent years, she has shown her work in exhibitions in Brazil, France, Netherlands, United States, among other places. Her work is part of important private and institutional collections, such as Museu de Arte do Rio - MAR (Brazil), Fondation Carmignac (France), BIC Collection (France) and Facebook (Menlo Park - USA). Her main institutional exhibitions were at the Palais de Tokyo in Paris, 2016; at the Château de Chaumont-sur-Loire in France, 2019; and at the 13th edition of the Bienal do Mercosul, 2022 and her solo exhibitions at Zipper Galeria in 2015, 2016, 2019 and 2022.



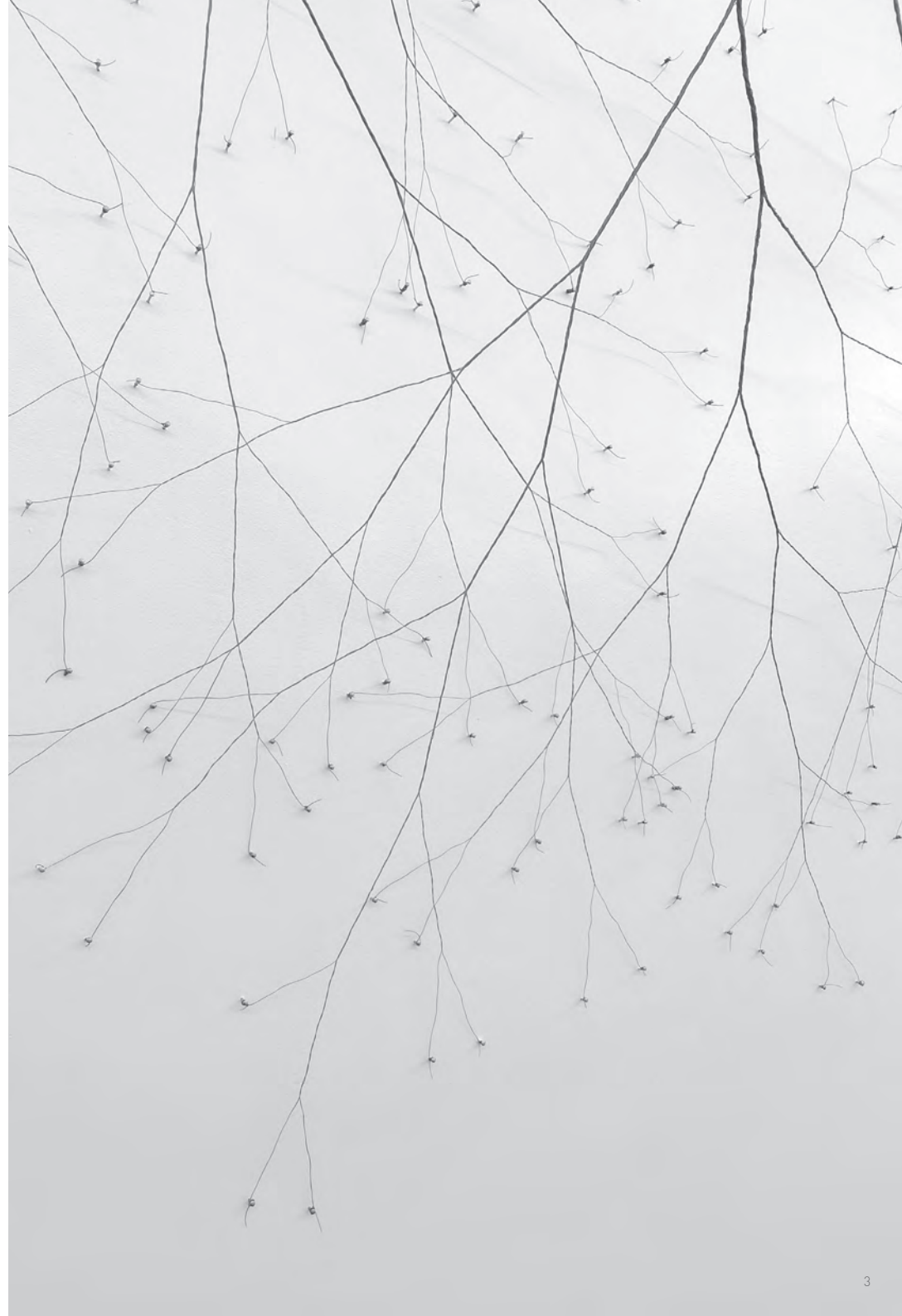






Photo: Gui Gomes

**CICLOTRAMA 20 (wave)** - 2015  
2.7 m x 6 m x 4 m

20 m de corda de sisal, 3" de diâmetro e 10.000 pregos  
20 m sisal rope, 3" diameter and 10.000 nails

Zipper Galeria, São Paulo, Brasil  
Instalação site-specific para a exposição individual "Ciclotrama"  
Curadoria Paulo Miyada

Zipper Galeria, Sao Paulo, Brazil  
Site-specific Installation for solo show "Ciclotrama"  
Curated by Paulo Miyada



# CICLOTRAMA

Text by Paulo Miyada

Existem poéticas do espaço e espaços poéticos – e isso não necessariamente tem a ver com as habilidades compositivas de algum arquiteto. Existem também lugares de afeto e afeto por lugares – e isso tampouco remete sempre a alguma beleza inequívoca da forma dos espaços. É que, no caso das espacialidades, afetos e poéticas derivam de vivências e de modos de constituição, respectivamente. Neste aspecto, importa menos a morfologia do que os modos como os espaços se tecem e vestem.

Sem precisar teorizar sobre isso, Janaina Mello Landini se coloca a tecer e vestir o espaço como quem faz e desenrola uma corda. Melhor, como quem desfaz uma corda que se esparrama e gruda nas paredes. Gruda, posto que é linha, amarrando-se a pregos. Muitos pregos, muitas linhas. Cada linha, um prego; e uma só corda que emaranha os pontos de partida dos vetores que atravessam as distâncias entre as paredes.

Diante dessa corda desfeita, destrama, Ciclotrama de Janaina, é natural pensar na natureza das raízes das plantas, dos sistemas circulatórios dos corpos, das terminações nervosas dos neurônios, dos feixes elétricos dos raios e assim por diante. E para quem o natural é o campo das ideias, é fácil passar daí às teorias rizomáticas da filosofia pós-estruturalista.

Mas desaceleremos nas metáforas que nos são sugeridas pelos isomorfismos para pensar mais no que está sendo destecido. As ações subsequentes da artista promovem uma relação peculiar entre um objeto e sua posição no espaço como parte integrante e constituinte dele. Vejamos. Se há uma corda sobre o chão da sala, ainda que a corda seja grossa e longa, a diferença de escala entre a sala e a corda permite identificar entre elas uma relação entre continente e conteúdo, borda e objeto. Porém, à medida que a corda se desmancha, espalha seus ramais e descola-se do chão, ela – embora mais fina – se transforma de algo que está “contido por” para algo que constitui o espaço. A corda, ao ocupar o ar em suas ramificações, fina e frágil, dá conta de alterar a percepção da sala. Antes de notar a parede, antes mesmo de se dar conta de que existem paredes, as Ciclotramas se apresentam como transparência e limite. Com efeito, não é possível entrar, pois elas fazem o espaço enquanto o tomam vorazes.

There are poetics of space and poetic spaces - and this does not necessarily have to do with the compositional skills of any architect. There are also places of affection and affection for places - and nor does this always refer to some unmistakable beauty of the form of the spaces. The thing is that, in the case of spatiality, affections and poetics derive from experiences and from constitution modes, respectively. In this respect, the morphology is less important than are the ways in which spaces are woven and dressed.

Without having to theorize about this, Janaina Mello Landini weaves and dresses the space as one makes and unbraids a rope. Or better, as one who dismantles a rope which disperses and sticks to the walls. It sticks, since it is string, by tying itself to nails. Many nails, many lines. For each line, one nail; and one single rope entangling the starting points of the vectors that cross the distances between the walls.

When facing this unbraided, unwoven rope, that is Janaina's Ciclotrama, it is natural to think of nature, of roots of plants, of the bodies' circulatory systems, of the nerve endings of neurons, of the electrical beams of rays and so on. And, for those to whom the natural is the realm of ideas, it is easy to go from there to the rhizomatic theories of poststructuralist philosophy.

But let us slow down on the metaphors which are suggested to us by isomorphisms, to think more deeply about what is being unwoven. The subsequent actions of the artist promote a peculiar relationship between an object and its position in space as an integral and constituent part of it. Let us see. If there is a rope on the exhibition floor, even if the rope is thick and long, the difference in scale between the room and the rope allows to identify the relationship between container and content, boarder and object. But as the rope is dismantled, spreads its ramifications all over the ground, it - although thinner - is transformed from something that is “contained by” into something that constitutes the space. The rope, by occupying the air in its branchings, thin and fragile, is able to alter the perception of the room. Before noticing the wall, even before realizing that there are walls, the Ciclotramas present themselves as transparency and boundary. Indeed, it is not possible to enter the Ciclotrama, since they create the space while voraciously taking it over.



A poética desse espaço, então, só pode ser aquela do campo pleno, que se confunde com sua própria visibilidade, no caso a visibilidade resultante do adensamento das linhas que ligam suas paredes. Por um lado, não há espaço para o visitante, ele está excluído da relação em que continente e conteúdo se equiparam em escala e presença. Por outro, o olhar persistente pode atravessar o emaranhado, alcançando detalhes da arquitetura e se perder confundindo profundidades.

É e não é um vórtice. Na prática não é, porque as linhas não escoam para a corda, mas se expandem a partir dela, sucessivamente dividindo-se em progressão geométrica. Mas também é, como percepção, pois o olhar é tragado pela rede de fios. Quem quiser pode então perguntar: Trata-se de experimentação pura sobre as propriedades e possibilidades escultóricas de um material, a corda? Ou seria esta uma espécie de tratado empírico da natureza da percepção dos espaços? Ou uma metáfora de alguma narrativa implícita?

Respostas exclusivas parecem não caber bem no que diz respeito à arte, mas fico com a impressão de que o exercício da artista reflete, em primeiro lugar, os efeitos desorientadores que decorrem da transcrição para a realidade concreta de algo que, como modelo matemático, é muito simples. A cada bifurcação a linha se duplica - 2, 4, 8, 16... - e ao mesmo tempo divide sua espessura pela metade - 1,  $\frac{1}{2}$ ,  $\frac{1}{4}$ ...

No limite, haveria o zero, infinitas linhas de espessura zero. Mas zero é coisa de abstração matemática. Na prática, a teoria é outra. Ao invés de fazer referência ao mínimo, o que a Ciclotrama enreda é um todo envolvente e sinuoso que toma o espaço e os sentidos de quem a observa.

Thus the poetics of this space can only be that of the filled field, which is confused with its own visibility, in this case the visibility resulting from the densification of lines connecting its walls. On the one hand, there is no room for the visitor, who is excluded from the relationship in which container and content are equivalent in scale and presence. On the other hand, persistent observation can see through the maze, reaching architectural details and can lose itself, confusing depths.

It is and it is not a vortex. In practice it is not, because the lines do not seep into the rope, but expand from it, successively dividing itself in geometric progression. But also it is, as a perception, because the perspective is engulfed by the network of threads. One then may wish to ask: Is this about pure experimentation on the sculptural properties and possibilities of a material, the rope? Or would this be some sort of empirical treatise in the nature of perception of spaces? Or a metaphor for some implicit narrative?

Exclusive answers do not seem to fit well with regard to art, but I get the impression that the exercise of the artist reflects, first and foremost, the disorienting effects arising from the transcription to concrete reality of something that, as a mathematical model, is very simple. At each junction the line doubles - 2, 4, 8, 16 ... - and at the same time divides its thickness in half - 1,  $\frac{1}{2}$ ,  $\frac{1}{4}$  ...

At the limit, there would be zero, endless lines of zero thickness. But zero is a matter of mathematical abstraction. In fact, the theory is different. Instead of referring to the minimum, what the ciclotrama narrates is an entrancing and winding whole, which occupies the space and the senses of those who observe.



Photo: Gui Gomes





**CICLOTRAMA**  
É e não é um vô-  
a corda, mas se-  
progressão geo-  
tragado pela re-  
experimentação  
de um material,  
natureza da pe-  
narrativa implíc

Respostas exclu-  
mas fico com  
primeiro lugar,  
para a realidade  
simples. A cada  
tempo divide si  
zero, infinitas li-  
matemática. Na  
mínimo, o que  
toma o espaço





Photo: Gui Gomes









# AQUI, AGORA. RIGHT HERE, RIGHT NOW.

Text by Taisa Palhares

Em sua recente exposição na Zipper Galeria, a artista Janaina Mello Landini apresenta novas obras da série “Ciclotrama”, realizando pela primeira vez em São Paulo uma grande escultura ambiental especialmente concebida para sala principal da galeria. Como nos trabalhos anteriores, sua pesquisa se dá na intersecção entre diversos saberes e ciências, como arquitetura, geometria, anatomia, física, cartografia, escultura e desenho, criando com base em um raciocínio aparentemente simples estruturas rizomáticas que se imbricam e expandem por meio da ligação e cruzamento de linhas e pontos segundo uma distribuição dinâmica de forças.

Seu trabalho questiona as possibilidades de representação para além de um único ponto de vista, sobrepondo ao caráter ortogonal da tela e da arquitetura novas coordenadas espaciais que resultam em desenhos de formas orgânicas, de aparência fluida e maleável. Com isso, a artista produz uma “torção conceitual” do uso da geometria quando a trama, figura principal de seu trabalho, é realizada de maneira bastante calculada a partir de um conhecimento científico estabelecido de projeção e representação tridimensionais, mas visando um resultado pouco ortodoxo.

Para Ciclotrama 141 (épura), Janaina Mello Landini fabricou, pela primeira vez, sua própria corda, entrelaçando 1.440 fios de barbante comum. Com isso, ela conseguiu atingir um peso inédito de 120 kg, que deve ser distribuído a partir de um procedimento reiterado de divisão e bifurcação binária, em que por fim a corda será quase desfeita em subdivisões, gerando um total de 2.880 pontas que são fixadas na parede, e são responsáveis por dar sustentação à massa. Esses pontos, basicamente presos com fita crepe, dividem o volume de maneira proporcional, criando uma estrutura cuja estabilidade depende do cálculo exato de compensação de forças.

O resultado é um desenho espacial extremamente delicado, no qual a simplicidade (e por que não dizer precariedade) do material produz uma escultura de enorme potência visual. De alguma maneira, é como se a artista projetasse no aqui e agora as infinitas possibilidades de cruzamento existentes no espaço virtual, corporificando-as e nos convidando a deles participar. No entanto, se as leis da física e da geometria são capazes de dar segurança e estabilidade ao trabalho, Ciclotrama 141 (épura) parece apontar, em seu movimento de equivalências, para o aspecto instável, impermanente ou em constante transformação e reorganização das coisas no mundo. Por isso, essa trama que se expande por toda a galeria assemelha-se a um organismo vivo, como se o espectador, a cada nova visita, fosse capaz de contemplar um outro desenho, uma nova estrutura.

In her recent exhibition at Zipper Galeria, the artist Janaina Mello Landini presents new works from the “Ciclotrama” series, showing for the first time in São Paulo a large site specific sculpture specially conceived for the gallery’s main room. As in her previous works, her research focuses on the intersection of several types of knowledge and sciences, such as architecture, geometry, anatomy, physics, cartography, sculpture and drawing, thus creating, on the basis of apparently simple reasoning structures, rhizomatic structures that overlap and expand by connecting and crossing lines and points according to a dynamic distribution of forces.

Her work questions the possibilities of representation beyond a single point of view, superimposing onto the orthogonal character of the canvas and architecture, new spatial coordinates that result in designs of organic forms, of fluid and malleable appearance. With this, the artist produces a “conceptual twist” in the use of geometry when the web, the main figure of her work, is created in a very calculated way from an established scientific knowledge of projection and three-dimensional representation, but aiming for an unorthodox result.

For Ciclotrama 141 (épura), Janaina Mello Landini fabricated, for the first time, her own rope, interweaving 1,440 yarns of common string. With this, she was able to reach an unprecedented weight of 120 kilos, which had to be distributed from a repeated procedure of binary division and bifurcation, in which finally the rope becomes almost undone through subdivisions, generating a total of 2,880 points that are fixed on the wall, and are responsible for supporting the mass. These points, simply attached with masking tape, divide the volume proportionally, creating a structure whose stability depends on the exact calculation of force compensation.

The result is an extremely delicate spatial drawing in which the simplicity (and why not say, precariousness) of the material produces a sculpture of enormous visual power. In some ways, it is as if the artist projected right here, right now the infinite possibilities of crossovers that exist in virtual space, embodying them and inviting us to participate in them. However, if the laws of physics and geometry are capable of securing and stabilizing the artwork, Ciclotrama 141 (épura) seems to point, in its movement of equivalences, to the unstable, impermanent, or constantly transforming and reorganizing aspect of things in the world. That is why the web that extends throughout the gallery resembles a living organism, as if the viewer, with each new visit, was able to contemplate another drawing, a new structure.











**CICLOTRAMA 141 (épura) - 2019**

7 m x 8 m x 16 m

20 m de corda artesanal de algodão, 24 cm de diâmetro e  
2880 metros de fita crepe; barbantes azuis, vermelhos e verdes

20 m of handmade cotton rope, 24 cm diameter and  
2880 meters of paper tape; blue, red and green strings

Zipper Galeria, São Paulo, Brasil  
Instalação site-specific para a exposição individual "Aqui, Agora"  
Curadoria Taisa Palhares

Zipper Galeria, Sao Paulo, Brazil  
Site-specific Installation for solo show "Right here, Right now"  
Curated by Taisa Palhares





Photo: Gui Gomes

**CICLOTRAMA (expansão)** - 2019  
7 m x 8 m x 16 m

4 Ciclotramas da série "expansão" de tamanhos variados  
4 Ciclotramas of "expansion" series with varied sizes

Zipper Galeria, São Paulo, Brasil  
Instalação site-specific para a exposição individual "Aqui, Agora"  
Curadoria Taisa Palhares

Zipper Galeria, Sao Paulo, Brazil  
Site-specific Installation for solo show "Right here, Right now"  
Curated by Taisa Palhares



Nas quatro telas que fazem parte da presente mostra (intituladas *Ciclotrama 137, Ciclotrama 138, Ciclotrama 139, Ciclotrama 140*) e estão expostas numa sala menor, a artista retoma o uso de cordas industriais, que destramadas são fixadas segundo o mesmo sistema de divisão, bifurcação e cruzamento das linhas. No entanto, aqui Janaina Mello Landini optou por utilizar como plano para superfície um tecido especial utilizado na fabricação de velas para embarcações náuticas. Nele, são bordadas coordenadas geográficas inspiradas em mapas antigos e atuais, antes que a artista instale as tramas em fio colorido. Novamente, o espaço real e o virtual se imbricam, criando um novo desenho, pois ao mesmo tempo que o bordado remete ao existente, a trama nos fala de um espaço imaginário que também pode ser real.

A sala das Ciclotramas está disposta de modo que as cordas em tons de azul e preto encontrem-se aglomeradas no centro, conectando todos os trabalhos. Esse amontoado sugere a existência de um núcleo de energia comum, ainda caótico, que tende à propagação, e que será organizado nas tramas sobrepostas de linhas na superfície das telas. Poeticamente, mostra-se a relação indissociável entre a parte e o todo, e a convivência de interdependência e autonomia mediante uma sutil correspondência de forças.

É interessante notar que também essas telas sugerem uma abertura à reorganização. Do ponto de vista teórico, a geografia trabalha com limites relativamente estáveis, ou que demoram muito tempo para serem redesenhados. Mas no mundo contemporâneo as relações e fluxos respondem a uma dinâmica especial, acelerada pela tecnologia. Podemos imaginar novos mapas geográficos criados cotidianamente pelo reinstauração de conexões diversas, para além das limitações do espaço físico. É evidente que essa liberdade de movimento nem sempre é bem acolhida por todos.

Contudo, a vontade de expansão, como a artista parece lembrar, faz parte da história da humanidade, sobretudo desde a Era Moderna. O desejo de mobilidade redesenhou o mapa geográfico e nos deu uma nova apreensão da terra com as Grandes Navegações, um fator decisivo para a formação de nossa visão de mundo. Hoje presenciamos um outro tipo de expansão, talvez menos real, e mais virtual. Mas que tem o mesmo poder de redesenhar nosso imaginário. De qualquer maneira, a forma plástica dos organismos vivos, que parece inspirar a artista, está presente tanto na natureza quanto na sociedade. Entender os contínuos rearranjos de nosso meio social e natural é um desafio mais do que atual. E também ter em mente a fragilidade de seu sistema de compensações recíprocas, que pode ser colocado em xeque por meio de qualquer movimento mais brusco, gerando um desequilíbrio irremediável.

On the four canvasses that are part of the show (entitled *Ciclotrama 137, Ciclotrama 138, Ciclotrama 139, Ciclotrama 140*) which are displayed in a smaller area, the artist makes use again of industrial ropes, which are unwoven and fixed according to the same system of division, bifurcation and crossing of threads. However, here Janaina Mello Landini chose to use as a surface plane a special fabric used in the manufacture of nautical boat sails. On it are embroidered geographic coordinates inspired by old and current maps, before the artist attaches the webs of coloured thread. Again, real and virtual spaces are interwoven, creating a new drawing, because at the same time that the embroidery refers to the existing, the web tells us of an imaginary space that can also be real.

The room with the Ciclotramas is arranged so that the ropes in shades of blue and black are clustered in the centre, connecting all the works. This hodgepodge suggests the existence of a common, still chaotic energy core that tends to propagate, and which will become arranged in the overlapping webs of threads on the surface of the canvases. Poetically, it shows the inseparable relationship between the part and the whole, and the coexistence of interdependence and autonomy through a subtle correspondence of forces.

It is interesting to note that these canvasses also suggest openness to reorganization. From the theoretical point of view, geography works with relatively stable boundaries, or that take a long time to be redesigned. But in the contemporary world relations and flows respond to a special dynamic, accelerated by technology. We can imagine new geographical maps created daily by the reinstating of diverse connections, beyond the limitations of the physical space. It is evident that this freedom of movement is not always welcomed by everyone.

However, the desire for expansion, as the artist seems to remind, is part of the history of humanity, especially since the modern era. The desire for mobility redesigned the geographical map and gave us a new apprehension of the Earth through the Age of Exploration, a decisive factor for the formation of our worldview. Today we are witnessing another kind of expansion, perhaps less real, and more virtual. But it has the same power to redesign our imaginary. In any case, the aesthetic form of living organisms, which seems to inspire the artist, is present both in nature and in society. To understand the ongoing rearrangements of our social and natural environment is a more than current challenge. And also to think about the fragility of its system of reciprocal compensations, which can be put in check by a more abrupt movement, generating an irremediable imbalance.











**CICLOTRAMA 139 (expansão)** - 2019  
120 cm x 200 cm

6 cordas de nylon azul, diâmetros variados sobre tecido de vela de barco bordado com linha branca

6 blue nylon ropes of varying diameters on sailcloth, embroidered in white thread

^ **Detalhe / Detail**

As linhas das cartas náuticas de Portolano bordadas com fio branco sobre a vela de barco.

The lines of Portolan nautical charts embroidered in white thread on sailcloth.







Essa Ciclotrama vem falar da ancestralidade, não aquela que nos distingue mas daquela que nos une através dos "haplogrupos" maternos, que reconhecidos no nosso DNA, são capazes de traçar as origens dos ancestrais de linha materna, até chegarmos ao ancestral comum há aproximadamente 200.000 anos atrás.

Aqui ela se agiganta pra tratar não mais do fio indivisível e singular, mas toma um distanciamento em escala e sugere a potência contida em cada fio corda num sistema muito mais amplo.

This Ciclotrama is about ancestry, not the one that distinguishes us but the one that unites us through the maternal "Haplogroups" recognized in our DNA, which are able to trace the origins of the maternal lineage, until we reach the common ancestor approximately 200,000 years ago.

Here it is made bigger to treat not more the indivisible and unique thread; however, takes a scaling distance and suggests the power contained in each string rope in a much wider system.







**CICLOTRAMA 231 (mãe natureza) - 2021**

7.0 m x 7.0 m

2800 m de corda PET reciclada de diâmetros variados e 512 pregos gigantes

2800 m of recycled PET rope of varying diameters and 512 giant nails

Circular - Arte na Praça Adolpho Bloch  
São Paulo, Brasil  
Instalação Site-Specific permanente  
Curadoria Marc Pottier

Circular - Arte na Praça Adolpho Bloch  
Sao Paulo, Brazil  
Permanent Site-specific Installation  
Curated by Marc Pottier













**CICLOTRAMA 36 (labyrinthe) - 2016**

5 m x 14 m x 6 m

220 m de corda de nylon preta, 38 mm de diâmetro  
e 14.000 pregos

220 m of nylon rope, 38 mm diameter  
and 14.000 nails

Palais de Tokyo, Paris, França  
Instalação Site Specific para exposição coletiva "Double Je"  
Curadoria Jean de Loisy

Ciclotrama compartilha a sala com  
*Golden Snake* de Mathias Kiss

Palais de Tokyo, Paris, France  
Site-specific Installation for the group show "Double Je"  
Curated by Jean de Loisy

Ciclotrama shares the space with the  
*Golden Snake* by Mathias Kiss





Em 2010, iniciei a minha experimentação de desenhar no espaço quadridimensional utilizando a tensão física, a torção de fios, pregos e nós. Sobre as telas, o desenho se transforma num misto de pintura, escultura e bordado.

Como ato, "ciclotramar" é uma ação continuada de longa duração que consiste em dividir o todo em suas partes. Estabelece uma relação com a prática artesanal, desmembrando uma corda sucessivamente em dois grupos até que sua unidade indivisível fique aparente e sustente todo o sistema.

As Ciclotramas são pensadas a partir de sua condição de linguagem para o exercício da hermenêutica, costurando diferentes concepções formais epistemológicas, ontológicas e metafísicas num entendimento mais relativista, autônomo e poético que estas formas evocam.

As minhas mãos são as principais ferramentas no ato de Ciclotramar e trabalham solitárias, num processo íntimo com o material, na ação de desenrolar e re-enrolar todos os fios da extensão da trama, repetindo a mesma ação de separar os fios em dois grupos. Eles afinam na mesma proporção que são separados. Quando o gesto termina, aquele tempo resta tensionado no espaço.

Por um lado, Ciclotrama é a secção de uma trama cíclica, que é infinita em conceito. Por outro lado, a Ciclotrama constrói a dialética de um corpo-linguagem de abstrações matemáticas. Ela se desenvolve organicamente enquanto permeia outras lógicas. Esta linguagem produz sentido na Ciência da Vida, por exemplo, através da hidrodinâmica e responde pela forma das plantas, árvores, fractais, rios e a anatomia dos órgãos. Na Biologia, a mesma dinâmica ocorre se observarmos a organização dos organismos vivos através da evolução e da transmissão genética. Na Física, experimentamos essa ideia manipulando peso e tensão. Em Matemática, o Cálculo é bem-sucedido ao decompor problemas complicados em partes mais simples. Em Filosofia, um desenho semelhante pode ser usado para falar de Ontologia e Epistemologia. E na Psicanálise, é uma forma de olhar a complexidade do "eu". Mais adiante, encontramos essa linguagem no campo da Sociologia, por meio da análise do comportamento social. Podemos até falar em Tecnologia, que se apropria das árvores binárias para a criação e aprimoramento de algoritmos.

Em última análise, não se trata de representar metáforas, mas de ressignificar aspectos essenciais da experiência de estar no mundo, através da criação de diagramas abstratos, enfatizando a relação entre frequência, ritmo e tempo, mostrando a interconexão infinita de trajetórias individuais em um sistema, na sociedade ou no planeta.



In 2010, I began experimenting with four-dimensional space drawing using physical tension, twisted threads, nails and knots. On canvas, the drawing becomes a mixture of painting, sculpture and embroidery.

As an act, "ciclotraming" is a long-term continuous action that consists of dividing the whole into its parts. Establishes a relationship with artisanal practice, successively dismembering a rope into two groups until its indivisible unity becomes apparent and sustains the whole system.

Ciclotramas are thought from their language condition for the exercise of hermeneutics, sewing together different formal epistemological, ontological and metaphysical conceptions in a more relativistic, autonomous and poetic understanding that these forms evoke.

My hands are the main tools in the act of "Ciclotramar" and work solitarily in an intimate process with the medium while unspinning and re-spinning all the threads of the web's extension, repeating the same action of separating the strands into two groups. The threads thin down proportionally as they get separated. When the gesture ends, that time remains tensioned in space.

On the one hand, Ciclotrama is a section of a cyclic web, which is conceptually infinite. On the other, the Ciclotrama builds a body-language dialectic of mathematical abstractions. It develops organically while permeating other logics. This language makes sense in the Science of Life, for example, in the fluid dynamics and how it accounts for the shape of plants, trees, fractals, rivers and the anatomy of organs. In Biology, the same dynamic occurs if one observes the organization of living organisms through the Evolution of genetic transmission. In Physics, we experience this idea by manipulating weight and tension. In Mathematics, Calculus succeeds by breaking complicated problems down into simpler parts. In Philosophy, a similar drawing can be used to speak of Ontology and Epistemology. And in Psychoanalysis, it is a way of looking at the complexity of the "I". Further on, we find this language in the field of Sociology, through the analysis of social behavior. We can even talk about Technology, which appropriates the binary trees for the creation and improvement of algorithms.

Ultimately, it is not a matter of representing metaphors, but resignify essential aspects of the experience of being in the world, through the creation of abstract diagrams, emphasizing the relationship between frequency, rhythm and time, showing the infinite interconnection of individual trajectories in a system, in society or on the planet.

Janaina Mello Landini, São Paulo, 2020



Photo: Aurélien Mole





“Pegue uma corda e comece a desenrolá-la. Desdobrando e desfazendo suas partes, muitas vezes, subdividindo os grupos fios em unidades cada vez menores e assim por diante. Continue a libertar esses impressionantes milhares de fios da sua trama original. Remova-os do seu peso e massa. E ao fim, o que temos? Um fio: uma indivisível unidade.

É através dessa desconstrução que a artista brasileira Janaina Mello Landini procura uma forma conectar os fios de nylon, dipado ou algodão das cordas que ela desfaz para enfim refazê-las. Desde 2010, esta lógica tem sido o coração da sua série entijucada Ciclotrama. Uma palavra que ela inventou e que pode ser definida como: uma trama construída a partir de uma sucessão de ciclos contínuos que poderiam tender a infinito. A evolução do seu trabalho atesta a complexidade da técnica em perpétua renovação, colocando de lado a aparente facilidade do processo.

As cordas que ela usam não só tramam em espaços arquitetônicos como também em telas de linho. Para essa arquiteta, entender o espaço é matéria condicional e guia a realização do seu trabalho em etapas. Os desenhos preliminares definem a lógica da estruturação e da forma da corda mas não definem o exato lugar de cada fio, deixando espaço para improvisos e surpresas durante a construção da Ciclotrama.

Seja no espaço tridimensional da arquitetura ou no plano da tela, o trabalho de Janaina Mello Landini expressa a mesma tensão: a fusão do espaço e do tempo. Explícita referência aos seus estudos em matemática e física. Tanto o suporte da tela ou o espaço é o receptáculo de uma sobreposição de camadas de fios trançados, ou como ela gosta de dizer, ciclotramados, criando um aspecto de espelho ao seu próprio sistema, como um fractal. Esta entrelaçamento de torções constroem um percurso que tem como resultado um arranjo de unidades de força.

A leitura desta trajetória recompõe a estrutura hierárquica desse perfeito equilíbrio considerando a interação de cada um dos fios. A artista não procura obter nenhuma forma específica deste agregamento de fios. O desenho final é livre à nossa própria percepção, interpretação e busca de significado. Formas naturais, árvores, órgãos humanos ... a visão da organização desses fios é transcendida por uma única e mesma dinâmica: a interconexão do movimento dos fluidos. E é precisamente estes fluidos orgânicos e naturais que refletem a base do trabalho de Janaina Mello Landini. Neste combate corpo-a-corpo com o fio, ela modela seu movimento para clarificar que a transmissão de fluxos é similar a qualquer sistema. Como um palíndromo, seu trabalho oscila entre 2 ideias, uma entrópica relacionada a de desintegração do sistema, e uma entrópica, convergindo diferentes fatores ao equilíbrio, isso reflete a organização universal do mundo.

Do centro para a periferia, do mínimo ao máximo, esta é a interdependência entre o indivíduo e o coletivo que Janaina Mello Landini articula em seu trabalho.”



“Take a rope and start weaving it. De-dividing and unbundling its components, over and over again, until you succeed in subdividing its unit into units. Continue by freeing these thousands of imprisoned yarns from their twists. Remove it from its weight and mass. In the end, what do you have left? A thread: an indivisible unit.

It is through this deconstruction that Brazilian artist Janaina Mello Landini is looking for a way to connect the threads of the nylon, dipado or cotton strings she unweaves to finally weave it again. Since 2010, this logic has been at the heart of her Ciclotrama series. A word she invented and which could be defined as follows: a succession of cycles (ciclo), wefts (trama) of threads unfolding in a continuous circle. The evolution of his work attests to the complexity of a technique in perpetual renewal, putting aside the apparent ease of this process.

The strings she uses do not just weave in space but on a canvas. For this architect by training, the understanding of space is a material condition that guides the realisation of her work in stages. A preliminary drawing defines the logic of the structure and shape of the rope but does not define the exact location of each thread, leaving room for improvisations and surprises during the construction of the Ciclotrama.

Whether it is a three-dimensional architectural space or a canvas surface, Janaina Mello Landini's work expresses the same tension: the fusion of space and time. Explicit reference to her studies in mathematics and physics. The support of the canvas is therefore the receptacle of an overlay of thread levels whose general aspect creates a mirror effect of its own system. This intertwining of torsions creates a path which is the result of a structure of complementary force units.

The reading of this trace recomposes the hierarchical framework of this perfect balance that allows the interaction between each thread. From this aggregate of threads no form is really sought by the artist. The final performance gives free rein to our own interpretation. Our perception is thus free from any search for meaning. Natural forms, trees, human organs... the vision of the organisation of these threads is transcended by a single and same dynamic: the interconnection of the movement of fluids. The final drawing is free to our own perception, interpretation and search for meaning. Natural forms, trees, human organs ..... the vision of how these threads are organized is transcended by a single and same dynamic: the interconnection of the movement of fluids. These are precisely the organic and natural fluids that reflect the basis of Janaina Mello Landini's work. Like a palindrome, her work oscillates between two entities, one entropic - deterioration of a system - and the other syntropic- converging action of different factors to the equilibrium; it reflects the universal organisation of the world, which according to the artist results from their relationship.

From the centre to the periphery, from the minimum to the maximum, it is finally the interdependence between the individual and the collective that Janaina Mello Landini brings together in her works.”

\*Der Markarian, Diane (2018) Janaina Mello Landini, Aglomeração.









A Fundação Carmignac se localiza na Ilha de Porquerolles, para chegar até lá, as pessoas precisam pegar um barco e caminhar até o local do museu. A instalação Ciclotrama 50 (vento) é a primeira obra que o visitante experimenta, depois de ter deixado seus sapatos na entrada.

A instalação acontece em 2 momentos, primeiramente ela aproxima os objetos recém vistos no porto e em seguida convida a descer a escada, como numa espécie de portal labiríntico do que virá daquela escadaria em diante, como o fio de Ariadne que mostra o caminho, inicialmente "uno", mas no qual se bifurca em infinitas possibilidades de outros encontros na subjetividade de cada visitante.

The Carmignac Foundation is located on Porquerolles Island. To get there, people need to take a boat and walk to the museum site. The installation Ciclotrama 50 (wind) is the first work that the visitor experiences after having left their shoes at the entrance.

The installation takes place in two moments. First, it brings together the objects recently seen in the harbor and then invites the visitor to go down the stairs, as if in a sort of labyrinth portal to what will come from that staircase onwards, like Ariadne's thread that shows the path, initially "uno", but in which it bifurcates into infinite possibilities of other encounters in the subjectivity of each visitor.

**CICLOTRAMA 50 (wind) - 2018**

5.5 m x 1.4 m x 1.2 m

20 m de corda de Nylon, 24 mm de diâmetro  
e 4.100 pregos dourados

20 m of blue nylon rope, 24 mm diameter  
and 4.100 golden nails

Fondation Carmignac,  
Porquerolles, França  
Instalação Site-Specific permanente

Fondation Carmignac,  
Porquerolles, France  
Permanent Site-specific Installation



Photo: Marc Domage



# Instruções para uma Ciclotrama Pandêmica

Imagine uma Ciclotrama de escala planetária.  
Ela começa no primeiro contágio e se amplia,  
formando o curso real de infecção  
das milhões de pessoas  
que foram pegando e transmitindo a doença.  
E continua.



# Instructions for a Pandemic Ciclotrama

Imagine a planet-scale Ciclotrama  
It starts from the first contagion and expands,  
forming the actual course of infection  
of millions of people  
who were catching and transmitting the disease.  
And it continues...





Um Matupá é uma ilha de vegetação densa e flutuante encontrada nos lagos de várzea na Amazônia Central Brasileira.

A Matupá is a floating dense vegetation island found in floodplain lakes of the Central Brazilian Amazon.

**CICLOTRAMA 142 (matupá) - 2019**  
7 m x 8 m x 16 m

6 Ciclotramas flutuante de 240 x 115 x 275 cm e 1 Ciclotrama flutuante de 500 x 275 x 310 cm fios de barbante de algodão cru sobre linho, argolas de metal e espelhos de acrílico

6 floating Ciclotramas of 240 x 115 x 275 cm and 1 floating Ciclotrama of 500 x 275 x 310 cm with raw cotton threads on linen, metal rings and acrylic mirrors

Domaine de Chaumont-Sur-Loire, França  
Comissão especial para 2019  
Temporada de Arte e Natureza  
Curadoria Chantal Colleu-Dumond

Domaine de Chaumont-Sur-Loire, France  
Special Commission for 2019  
Art and Nature season  
Curated by Chantal Colleu-Dumond









Desde a antiguidade, as árvores e o destino dos homens sempre estiveram associados de forma permanente e evidente, mas hoje vivenciamos tempos onde se perdeu a consciência desse vínculo.

Ninguém pode ignorar as consequências crescentes do desmatamento global no contexto de uma trágica perversão das relações homem x natureza. Assistimos consternados o descaso com a floresta amazônica e seus povos originários pelo governo brasileiro entre 2018 e 2022.

Esta proposta tenta resgatar o arquétipo da árvore, um dos símbolos universais mais presentes em todas as mitologias, em todas as tradições e religiões, em todas as protocivilizações que necessariamente persistiram no imaginário coletivo da humanidade.

No entanto, a conexão entre o céu e a terra não é vista aqui como nas árvores cósmicas, nem na escuridão da floresta de Dante. Este Cidotrâma é uma floresta infinita no prisma dos espelhos e flutuante; não toca o chão. Conecta-se a um tecido acima do alcance do homem.

É sobre o agora ou o instante que está prestes a passar e a responsabilidade de cada um de nós.



From ancient times, trees and men's destiny have always been associated in a permanent and evident way, but today we live in times where awareness of this connection has been lost.

No one can ignore the increasing consequences of global deforestation in the context of a tragic perversion of man versus nature. We watched in dismay the neglect of the Amazon forest and its native people by the Brazilian government between 2018 and 2022.

This proposal aims to recall the archetype of the tree, one of the universal symbols most present in all mythologies, in all traditions and religions, in all protocivilizations that will necessarily persist in the collective imagination of humanity.

However, the connection between heaven and earth is not seen here as in the cosmic trees, nor the darkness of Dante's forest. This Ciclotrama is an infinite in the prism of mirrors and in the floating forest; it does not touch the ground, it connects to a fabric beyond man's reach.

It is about the now or the moment that is about to pass and the responsibility of each one of us.







Photo: Stefano Oliveira

**CICLOTRAMA 28 (medusa) - 2015**

3.75 m x 11.5 m x 2.5 m

60 m de corda de cânhamo, 24 mm de diâmetro e 225 pregos

60 m of hemp rope, 24 mm diameter and 225 nails

Galleria Macca, Cagliari, Italy

Instalação site-specific para a exposição individual "Ciclotrama"

Galleria Macca, Cagliari, Italy

Site-specific Installation for solo show "Ciclotrama"









Photo: Emilie Mathé Nicolas

**CICLOTRAMA 27 (bleu) - 2015**  
5 m x 2.5 m x 3.2 m

30 m de corda de nylon azul,  
32 mm de diâmetro  
e 2.484 nails

30 m of blue nylon rope,  
32 mm diameter  
and 2.484 nails

Galerie Virginie Louvet, Paris, France  
Instalação site-specific  
para a exposição individual "Ciclotramas"

Galerie Virginie Louvet, Paris, France  
Site-specific Installation  
for solo show "Ciclotramas"



“Talvez o Tempo, como escreveu José Saramago, não seja como uma corda que pode ser medida nó por nó; Tempo é uma superfície oblíqua e ondulada onde apenas a memória pode chamar pra perto.

Mas em seu trabalho, Janaina conseguiu descrever melhor a relação entre Tempo e Espaço do que uma equação matemática, incluindo a variável emocional que afrouxa o cálculo frio e o transforma em poesia.”\*

“Perhaps Time, as José Saramago wrote, is not a rope that can be measured knot by knot; Time is an oblique and undulating surface which only memory can call forth and approach.

But in her work Janaina managed to describe the relationship between Time and Space better than a math equation, including the emotional variable that loosens the cold calculation and transforms it into poetry.”\*

\*Carbone, Efisio (2017)  
Ciclotrama, a thoughtful story of Time and Space.







**CICLOTRAMA 240 (rendezvous) - 2021**

4.5 m x 4 m x 2.5 m

corda de nylon 12 mm diâmetro e  
aproximadamente 1080 pregos de latão

12 mm diameter Blue nylon rope and  
approximately 1080 brass nails

Bruxelas, Belgica  
Instalação Site-Specific permanente  
Coleção particular

Brussels, Belgium  
Permanent Site-specific Installation  
Private collection



Quando o colecionador me disse que esta obra seria um presente de aniversário de 50 anos de casamento para sua esposa, achei significativo incorporar a ideia de união na concepção.

A corda flutua, presa pelas duas extremidades opostas, garantindo sua sustentação e conectando dois cantos distintos. Desta forma, cada extremidade da corda pode ser vista separadamente e também pode ser vista em sua totalidade por outros ângulos de visão.

Isso trouxe uma dinâmica interessante à escultura, tomando e devolvendo sua forma, reconectando as duas pontas a cada vez que a obra é vivenciada através da escada, uma homenagem ao encontro.

When the collector told me this artwork would be a 50th wedding anniversary gift to his wife, I thought it was meaningful to incorporate the idea of union in the conception.

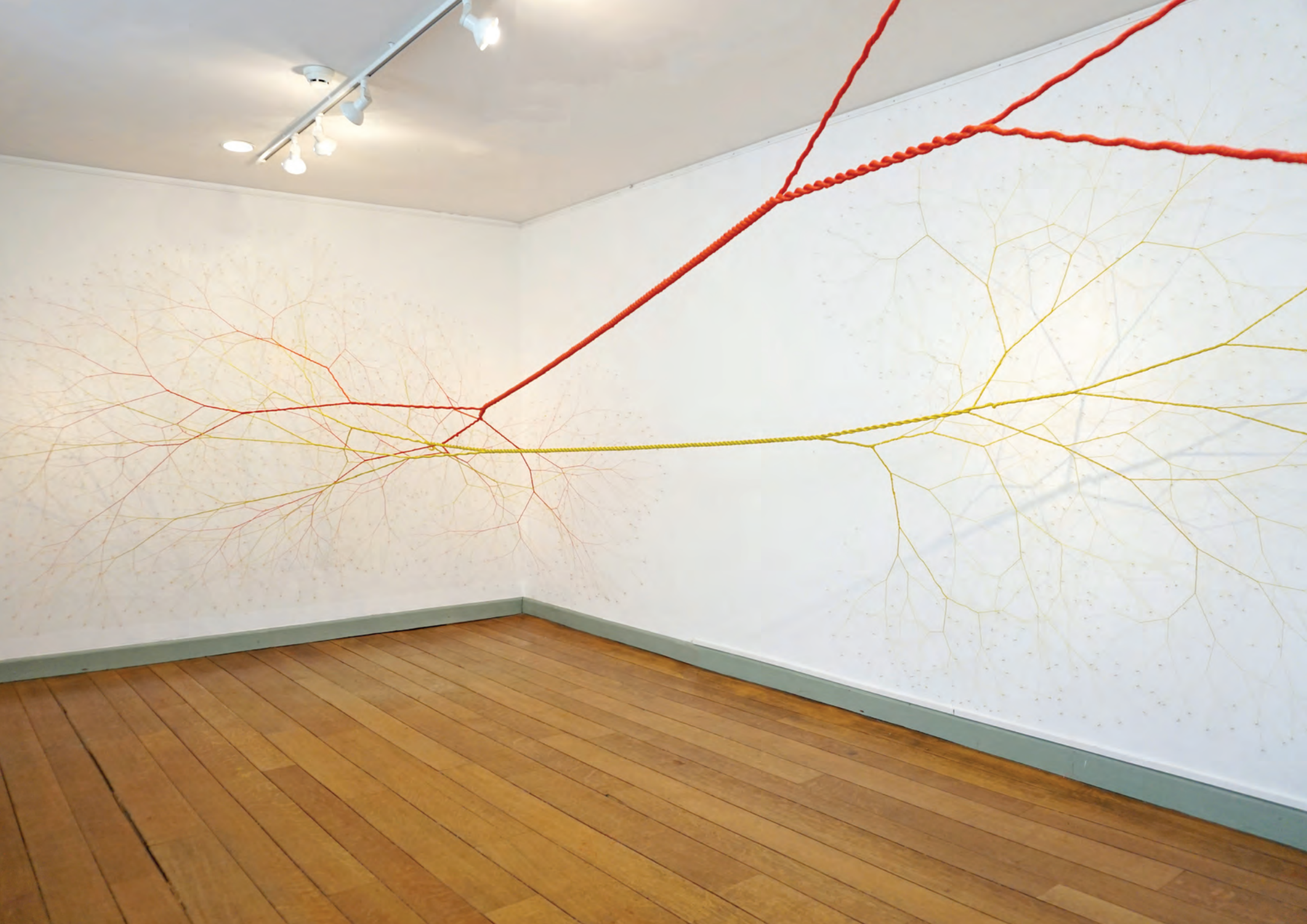
The rope floats, held by the two opposite ends, ensuring its support and connecting two distinct corners. In this way, each end of the rope can be seen separately and also, the work can be seen in its entirety by other angles.

This brought an interesting dynamic to the sculpture, taking and returning its shape, reconnecting the two ends every time the work is experienced through the staircase, a tribute to the rendezvous.













**CICLOTRAMA 82 (intersection) - 2017**

2.76 m x 4 m x 6.6 m

duas cordas de nylon, 18 mm de diâmetro, uma na cor amarela e outra na cor vermelha e 3.200 pregos dourados

two 18 mm diameter nylon ropes, one yellow and one red and 3.200 golden nails

Rijswijk Museum, Holanda  
Instalação site-specific para a exposição coletiva  
"Rijswijk Textile Biennial"  
Curadoria Anne Kloosterboer

Rijswijk Museum, Netherlands  
Site-specific Installation for the group show  
"Rijswijk Textile Biennial"  
Curated by Anne Kloosterboer













Uma vez que o imensurável banco de dados do Facebook tem a forma de “árvore binária”, a ideia aqui foi começar a instalação com um entrelaçamento ou *link* entre 2 cordas e a partir daí, cada uma das pontas segue em Ciclotrama até desaparecer.

Since Facebook's immeasurable database has the shape of a “binary tree”, the idea here was to start the installation with an interlacing or a link between 2 ropes and from then on, each of the ends follows into the *Ciclotrama* until it disappears.

**CICLOTRAMA 112 (link)** - 2019  
13 m x 8 m x 12 m

40 m de corda azul de nylon,  
34 mm de diâmetro  
e 10.000 pregos

40 m of blue nylon rope,  
34 mm diameter  
and 10.000 nails

Facebook Art Program  
Menlo Park | USA  
Instalação Site-Specific permanente  
Curadoria Jessica Shaefer

Facebook Art Program  
Menlo Park | USA  
Permanent Site-specific Installation  
Curated by Jessica Shaefer





find yOur  
Community  
do gOOD  
together

EXIT

Photo: Mariah Tiffany





**CICLOTRAMA (flutuantes) - 2018**

7 m x 10 m x 10 m

6 Ciclotramas da série "flutuantes", tamanhos variados, 4 postes metálicos e fios

6 Ciclotramas of "floating" series, varied sizes, 4 metal posts and threads

Marina da Glória, Rio de Janeiro, Brasil  
Instalação Site-Specific  
Exposição coletiva "A arte delas"  
Curadoria Marc Pottier

Marina da Glória, Rio de Janeiro, Brazil  
Site-specific Installation  
Group show "A arte delas"  
Curated by Marc Pottier









**CICLOTRAMA (flutuantes) - 2018**

7 m x 10 m x 10 m

6 Ciclotramas da série "flutuantes" de tamanhos variados, 4 postes metálicos e fios

6 Ciclotramas of "floating" series with varied sizes, 4 metal posts and threads

Parque do Ibirapuera, São Paulo, Brasil  
Instalação Site-Specific para a exposição coletiva "SP Arte Open Space"  
Curadoria Cauê Alves

Ibirapuera Park, São Paulo, Brazil  
Site-specific Installation for the group show "SP Arte Open Space"  
Curated by Cauê Alves









**CICLOTRAMA 174 (impregnação)** - 2019  
6 m (altura / height) x 7 m x 5 m

50 m de corda preta de nylon, 40 mm de  
diâmetro e 4.200 pregos pretos

50 m of black nylon rope, 40 mm diameter and  
4.200 black nails

Instalação site-specific  
Coleção privada  
Itu, Brasil

Site-specific Installation  
private collection  
Itu, Brazil









“Como site-specific, a instalação da Ciclotrama é única e efêmera em sua natureza irrepetível, uma Ciclotrama nunca é idêntica a outra.”\*

“As site-specific, the Ciclotrama installation is unique and ephemeral in its unrepeatable nature, one Ciclotrama is never identical to another.”\*

\* Carbone, Efsio (2017)  
Ciclotrama, a thoughtful story of Time and Space - Galleria Macca

**CICLOTRAMA 130 (imprégnation) - 2018**  
2.84 m x 2.78 m x 2 m

8 m de corda de dipado, 40 mm de diâmetro  
e 3.200 pregos dourados

8 m of Dipado rope, 40 mm diameter  
and 3.200 golden nails

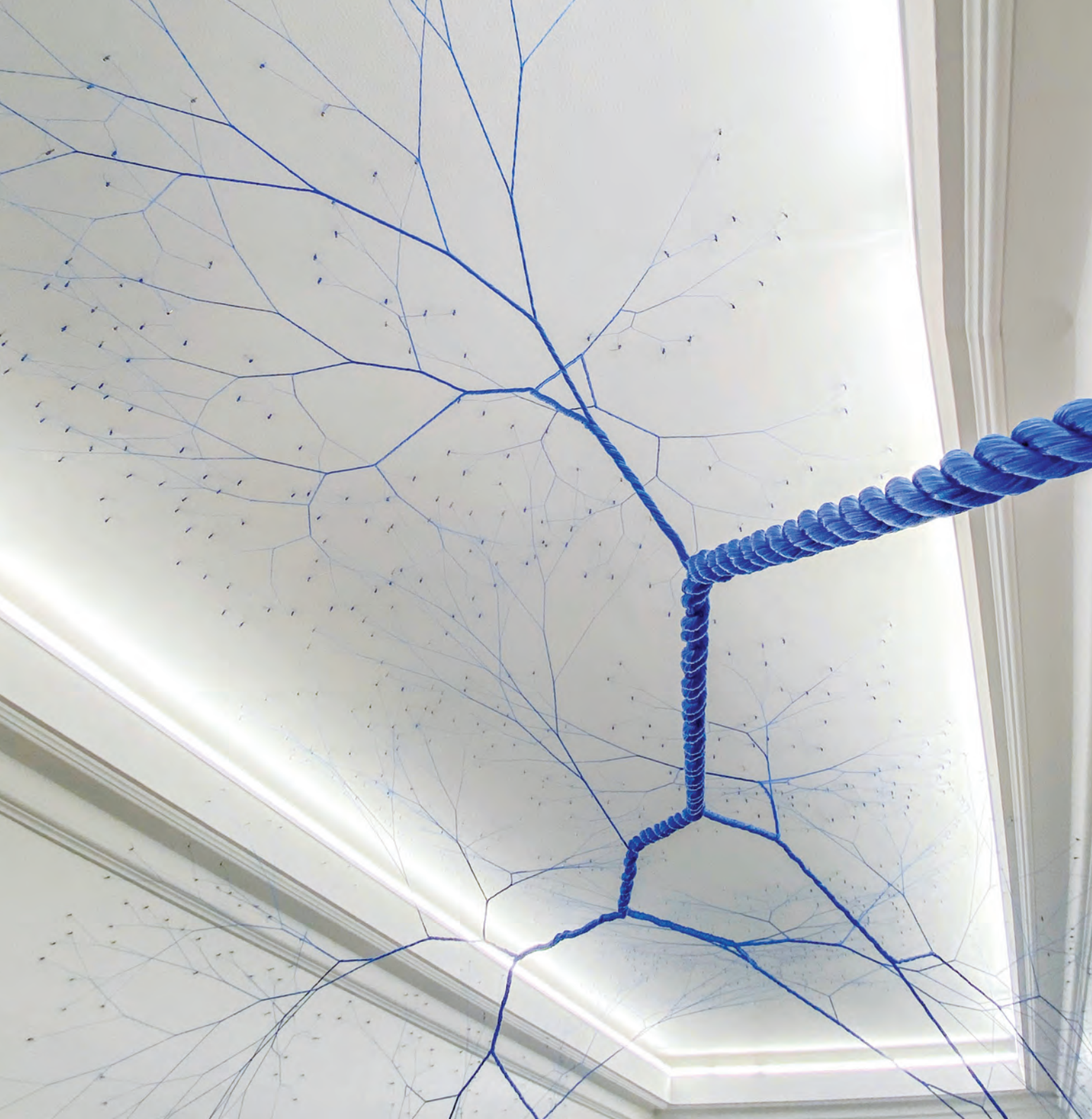
Instalação Site-specific para  
Collection Corinne Ricard,  
Paris, França

Site-specific Installation  
Collection Corinne Ricard,  
Paris, France









**CICLOTRAMA 240 (rendezvous) - 2021**

4.5 m x 4 m x 2.5 m

corda de nylon 12 mm diâmetro e 1080 pregos  
de latão

blue nylon rope diameter 12 mm and approx  
1080 brass nails

Instalação site-specific  
Coleção privada  
Bruxelas, França

Site-specific Installation  
private collection,  
Brussels, Belgium









**CICLOTRAMA 171 (impregnação) - 2019**

3.55 m x 2.66 m x 3.25 m

12 m de corda de dipado, 40 mm de diâmetro e 1.500 pregos dourados

12 m of Dipado rope, 40 mm diameter and 1.500 golden nails

Instalação Site-specific  
coleção particular,  
São Paulo, Brasil

Site-specific Installation  
private collection,  
São Paulo, Brazil







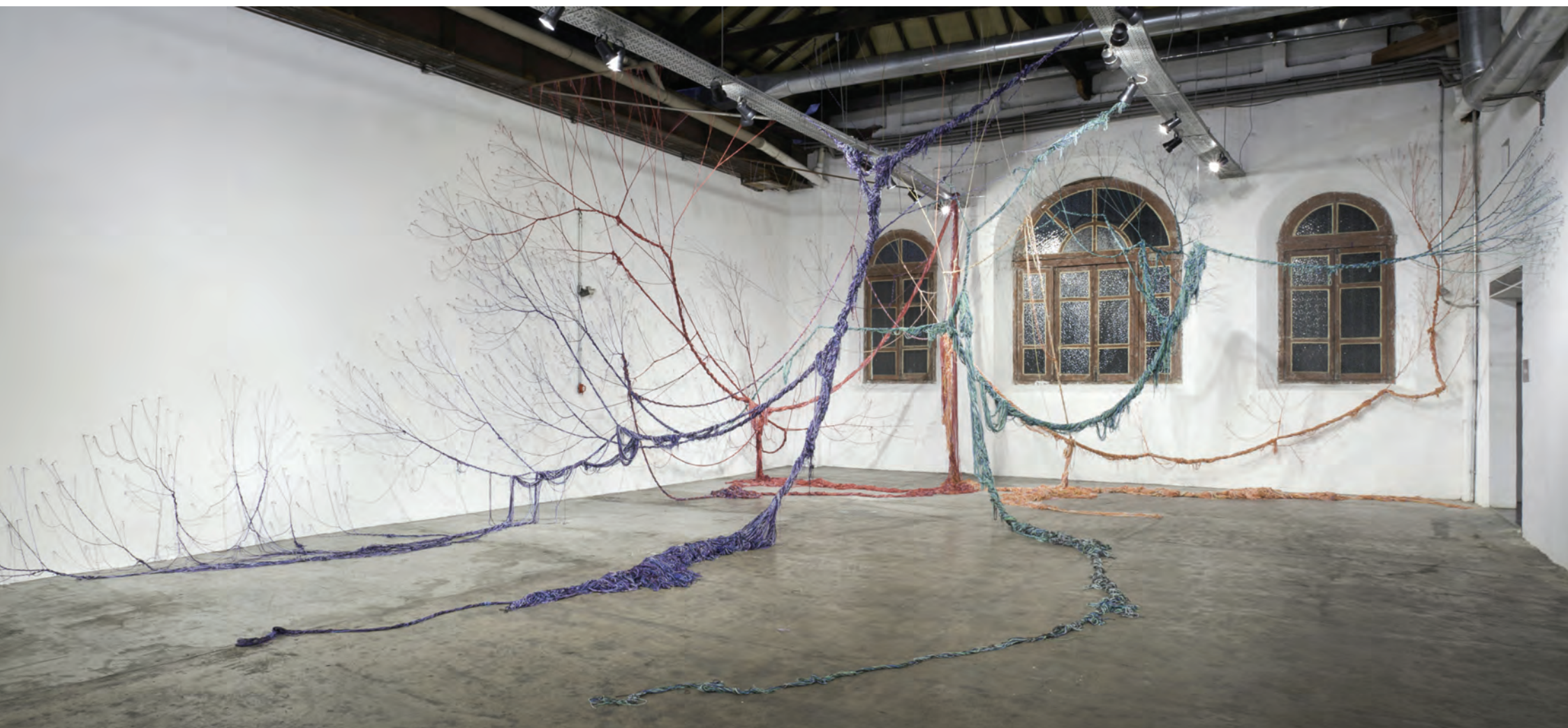


Photo: Eduardo Eckenfels

**CICLOTRAMA 3** - 2012

5.8 m x 10 m x 20 m

50 km de barbantes de algodão e 2.100 pregos

50 km of cotton threads and 2.100 nails

CentoeQuatro Space, Belo Horizonte, Brasil  
Instalação site-specific para a exposição coletiva  
“@Nova Cultura Contemporanea”  
Curadoria David Quiles Guilló

CentoeQuatro Space, Belo Horizonte, Brazil  
Site-specific Installation for the group show  
“@Nova Cultura Contemporanea”  
Curated by David Quiles Guilló





Photo: Eduardo Eckenfels

**CICLOTRAMA 1** - 2010  
2 m x 5,4 m

8 km de fios variados e 1500 pregos  
8 km of various threads and 1500 nails

Espaço 2010, Belo Horizonte, Brasil  
Instalação Site-specific

Espaço 2010, Belo Horizonte, Brazil  
Site-specific Installation



# IMANÊNCIA

## IMMANENCE

Text by Ícaro Ferraz Vidal Jr.

Mais do que uma série de trabalhos, as Ciclotramas de Janaina Mello Landini podem ser pensadas a partir de sua condição de linguagem. Desde 2010, a artista vem investigando diferentes questões através de um sólido núcleo de procedimentos em que explora as relações entre unidade e multiplicidade. Tais relações materializam-se em cordas e fios que se expandem, capilarizados sobre a superfície da tela ou em instalações site specific. Sob a permanência destes procedimentos em diferentes séries – impregnações, aglomerações, expansões, palíndromos, Fibonacci, superstratos, clusters – pulsam enunciados sobre diferentes aspectos da realidade.

More than a simple collection of artworks, Janaina Mello Landini's Ciclotramas form a language. Since 2010, the artist has been addressing different issues through a unique artistic process by which she explores the tensions that arise when unity and multiplicity intertwine. This translates in her twisting of nylon ropes and linen threads that unfold on the surface of the canvas or within site-specific installations. Repeating this process in various series (*Impregnações, Aglomerações, Expansões, Palíndromos, Fibonacci, Superstratos, Clusters*), she makes strong statements on different aspects of reality.





Nas primeiras Ciclotramas, das séries *Impregnações* e *Aglomerções*, Mello Landini explorou a noção de unidade e consolidou o fundamento de sua linguagem: a repetição cíclica de uma trama que tende ao infinito. De lá pra cá, formalizou uma dinâmica reversível entre fios e cordas (palíndromos); comparou potências variáveis, ciclotramando cordas de diferentes constituições, sobre uma mesma tela (*expansões*); engendrou corpos volumosos e orgânicos a partir de uma multiplicidade heterogênea de fios (*superstratos*); e, reorganizando essa mesma multiplicidade, criou uma estrutura reticular contínua, colorida, não hierarquizada e de densidade variável (*clusters*). Imanência, série mais recente da artista reunida em sua terceira exposição individual na Galerie Virginie Louvet, retorna à questão das relações entre unidade e multiplicidade, apostando no conceito que a intitula em, pelo menos, dois níveis: um estrutural e o outro metalinguístico.

Estruturalmente, as Ciclotramas da série Imanência possuem singularidades em relação às anteriores. Aqui, cordas e fios se alastram e sobrepõem, transbordando a superfície da tela. O quadro deixa de delimitar um espaço analítico no qual a corda é apreendida em sua unidade, e passa a descortinar um plano relacional e múltiplo. Os fios que se espalham sobre as Imanências possuem a mesma tonalidade das telas que os acolhem, exceto por um feixe, azul vibrante, que aparece em cada uma das obras. Este corpo azul se apresenta como uma unidade que, não apenas se desdobra e prolonga, mas se individuala em meio à trama imanente que compõe a obra. A reaparição pontual do azul a cada Ciclotrama da série sugere uma aposta ontológica na imanência, para além dos limites das telas. Essas obras funcionam como janelas através das quais acessamos os fluxos e as relações que dão consistência ao que entendemos como realidade.

O outro nível, metalinguístico, está associado ao próprio processo de consolidação da Ciclotrama como linguagem desenvolvida em uma relação imanente com a matéria. Além do interesse pelo tema filosófico, a artista extrai, das propriedades materiais das coisas do mundo, analogias que descortinam dinâmicas e modos de organização presentes nas mais variadas ordens de grandeza – de organismos vegetais a tecidos do corpo humano, passando por organizações cósmicas, tecnológicas e sociais. A imanência não é apenas representada estruturalmente nestes trabalhos de Mello Landini, ela é território existencial e poético pelo qual a artista vem transitando com desenvoltura e argúcia.

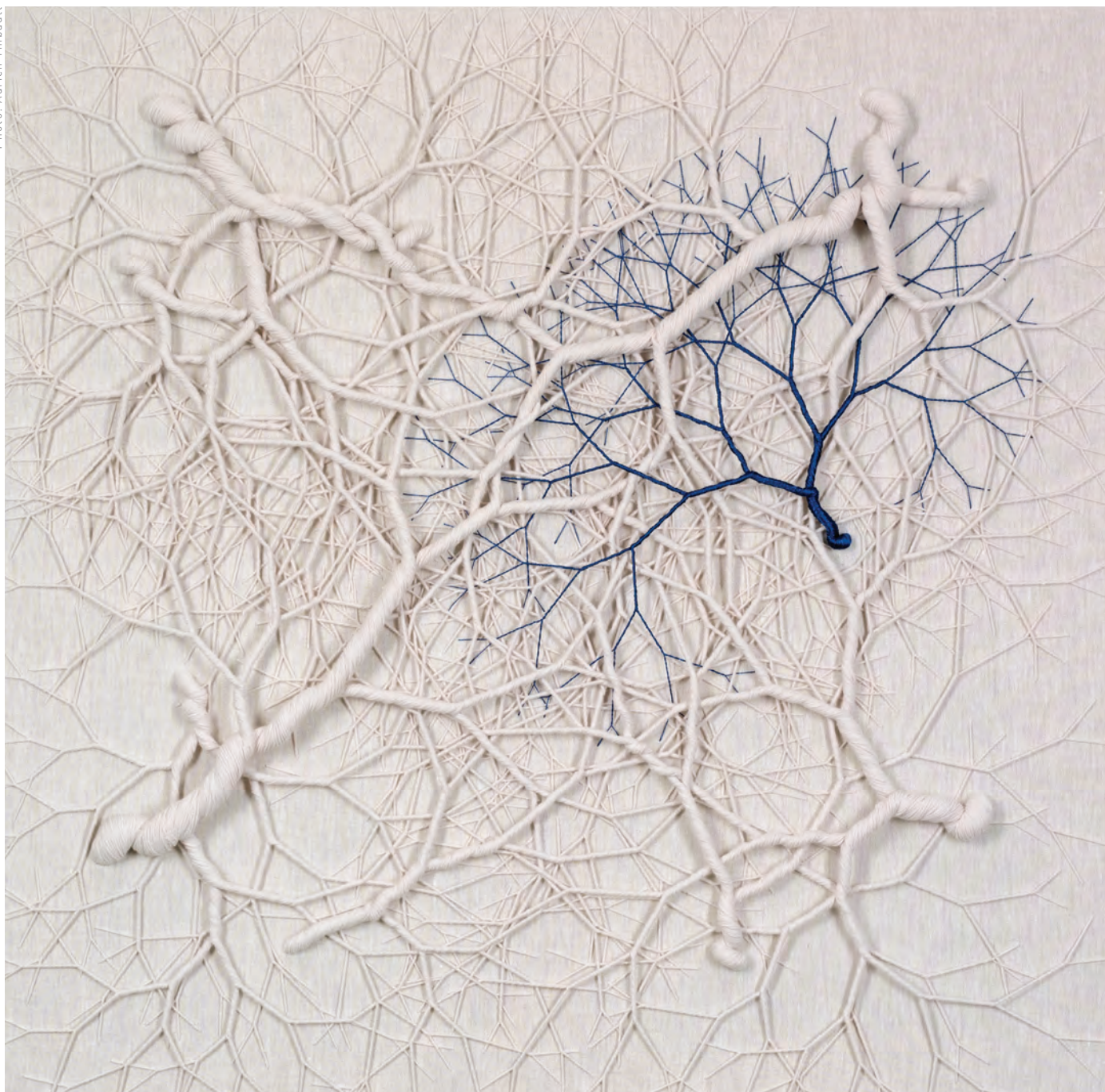
In her first Ciclotramas, from her series *Impregnações* and *Aglomerções*, Mello Landini focused on the concept of unity and defined her artistic language: the cyclical repetition of a weft tending towards infinity. From one work to the next, the artist formalized a reversible dynamic between threads and strings (*Palíndromos*); compared variable powers, untangling different strings on a single panel (*Expansões*); generated voluminous and organic bodies from a heterogeneous multiplicity of threads (*Superstratos*); and, by reorganizing this same multiplicity, created a continuous, colored, non-hierarchical, reticular structure of variable density (*Clusters*). Her most recent series, entitled *Immanence*, and presented at the artist's third solo exhibition at the Virginie Louvet gallery, questions once again the relationship between unity and multiplicity, addressing the topic of immanence on two levels: a structural level and a metalinguistic one.

Compared to her previous works, Ciclotramas of the *Immanence* series differ in terms of structure. Here, the ropes and threads spread out and overlap, overflowing the surface of the canvas. The frame no longer represents an analytical space in which the rope is apprehended in its unity but acts as a multi-faceted relational plane. The threads that spread out have the same hue as the canvases, except for a bundle of vibrant blue that spreads and stands out in each of the works. This blue body is presented as a unit that not only unfolds and expands, but also stands out within the immanent framework that constitutes the work. The constant reappearance of blue in each of these Ciclotramas suggests an ontological interpretation of immanence, beyond the limits of the canvases. These works act as windows through which viewers see the flows and connections that give consistency to what we understand as reality.

The metalinguistic level is linked to the very process of affirming the Ciclotramas as a language developed in an immanent relationship to matter. In addition to the philosophical issues at hand, the material properties of things give the artist the opportunity to highlight analogies that reveal modes of organization at every scale, from plant organisms to the tissues of the human body, as well as cosmic, technological, and social orders. Immanence is not only represented through structure in Mello Landini's works, but it also constitutes an existential and poetic territory that the artist explores with ease and insight.







Na Série Imanência, a visão conceitual do Plano de Imanência de Deleuze e Guattari guia a pesquisa. A ideia da singularidade de “Uma Vida”, trazida pelo autores, se faz presente no corpo colorido de uma Ciclotrama em meio a tantas outras tramas monocromáticas que se espalham para além das bordas da tela.

In the Immanence Series, Deleuze and Guattari's conceptual view of the Plane of Immanence guides the research. The idea of the uniqueness of “A Life”, brought by the authors, is present in the colored Ciclotrama body amidst many other monochromatic webs that spread beyond the edges of the screen.

**CICLOTRAMA 295 (Imanência)** - 2022  
80 cm x 80 cm

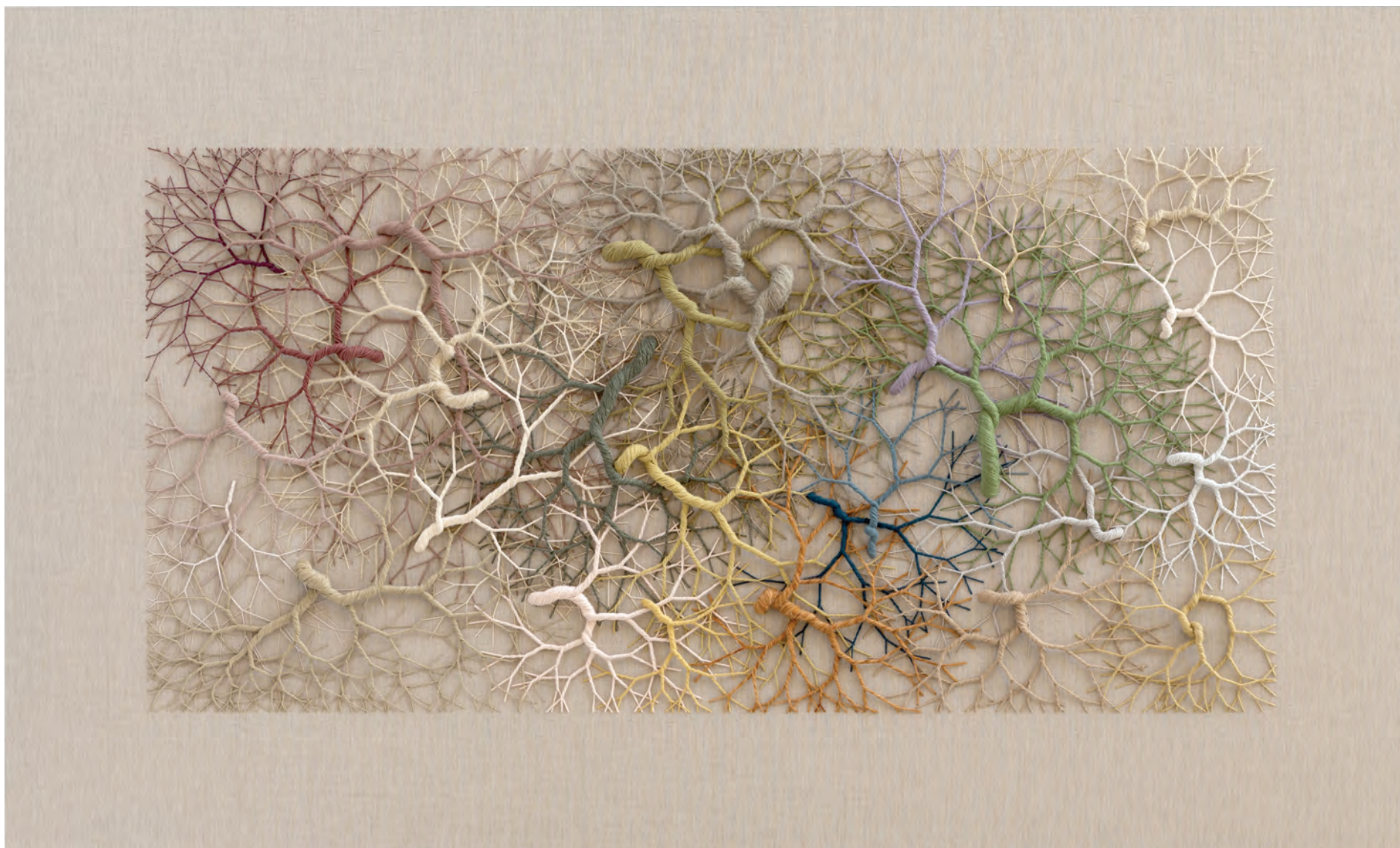
fios variados sobre linho

assorted yarns on linen









**CICLOTRAMA 275 (cluster) - 2022**

120 cm x 200 cm

fios variados sobre linho

assorted yarns on linen

Na Série Clusters, a margem vazia das telas sugere a ideia de representação de um recorte de algo muito maior e introduz o conceito de relação de ordem entre indivíduos distintos.

In the Clusters Series, the blank margin of the canvases suggests the idea of representing a cutout of something much larger and introducing the concept of organization between different individuals..









Na Série Superstrato, discorrendo sobre as origens e significados desta palavra, camadas volumosas e biomórficas são engendradas a partir de fios de tipos diversos e configuram corpos complexos.

In the Superstrato Series, discussing over over the origin and meaning of this word, voluminous and biomorphic layers are engendered from threads of different types and configure complex bodies.

**CICLOTRAMA 192 (superstrato)** - 2020  
60 cm x 40 cm

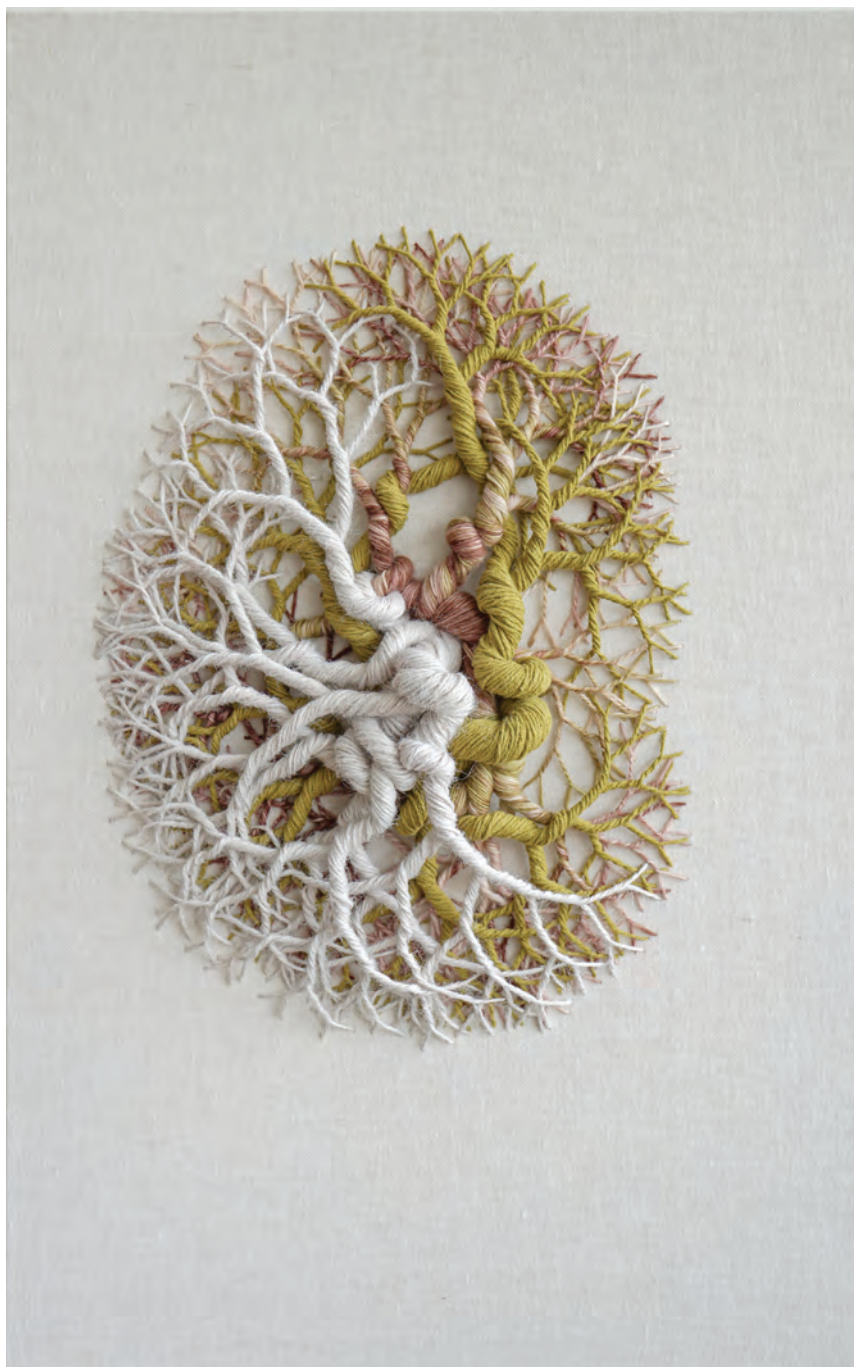
fios de algodão e lã sobre canvas

cotton and wool threads on canvas









**CICLOTRAMA 209 (superstrato)** - 2021  
80 cm x 50 cm

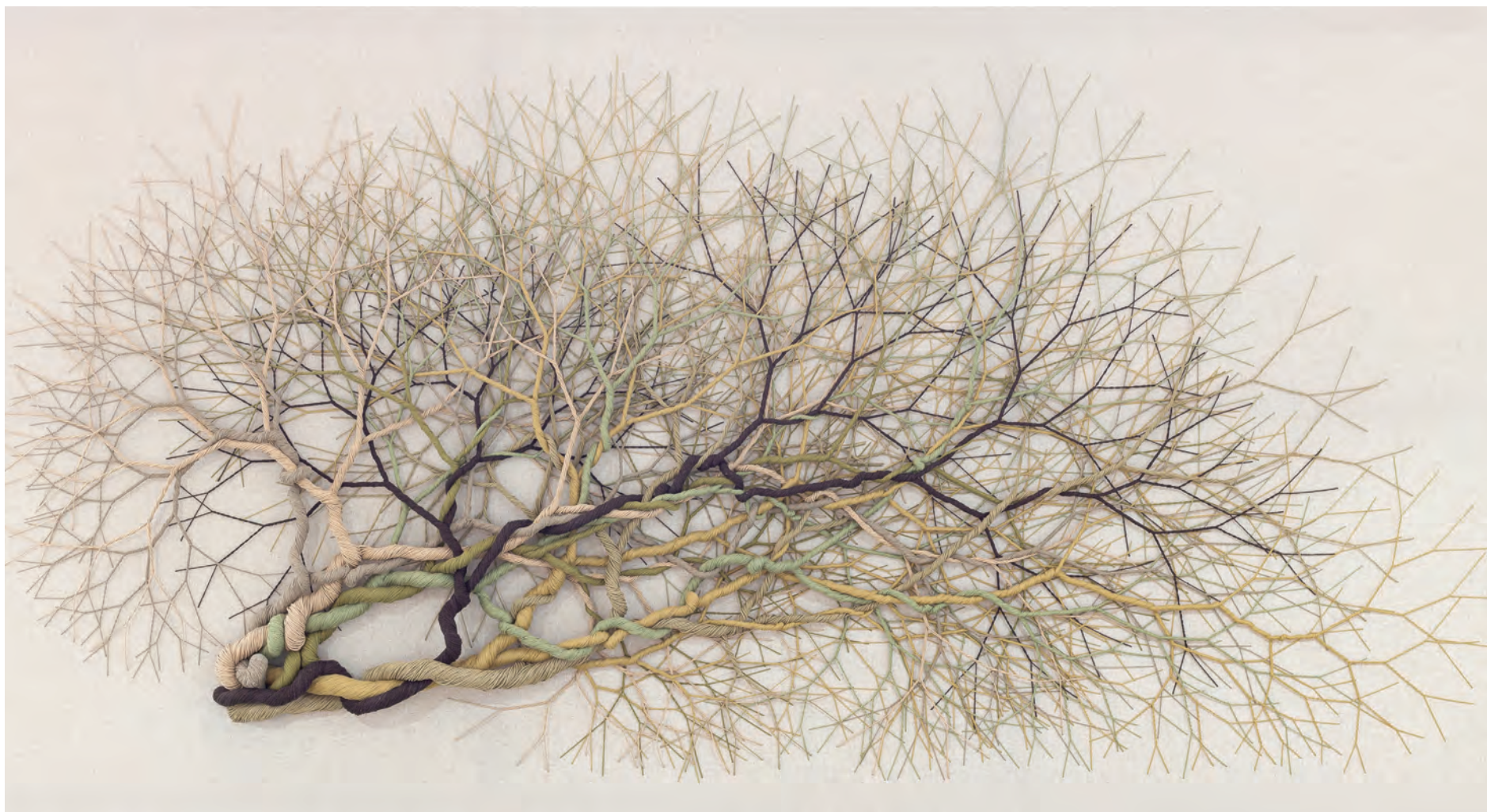
fios de algodão e lã sobre canvas

cotton and wool threads on canvas









**CICLOTRAMA 243 (superstrato)** - 2021  
170 cm x 340 cm

fios variados sobre linho  
assorted threads on linen









**CICLOTRAMA 253 (superstrato)** - 2021  
150 cm x 150 cm

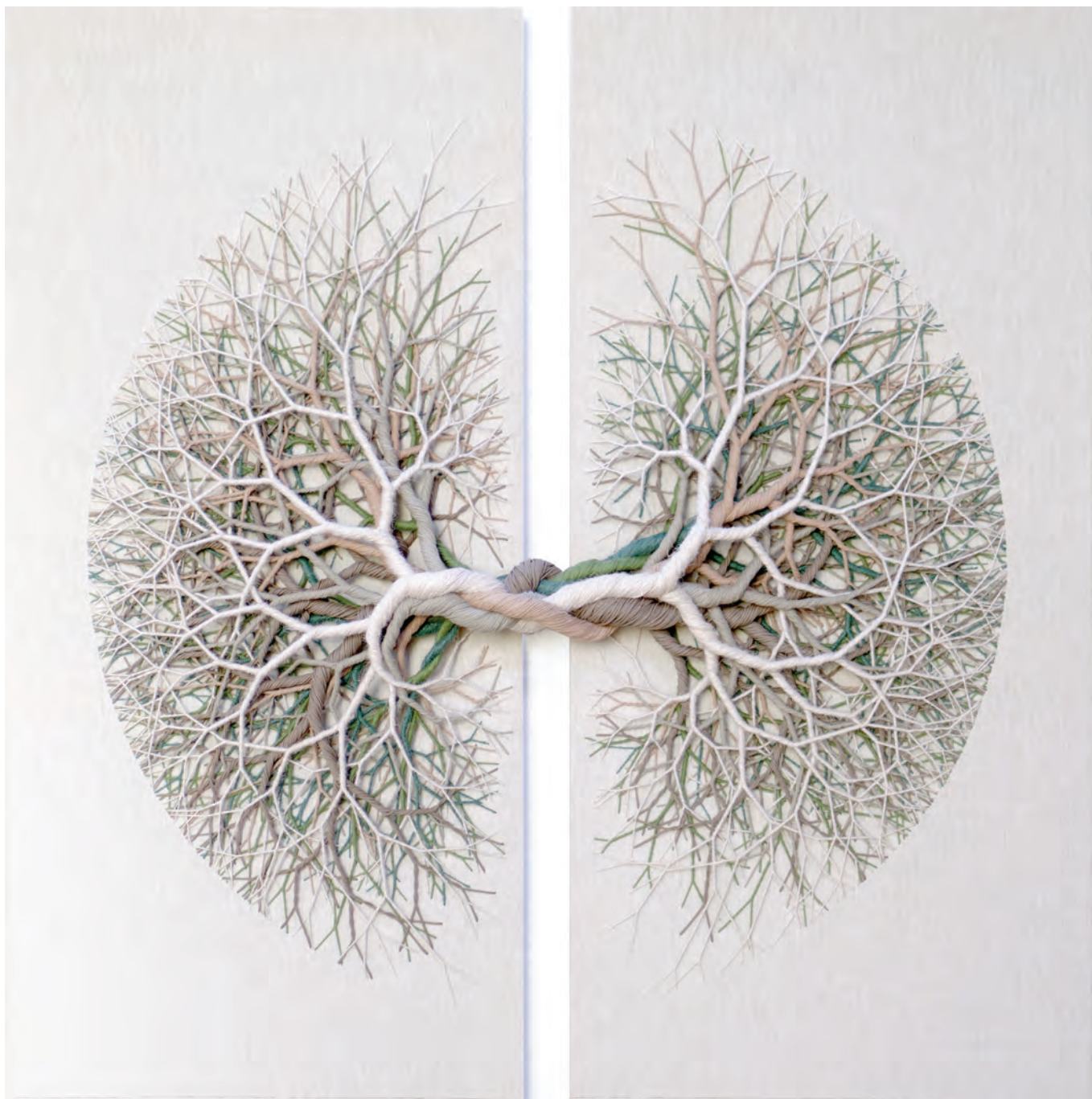
fios variados sobre linho

assorted threads on linen









**CICLOTRAMA 301 (superstrato)** - 2022  
120 cm x 120 cm [diptych]

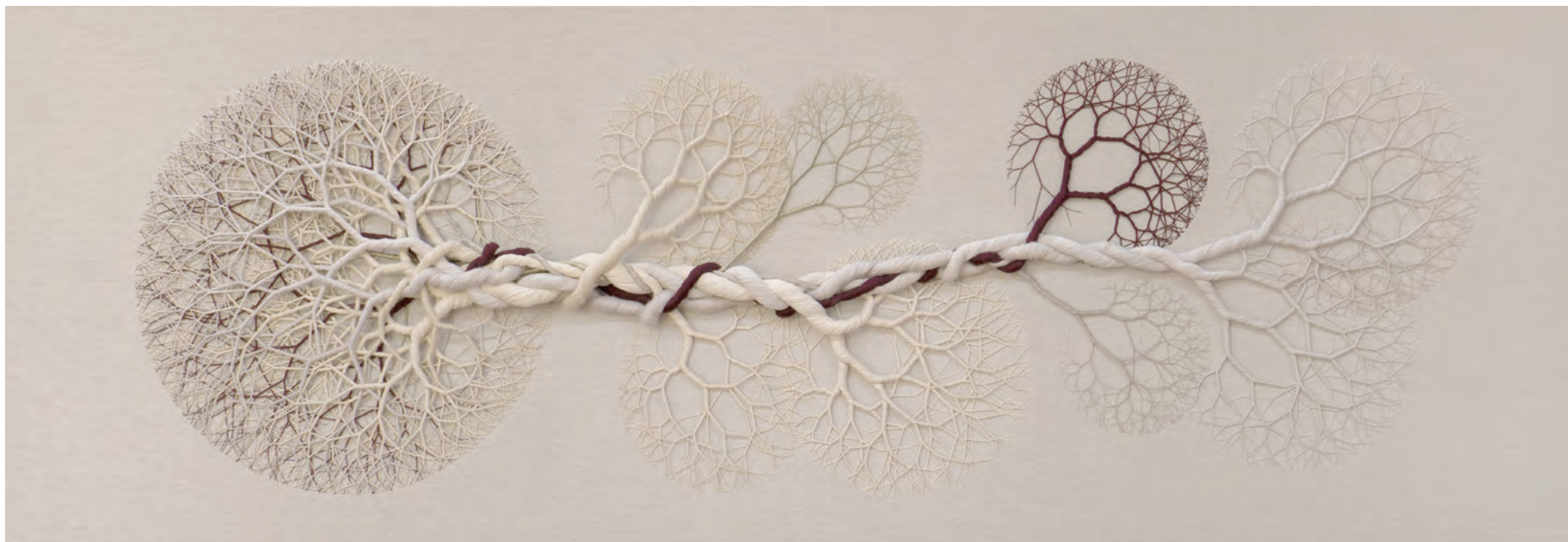
fios variados sobre linho

assorted threads on linen









**CICLOTRAMA 282 (analítico)** - 2022  
100 cm x 300 cm

fios variados e bordado sobre linho  
assorted threads and embroidery on linen

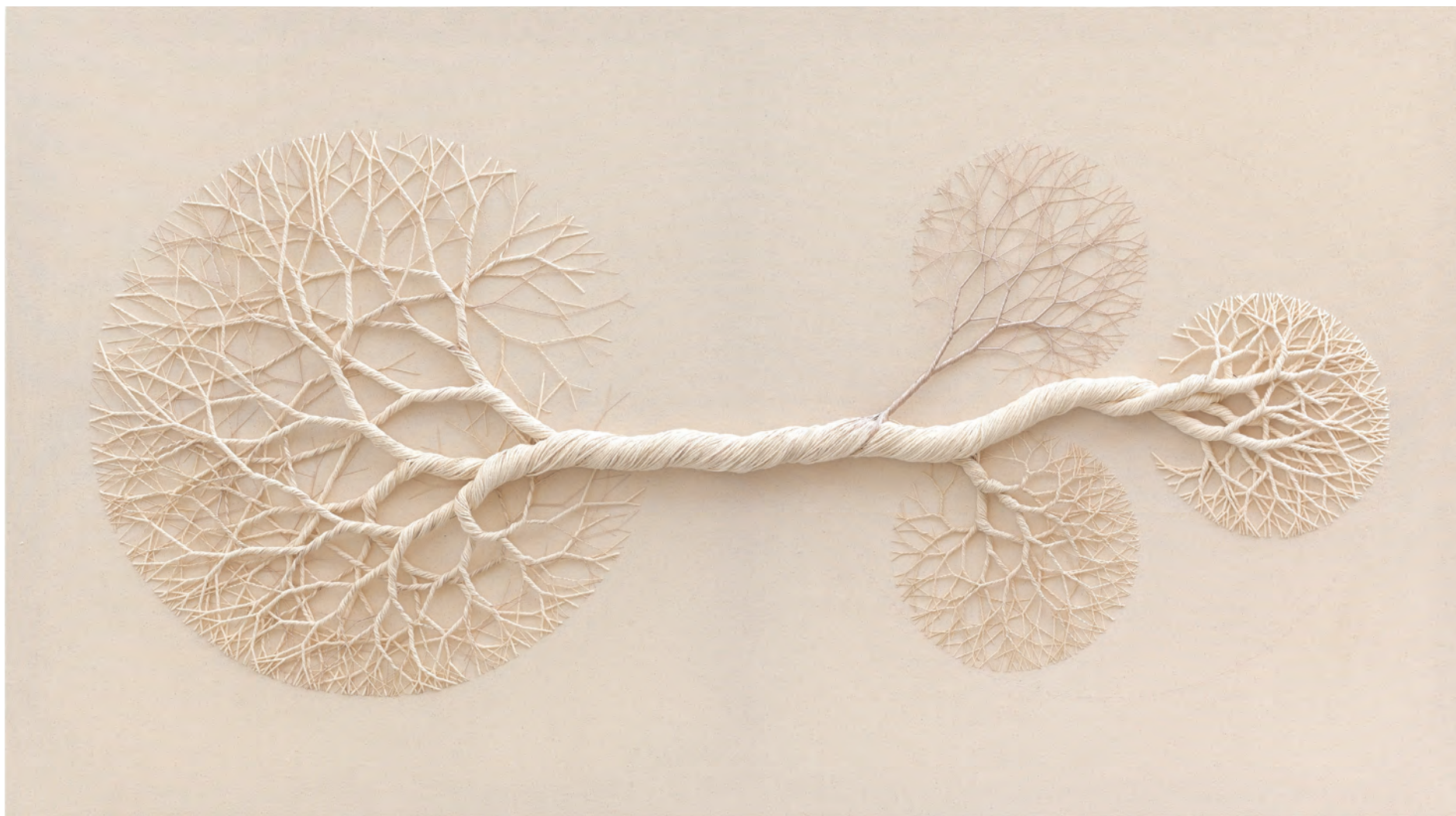
Na série pandêmica dos Analíticos, os fios se configuram em novas delimitações geométricas contidas e distintas.

In the pandemic series of Analyticals, the threads are configured in new contained and distinct geometric delimitations.









**CICLOTRAMA 196 (analítico)** - 2020  
100 cm x 180 cm

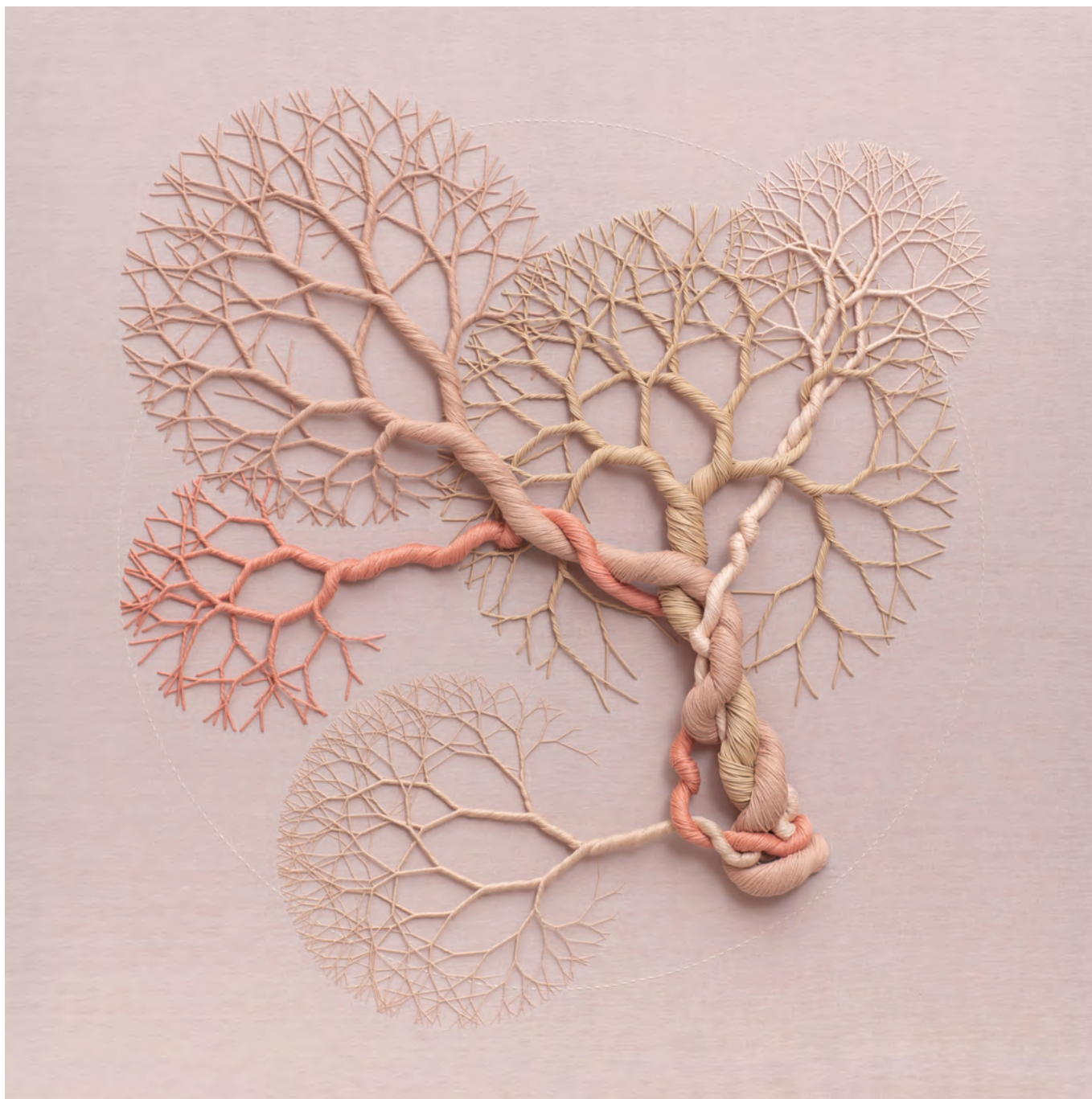
fios variados e bordado sobre linho

assorted threads and embroidery on linen









**CICLOTRAMA 220 (analítico)** - 2021  
120 cm x 120 cm

fios variados rosados e bordado sobre linho  
rosa

assorted pink threads and embroidery on pink  
linen









**CICLOTRAMA 247**  
(after Santiago Ramón y Cajal) - 2021  
200 cm x 200 cm

fios encerados sobre linho

waxed yarn over linen

diálogo com o neurocientista Santiago Ramón y Cajal

dialogue with the neuroscientist Santiago Ramón y Cajal



A Série Diálogos acontece pela afinidade conceitual. A progressão geométrica dos fios da trama foi substituída pela sequência de Fibonacci em diálogo com o matemático Leonardo Fibonacci. A aproximação com a pesquisa do neurocientista Santiago Ramon y Cajal também estimulou um diálogo sobre a configuração dos neurônios cerebrais.

The Dialogues Series happen by conceptual affinity. The geometric progression of the weft threads was replaced by the numeric Fibonacci sequence, in dialogue with the mathematician Leonardo Fibonacci. Neuroscientist Santiago Ramón y Cajal's research approach has also sparked a conversation about the configuration of brain neurons.

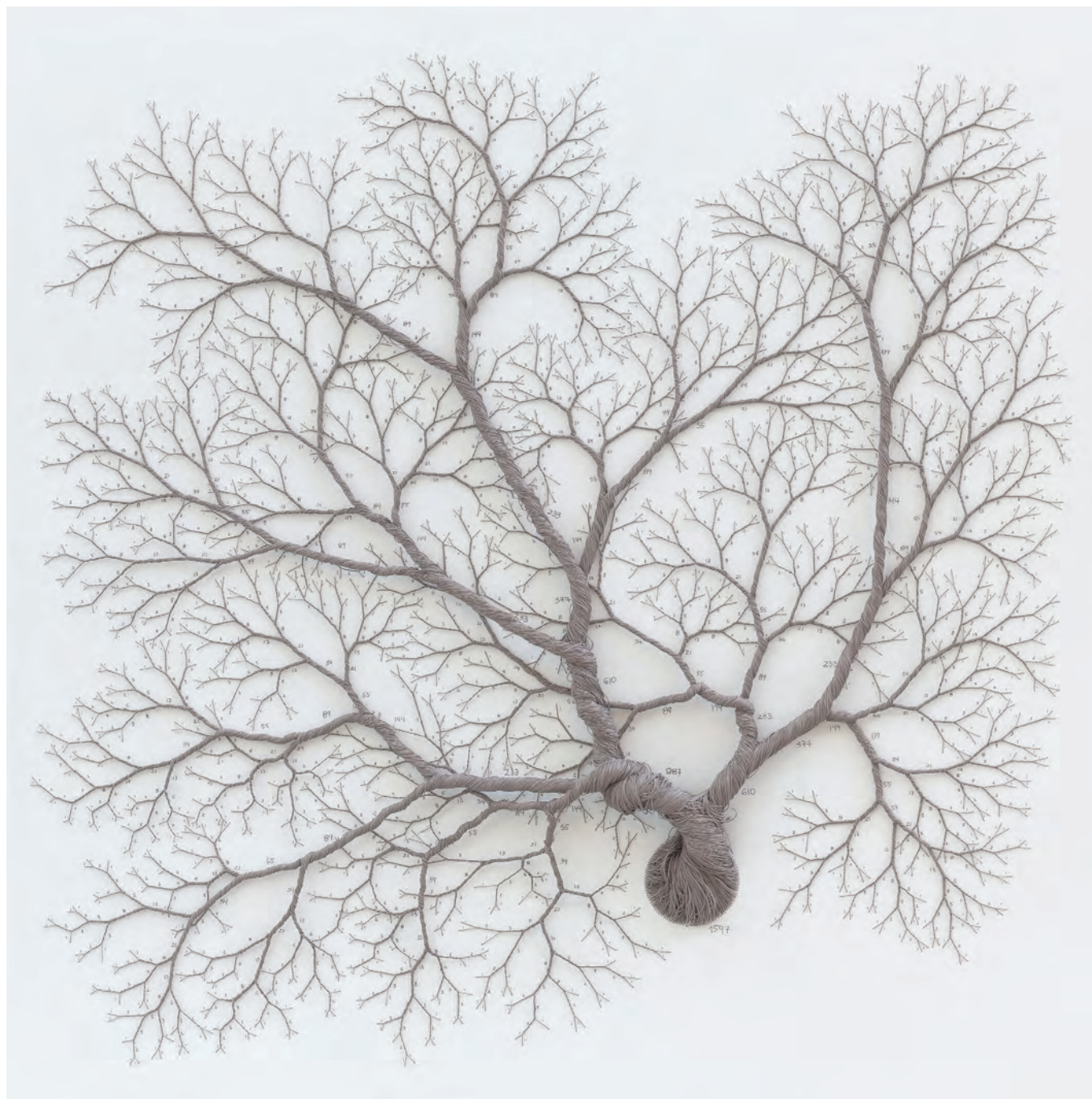
**CICLOTRAMA 177 (Fibonacci)** - 2020  
170 cm x 170 cm

fios encerados e caneta acrílica sobre canvas

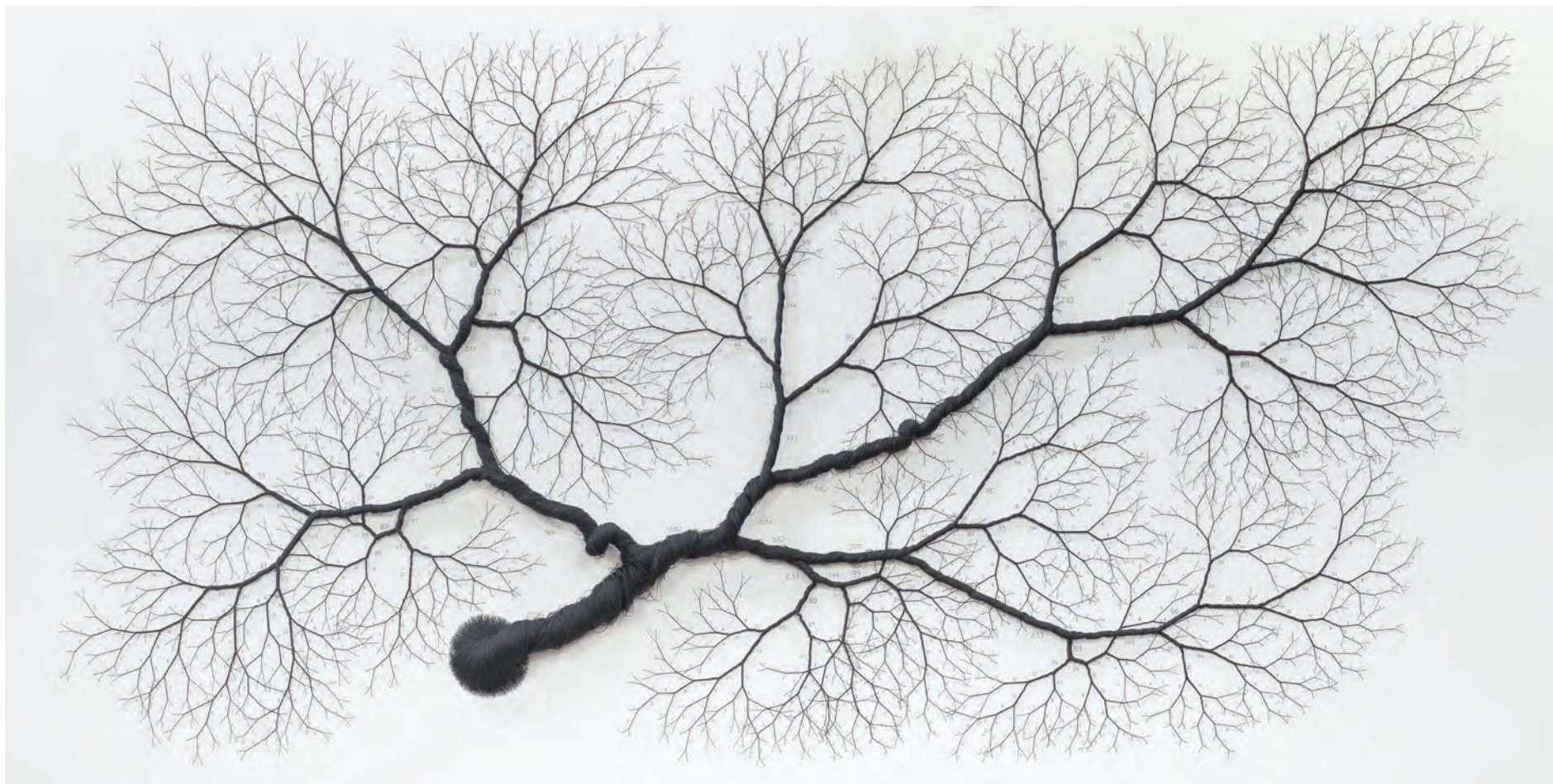
waxed threads and acrylic pen on canvas

diálogo com o matemático Fibonacci

dialogue with the mathematician Fibonacci







**CICLOTRAMA 193 (Fibonacci)** - 2020

170 cm x 340 cm

fios encerados e caneta acrílica sobre canvas

waxed threads and acrylic pen on canvas

diálogo com o matemático Fibonacci

dialogue with the mathematician Fibonacci





233

372

34

144

89

987

55

55

34

34

2584





**CICLOTRAMA 161 (palíndromo)** - 2019

120 cm x 180 cm

corda artesanal de algodão sobre linho

handmade cotton rope on linen



Na Série Palíndromo, cujas extremidades foram ambas "ciclotramadas", formaliza-se a leitura cíclica entre fio versus corda versus fio, trazendo um viés hermético, uma vez que todos os fios de um lado da corda também estão do outro lado dela.

A série Mãe Natureza (foto da capa) é um Palíndromo agigantado. Numa referência aos haplogrupos ou as árvores genealógicas, estas Ciclotramas usam cordas no lugar de fios e colocam em questão uma escala que ultrapassa o ciclo da vida individual mas que ao mesmo tempo o compõe.

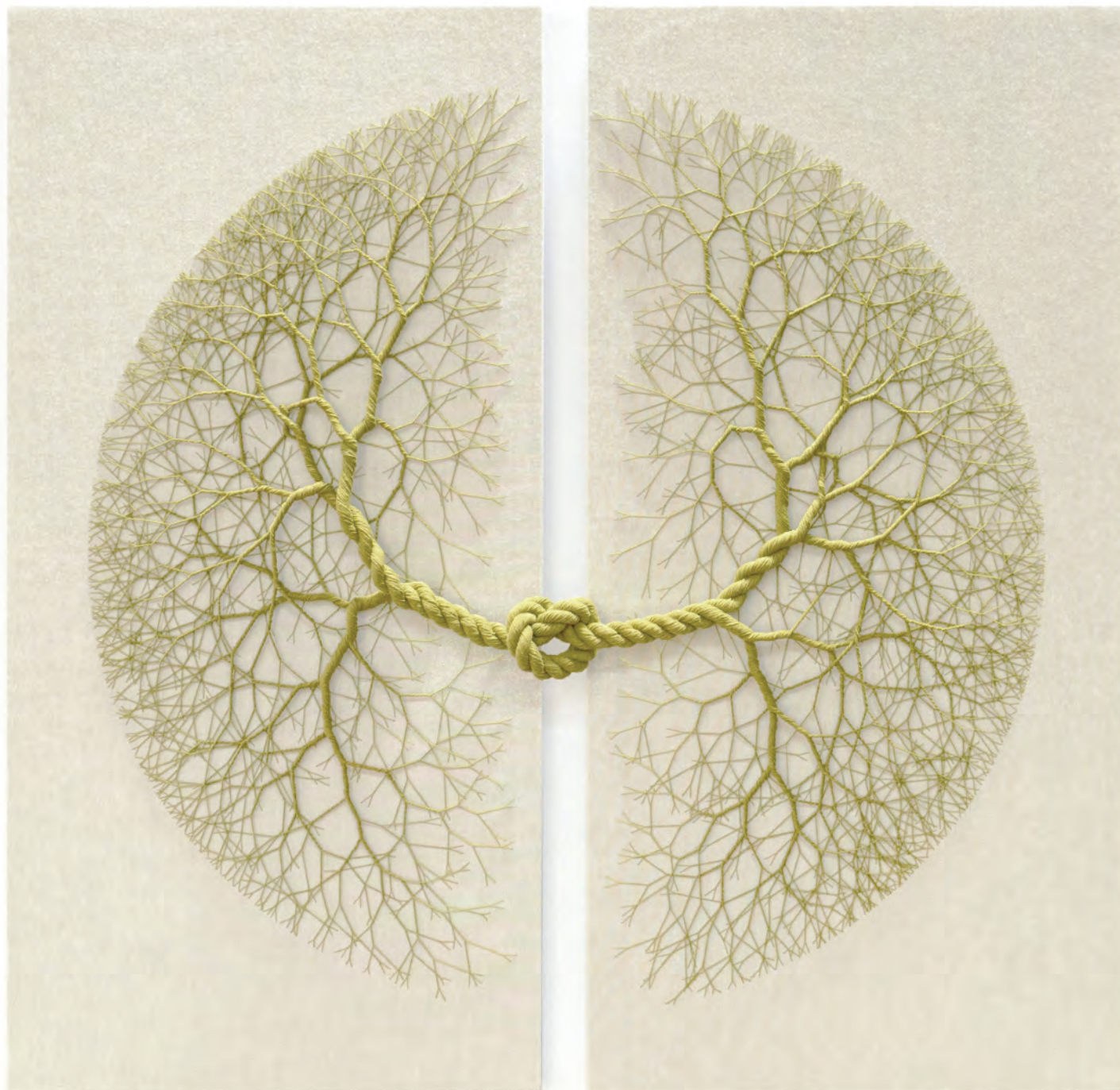
In the Palíndromo Series, whose ends were both "ciclotramed", the cyclic reading between thread versus rope versus thread is formalized, bringing a hermetic point of view, since all the threads on one side of the rope are also on the other side of it.

The Mother Nature series (cover photo) is a gigantic Palindrome. In a reference to haplogroups or the genealogical tree, these Ciclotrama use ropes instead of threads and call into question a scale that goes beyond the individual life cycle but at the same time composes it.

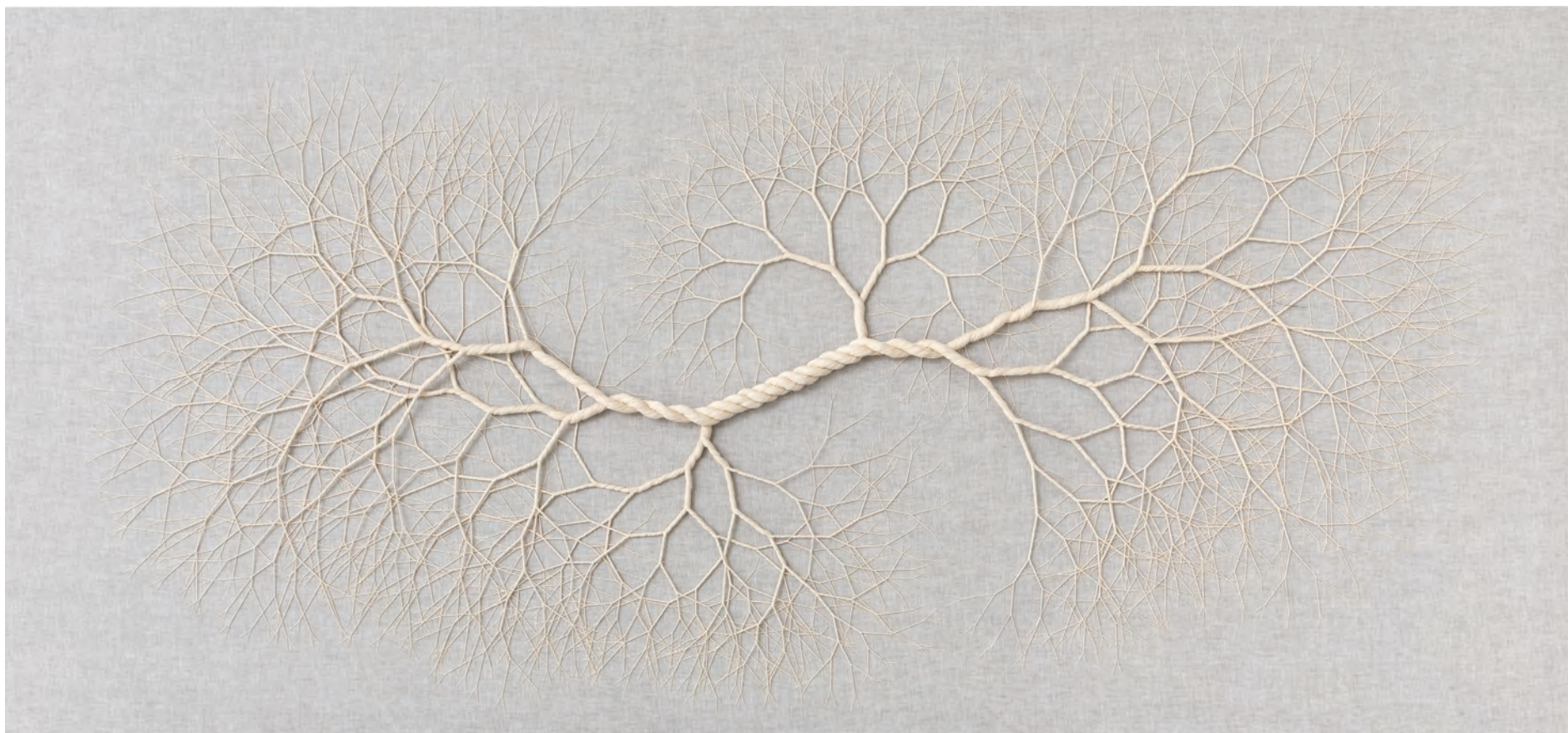
**CICLOTRAMA 156 (palindrome)** - 2019  
138 cm x 138 cm (diptych)

corda atesanal de algodão sobre linho

handmade cotton rope on linen







**CICLOTRAMA 168 (palíndromo)** - 2019

120 cm x 260 cm

corda artesanal de algodão sobre linho

handmade cotton rope on linen



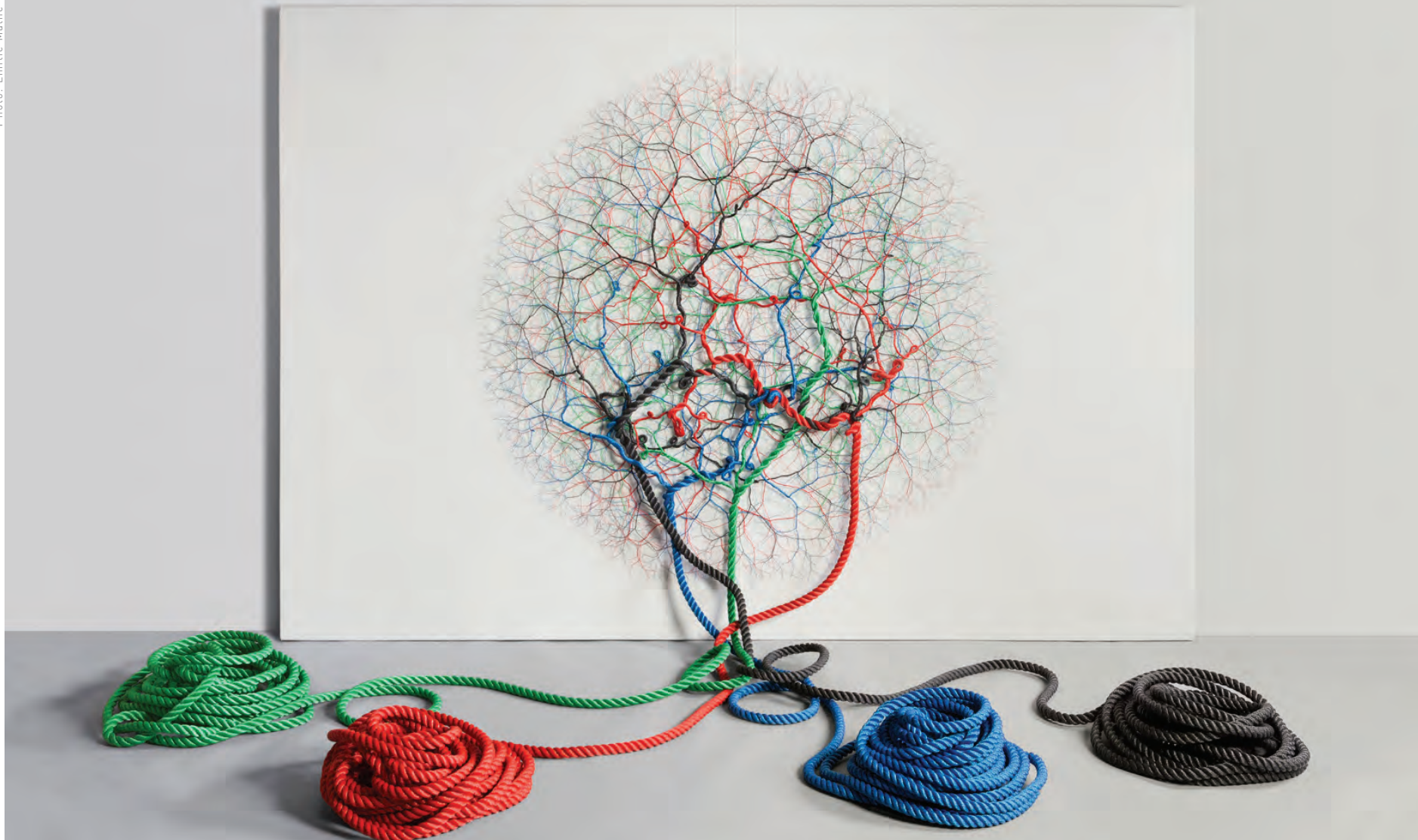


**CICLOTRAMA 163 (palíndromo)** - 2019  
120 cm x 260 cm

corda artesanal de algodão sobre linho

handmade cotton rope on linen





**CICLOTRAMA 115 (writing) - 2018**

180 cm x 260 cm

4 cordas, 24 mm de diâmetro, verde, vermelha, preta e azul,  
20 m cada, sobre tecido de vela de barco e bordado

4 ropes, 24 mm diameter, green, red, black and blue,  
with 20 m long each, embroidered on sailcloth

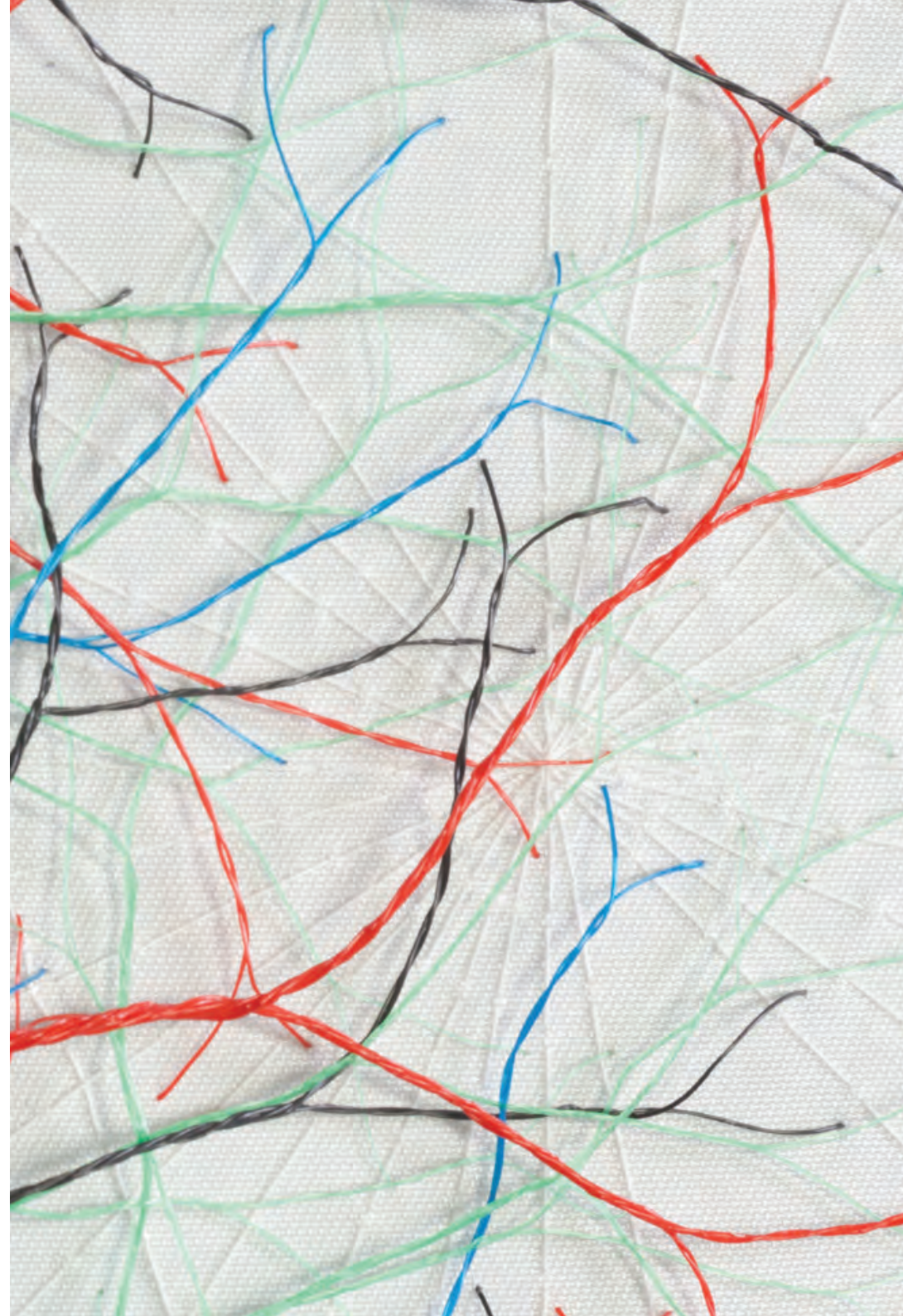
BIC Collection  
CENTQUATRE, Paris, França

Instalação site-specific para a exposição coletiva "BIC Collection"  
Curadoria de: Hervé Mikaeloff e Ingrid Pux

BIC Collection  
CENTQUATRE, Paris, France

Site-specific Installation for the group show "BIC Collection"  
Curated by: Hervé Mikaeloff and Ingrid Pux









Na série Expansão, cordas de diferentes constituições apoiadas sobre o chão sobem em direção à tela feita de vela náutica e bordada com as linhas da Rosa dos Ventos, faz-se referência às cartas náuticas de Portulano, delimitando cada uma das cordas suas próprias projeções cartográficas como referência a este novo modo solipsista de estar no mundo através das redes de internet.

In the Expansão series, ropes of different constitutions resting on the ground and rise towards the canvas made of nautical sails and embroidered with the lines of the Compass Rose, referring to Portulano's nautical charts, each of the ropes delimiting their cartographic projections as a reference to this new solipsistic way of being in the world through internet networks.

**CICLOTRAMA 160 (expansão) - 2019**  
160 cm x 160 cm

12 cordas de nylon azul, diâmetros variados sobre tecido de vela de barco bordado com linha branca

12 blue nylon ropes of varying diameter on sailcloth, embroidered in white thread

Coleção do MAR (Museu de Arte do Rio)  
Rio de Janeiro, Brasil

MAR (Rio Art Museum) Collection  
Rio de Janeiro, Brazil



**CICLOTRAMA 114 (vento)** - 2018  
200 cm x 200 cm

15 m de corda azul de nylon 24 mm de  
diâmetro sobre vela de barco e  
gancho de amarração para barco  
em aço inox

15 m of nylon rope 24 mm diameter  
on sailcloth embroidered and stainless steel  
cleat





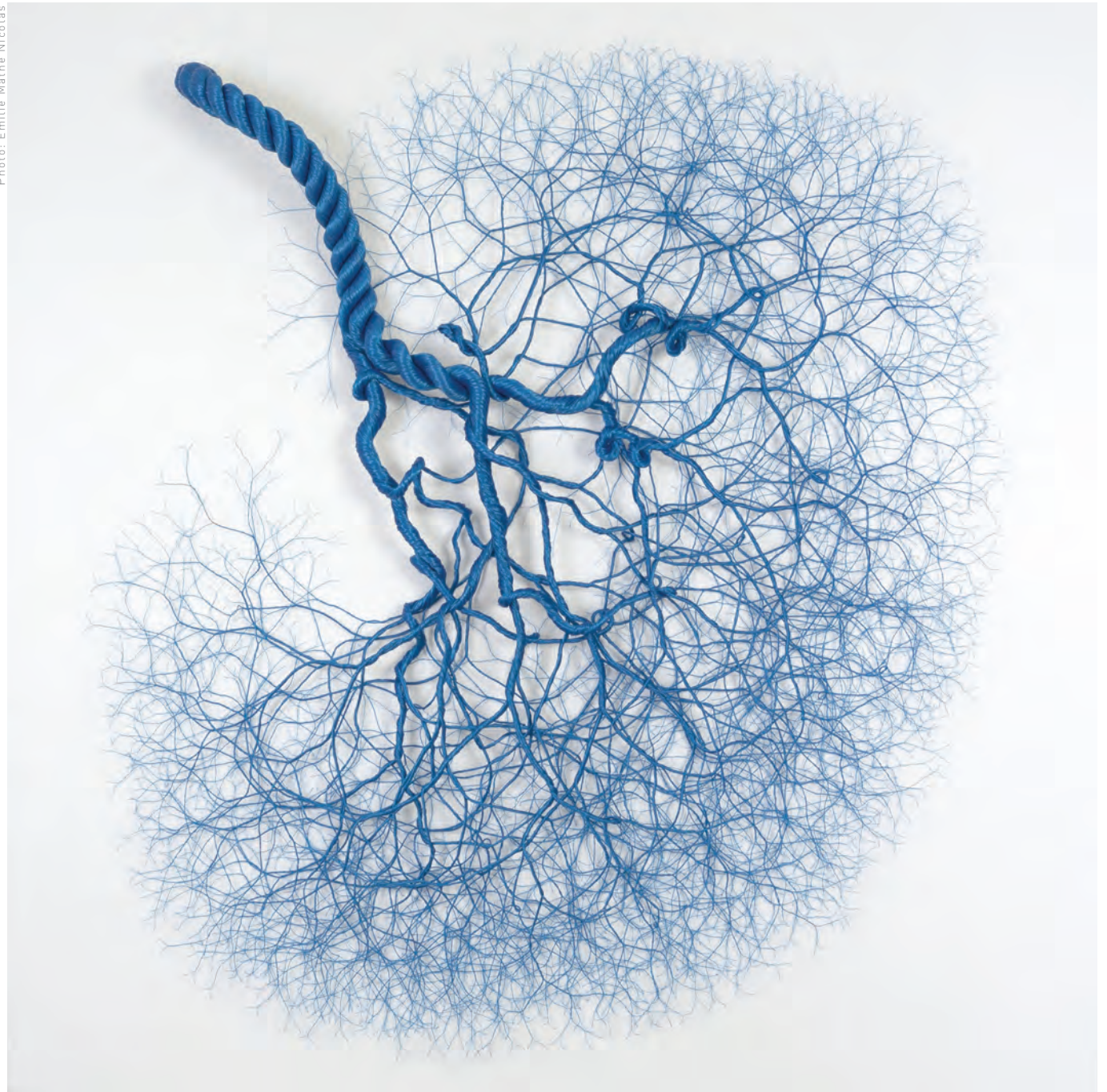


**CICLOTRAMA 122 (vento)** - 2018  
135 cm x 200 cm

15 m de corda azul de nylon 24 mm de diâmetro  
sobre vela de barco e gancho de amarração  
para barco em aço inox

15 m of nylon rope 24 mm diameter on sailcloth  
embroidered and stainless steel cleat





**CICLOTRAMA 125 (aglomeração) - 2018**  
135 cm x 135 cm

2 m de corda azul de nylon 45 mm de diâmetro  
sobre vela de barco

2 m of nylon rope 45 mm diameter on sailcloth





Photo: Emilie Mathé Nicolas

**CICLOTRAMA 126 (aglomeração) - 2018**  
200 cm x 200 cm

corda de dipado preta, 38 mm de diâmetro  
sobre linho rústico

black dipado rope, 38 mm diameter on raw linen



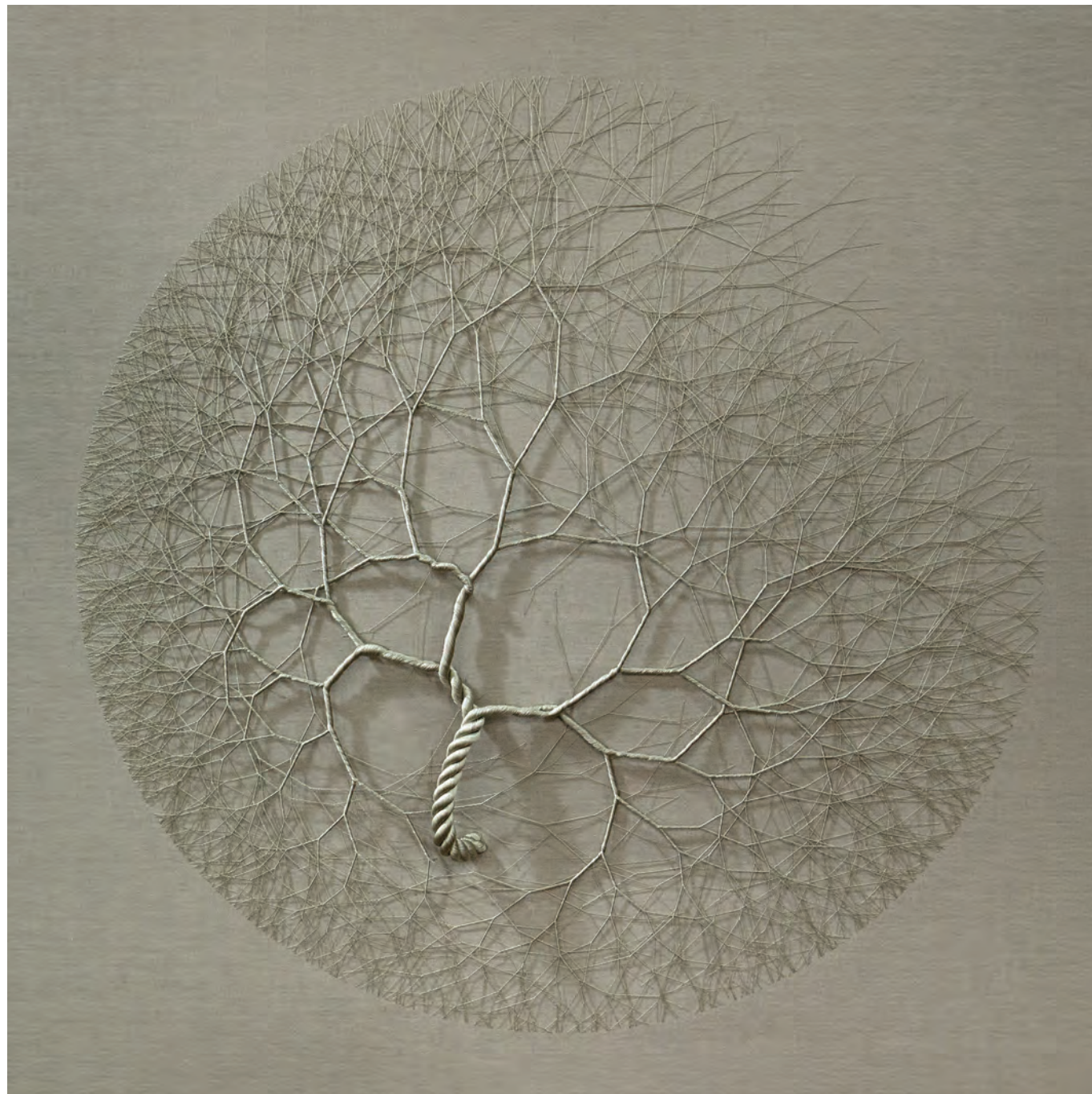
A Série Aglomeração surge a partir das imagens trazida pelo atlas de anatomia humana e cirurgia de J.M.Bourgery e N.H.Jacob, onde a anatomia dos órgãos revela que as veias são estruturas semelhantes às Ciclotramas uma vez que o sangue é um fluido, assim como a seiva das plantas e a água dos rios, esta forma está diretamente ligada à hidrodinâmica revelada por Leonardo da Vinci ao tentar desenhar árvores. A partir desse momento, surgem sobreposições das tramas da Ciclotrama, criando uma estrutura mais próxima a um rizoma.

The Agglomeration Series emerges from the images brought by the atlas of human anatomy and surgery by J.M.Bourgery and N.H.Jacob, where the anatomy of the organs reveals that the veins are structures similar to Ciclotramas since blood is a fluid, as well as the sap of plants and the water of rivers, this shape is linked to the hydrodynamics revealed by Leonardo da Vinci when trying to draw trees. From that moment on, overlaps of the weft appear, creating a structure similar to a rhizome.

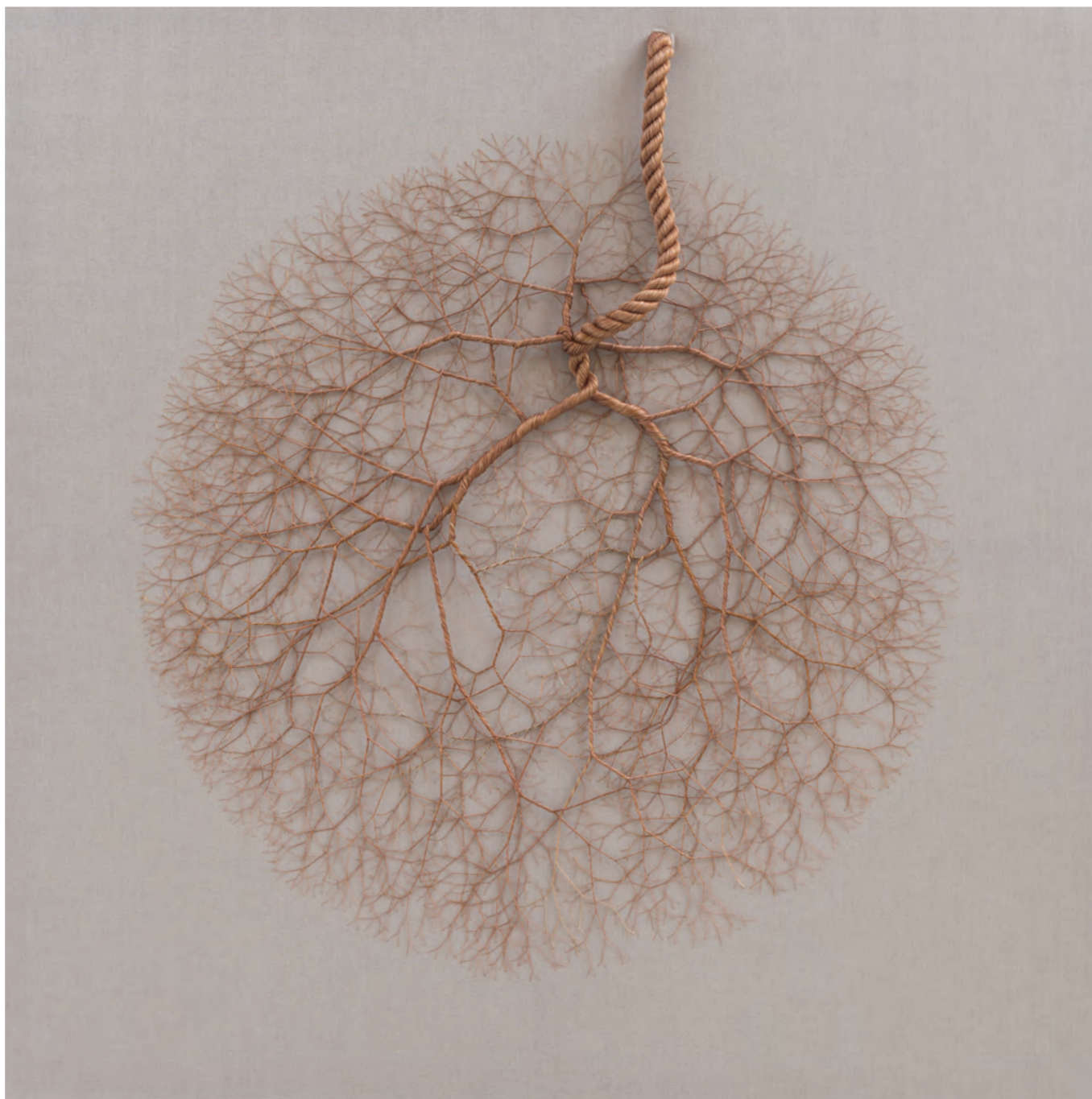
**CICLOTRAMA 255 (aglomeração) - 2021**  
200 cm x 200 cm

corda artesanal sobre linho

handmade rope on linen







**CICLOTRAMA 80 (aglomeração)** - 2017  
200 cm x 200 cm

corda de dipado cobre, 40 mm de diâmetro  
sobre linho rústico

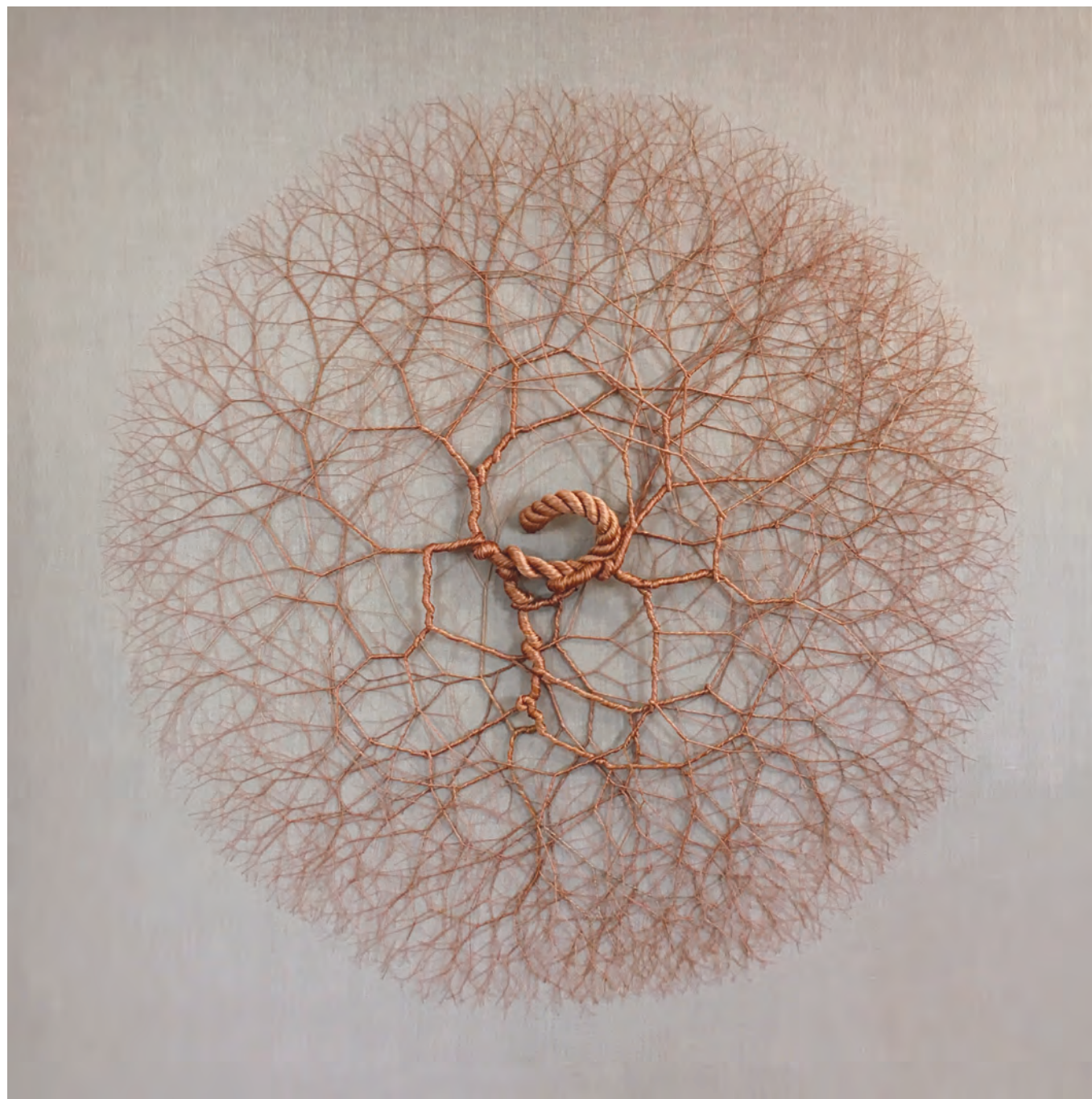
dipado nylon rope, 40 mm diameter on raw linen



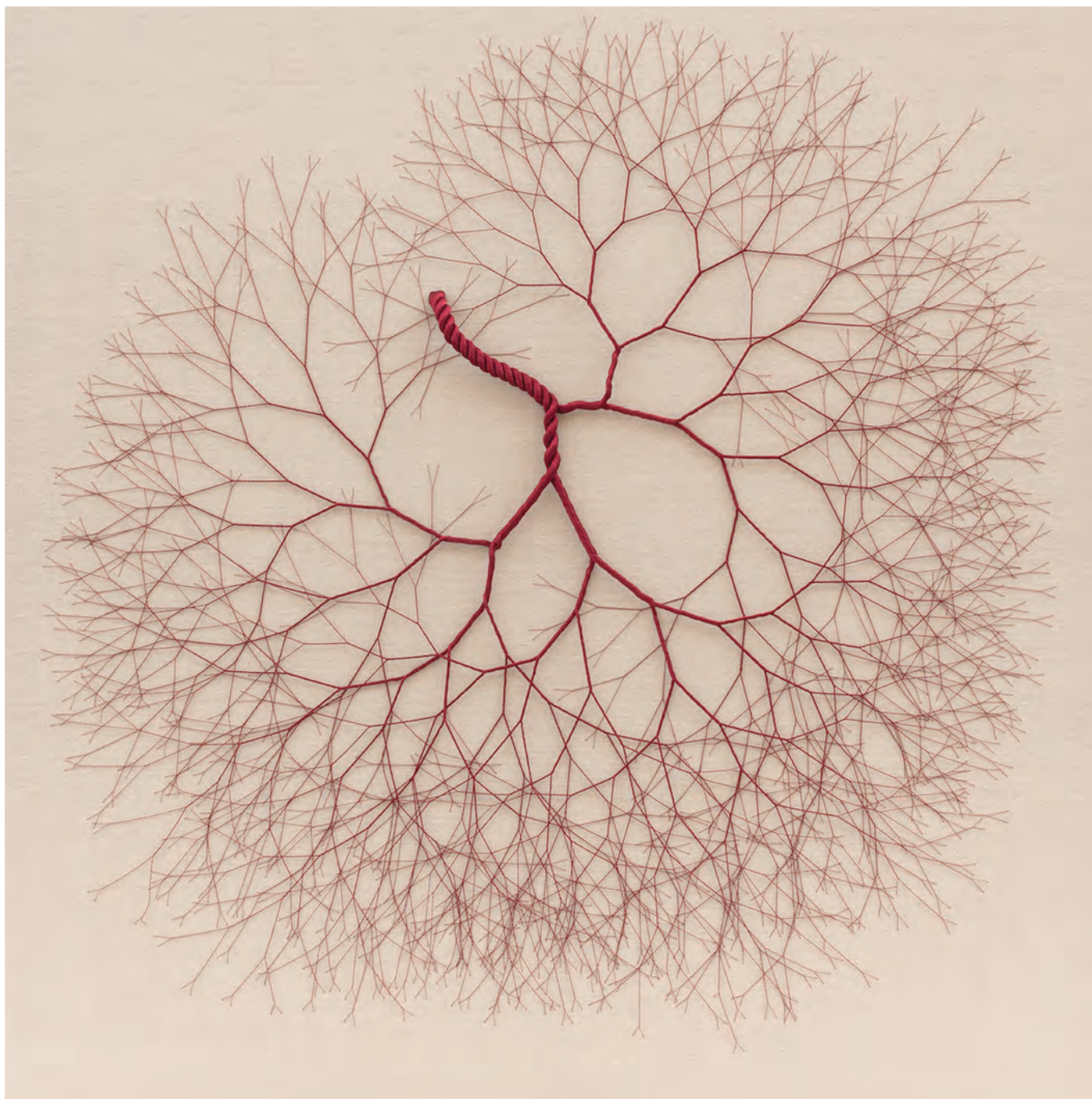
**CICLOTRAMA 93 (aglomeração) - 2017**  
200 cm x 200 cm

corda de dipado cobre, 40 mm de diâmetro  
sobre linho rústico

dipado nylon rope, 40 mm diameter on raw linen







**CICLOTRAMA 176 (aglomeração)** - 2020  
200 cm x 200 cm

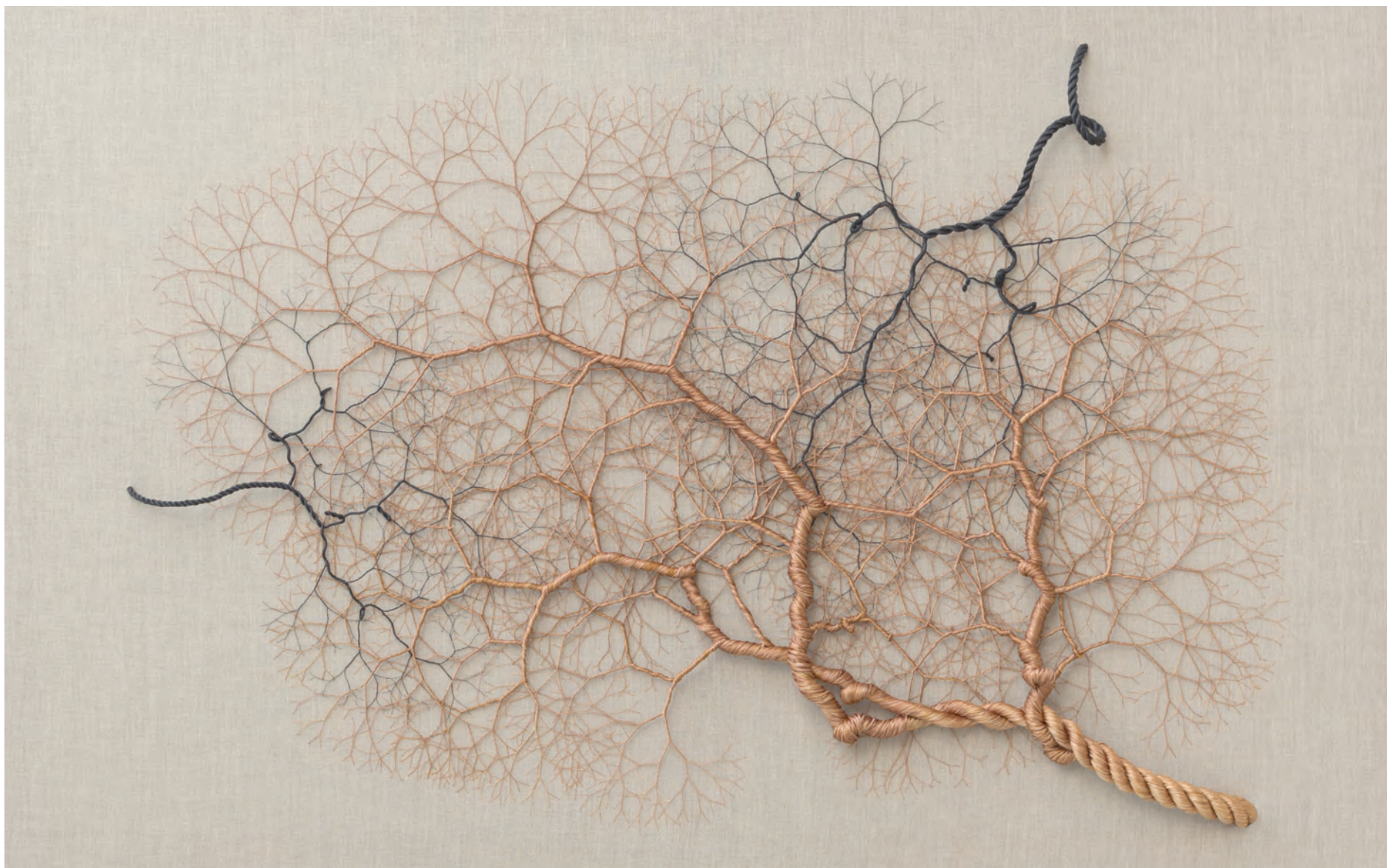
corda artesanal vermelha sobre linho cru

red handmade rope on raw linen









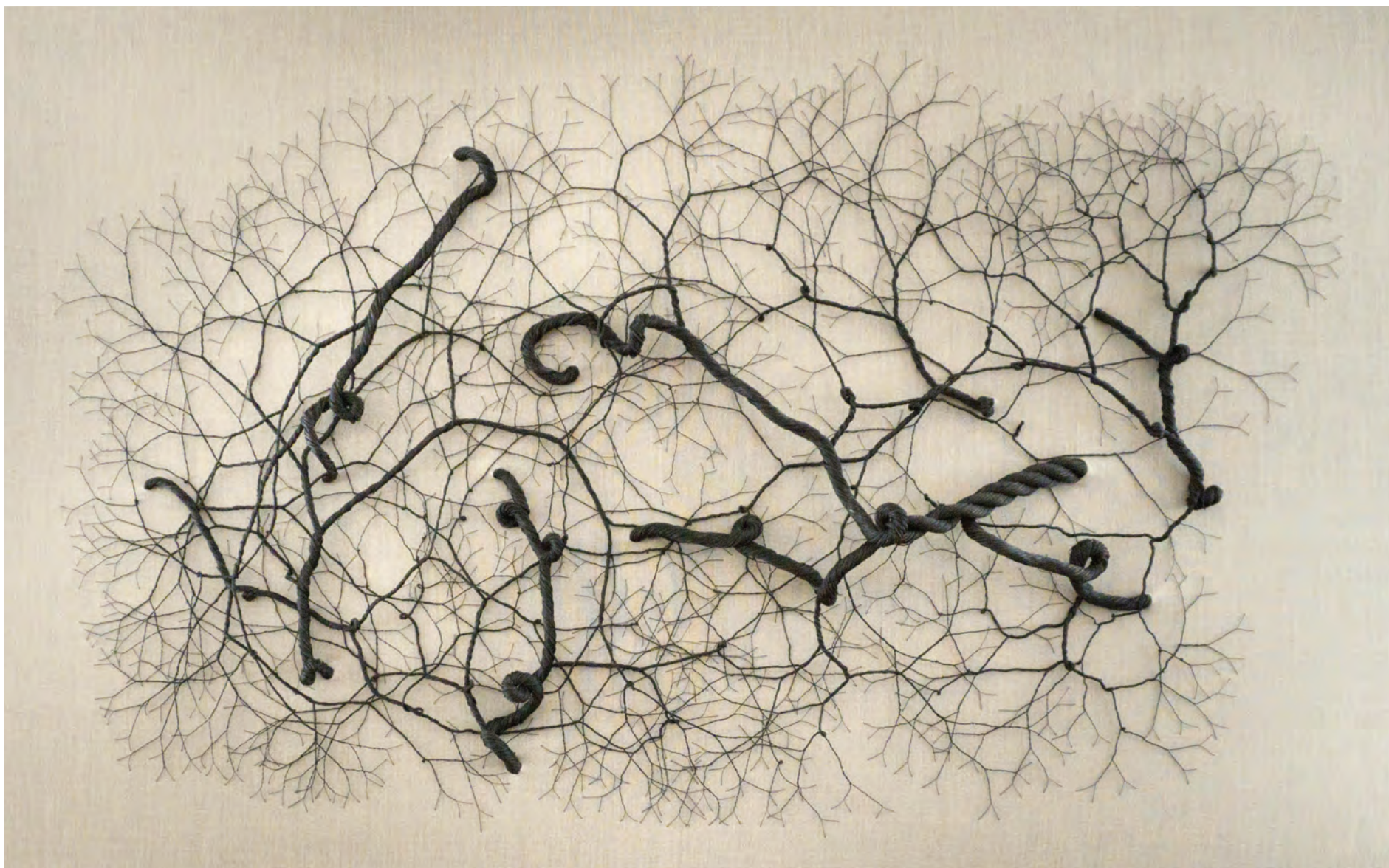
**CICLOTRAMA 116 (aglomeração)** - 2018

125 cm x 200 cm

cordas de nylon preta, 8 mm e 12 mm de diâmetro e corda de dipado cobre, 20 mm de diâmetro sobre linho rústico

black nylon ropes, 8 mm and 12 mm diameter and dipado rope, 20 mm diameter on raw linen





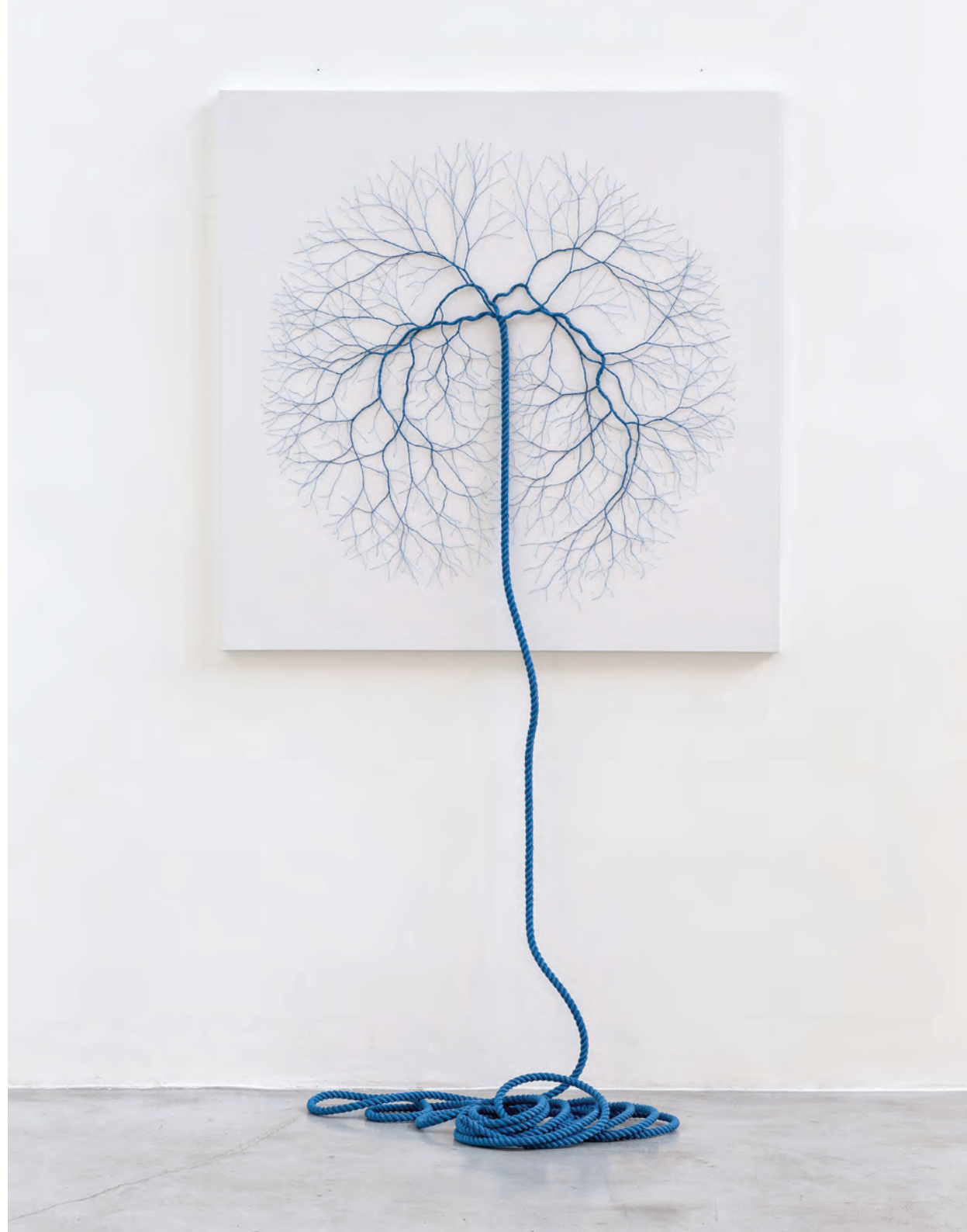
**CICLOTRAMA 100 (descentralização) - 2017**  
125 cm x 200 cm

corda preta de dipado, 38 mm de diâmetro sobre linho rústico  
black dipado rope, 38 mm diameter on raw linen

A Série Descentralização quebra a continuidade visual da corda que costura, entrando e saindo do linho a medida que se desmembra.

The Decentralization Series breaks the visual continuity of the rope, in which sewing in and out the linen as far as it dismembers.





**CICLOTRAMA 67 (impregnação)** - 2016  
120 cm x 120 cm

15 m de corda de nylon azul, 16 mm de diâmetro sobre canvas

15 m of blue nylon rope, 16 mm diameter on canvas



As primeiras Ciclotramas da Série Impregnação representaram o pensamento analítico dos conceitos de cálculo infinitesimal utilizando a forma das árvores binárias, onde a individuação de cada fio de uma corda pode ser visível dentro de conjunto maior.

The first Ciclotramas of the Impregnation Series represented the analytical thinking of the concepts of infinitesimal calculus using the form of binary trees, where the individuation of each thread of a rope can be visible within a larger set.





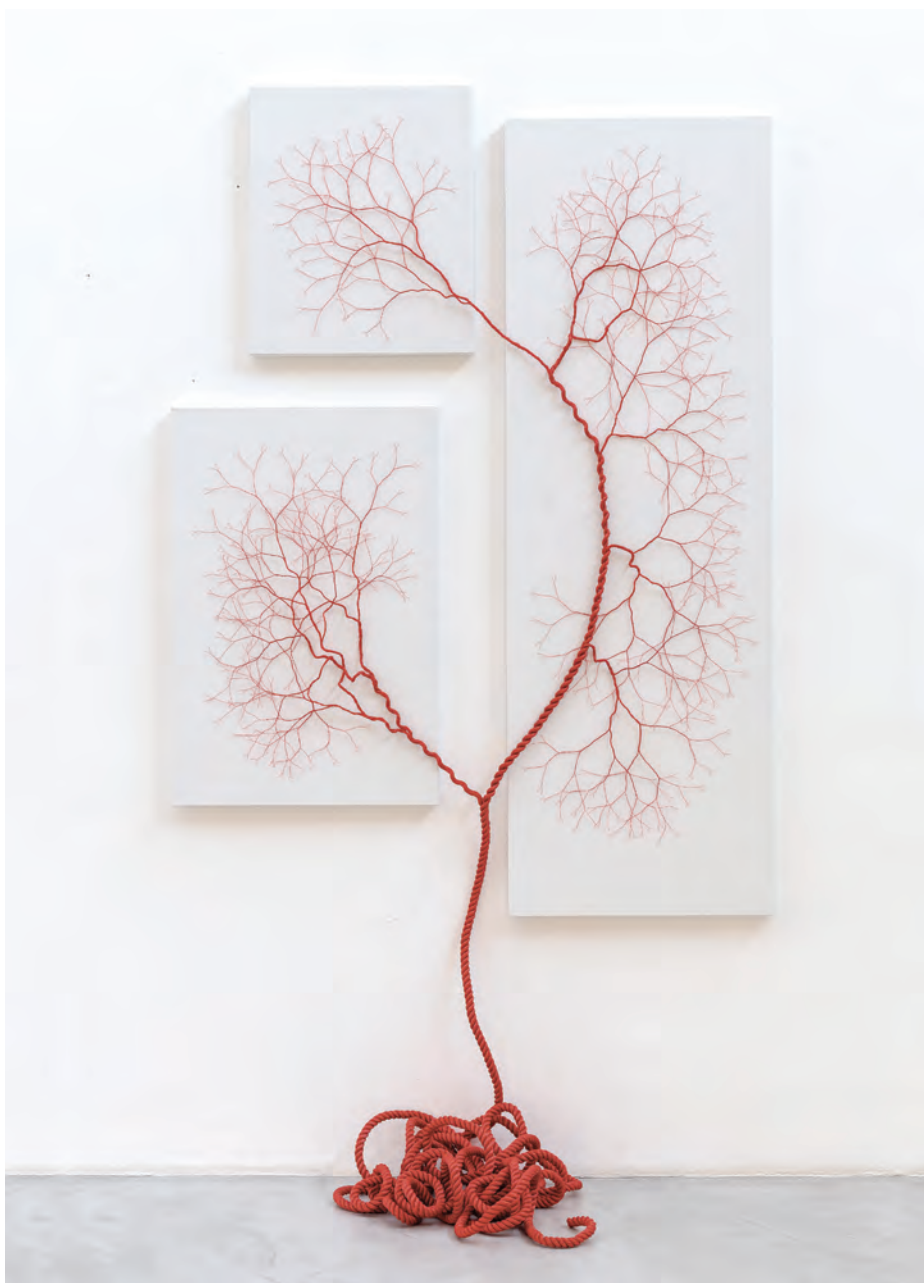


**CICLOTRAMA 42 (impregnation)** - 2016  
120 cm x 480 cm triptych

25 m de corda de nylon vermelha, 24 mm de diâmetro sobre canvas

25 m of red nylon rope, 24 mm diameter on canvas



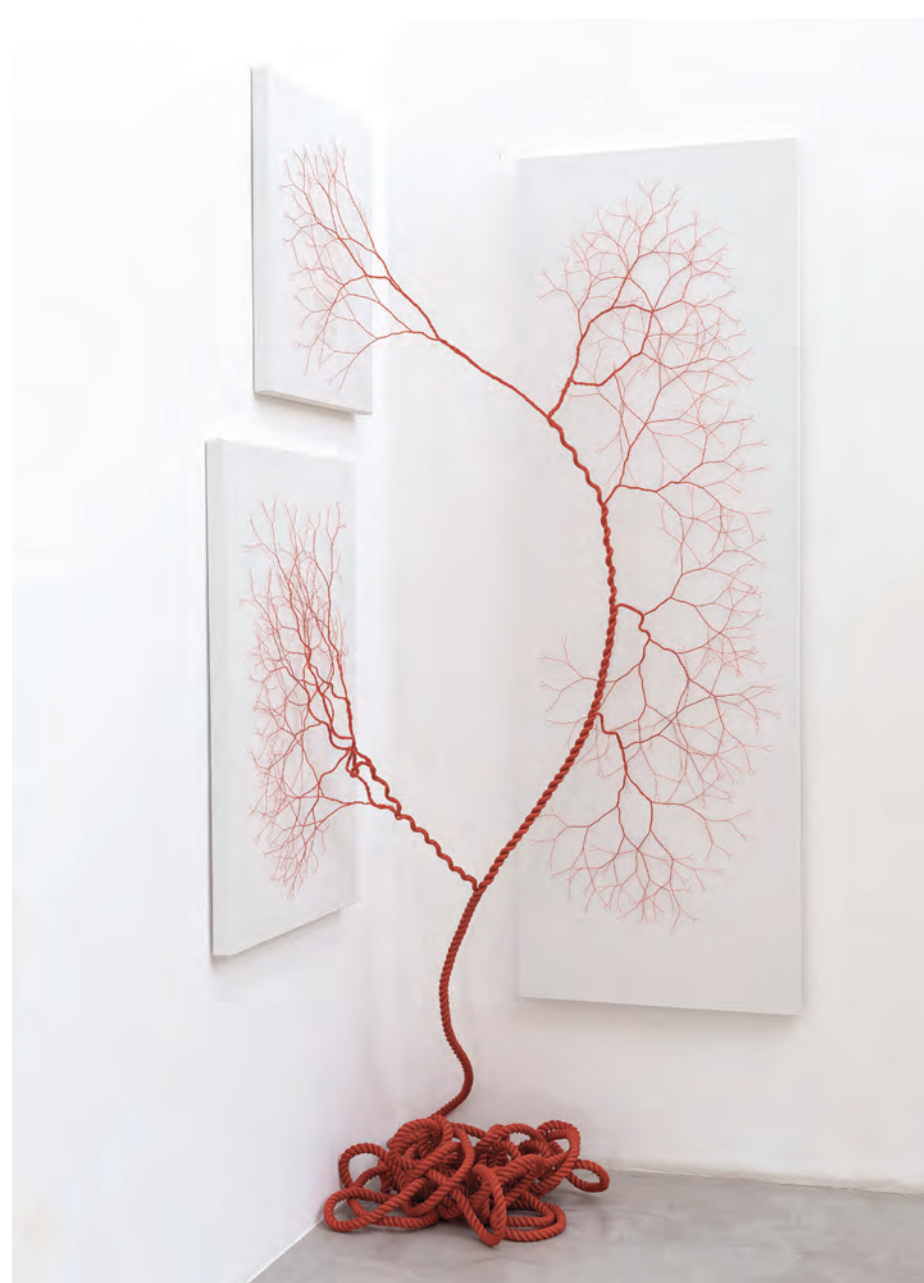


**CICLOTRAMA 166 (impregnação)** - 2019

50 cm x 60 cm, 60 cm x 90 cm, 60 cm x 180 cm - triptych

15 m de corda de nylon vermelha, 18 mm de diâmetro sobre canvas

15 m of red nylon rope, 18 mm diameter on canvas







**CICLOTRAMA 42 (impregnation)** - 2016  
100 cm x 180 cm

15 m de corda de nylon preta, 16mm de diâmetro  
sobre canvas

15 m of black nylon rope, 16mm diameter on  
canvas

Coleção Jorge Gruenberg (Peru)

Jorge Gruenberg Collection (Peru)



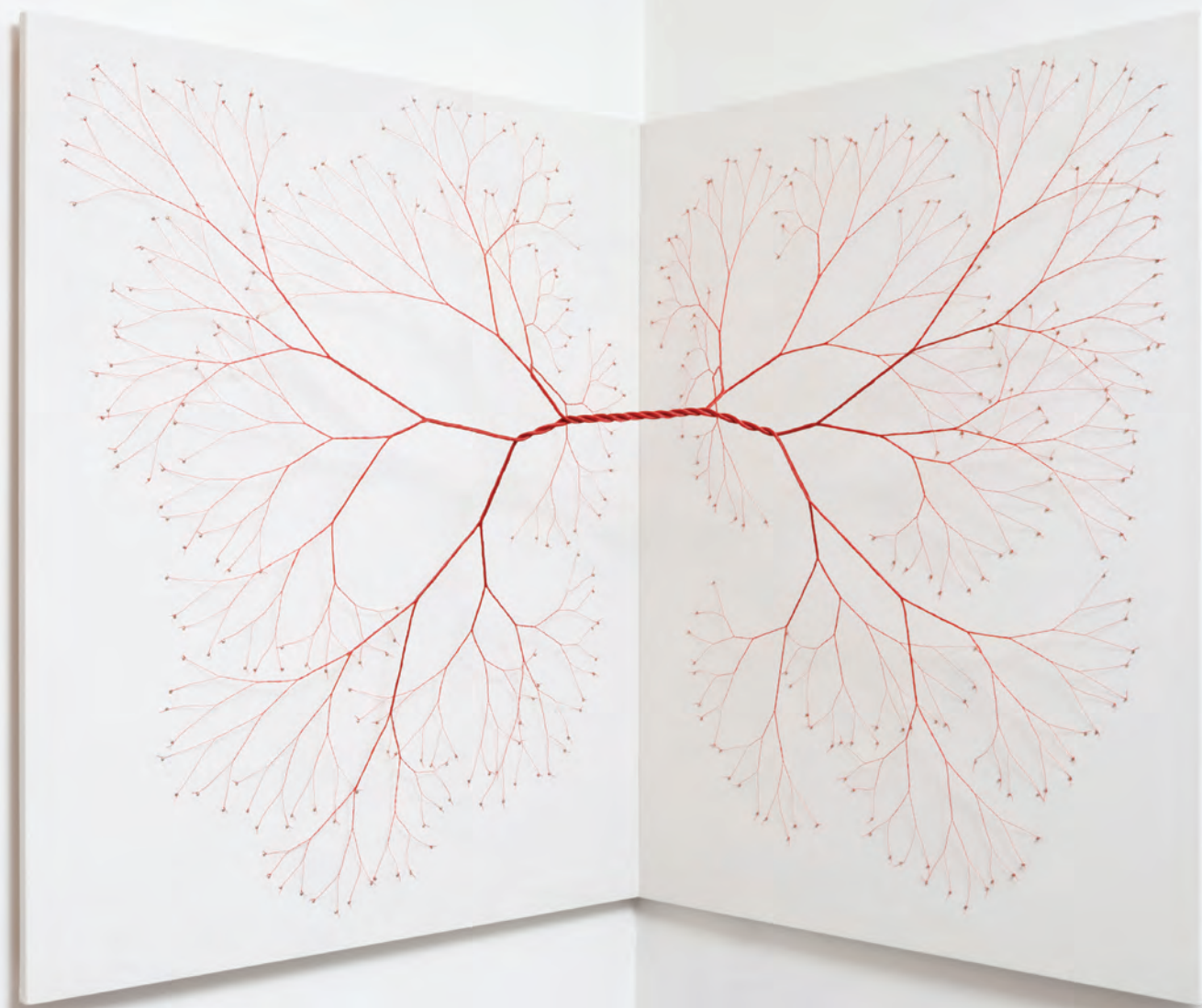
**CICLOTRAMA 24 (impregnation)** - 2015  
180 cm x 70 cm

20 m de corda de nylon azul, 15mm de diâmetro  
sobre canvas

20 m of blue nylon rope, 15mm diameter on  
canvas







**CICLOTRAMA 45 (universos paralelos)** - 2015  
180 cm x 70 cm

1,5 m de corda de nylon vermelha, 8mm de diâmetro e pregos dourados sobre canvas e madeira

1,5 m of red nylon rope, 8mm diameter and golden nails on canvas and wood



**CICLOTRAMA 22 (universos paralelos)** - 2015  
130 cm x 80 cm (diptych)

10 m de corda de sisal, 16mm de diâmetro  
sobre canvas

10 m of sisal rope, 16mm diameter on canvas







**CICLOTRAMA 13 (esperando Godot) - 2013**

38 cm x 22 cm x 28 cm

caixa de madeira e 1.380 m de linhas de diferentes cores

wooden case and 1,380 m of line in different colors



As Ciclotramas são também elementos conceituais capazes de criar narrativas quando relacionadas à outros objetos do mundo.

Ciclotramas are also conceptual elements capable of creating narratives when placed in relation to other real objects.



**CICLOTRAMA 10 (tempo)** - 2012  
38 cm x 45 cm ( x 3 )

tríptico de fotografias

triptych of photographs







**ESPAÇO PRESO** - 2006 - 2022

2.7 m x 4 m x 10 m

madeira, grampos de arame, elásticos, Lâmpadas, sensores de movimento, computador e equipamento de áudio

wood, wire clamps, rubber bands, Lamp, motion sensors, computer and audio equipment

Designer sonoro: Paulo Santos

Zipper Galeria, São Paulo, Brasil  
Instalação site-specific para a exposição individual "Espaço Preso"  
de junho a agosto de 2022  
Curadoria Ícaro Ferraz Vidal Jr.

Sound designer: Paulo Santos

Zipper Galeria, São Paulo, Brazil  
Site-specific Installation for solo show "Espaço Preso"  
From June to August 2022  
Curated by Ícaro Ferraz Vidal Jr.



# ESPAÇO PRESO 'TRAPPED SPACE

Text by Ícaro Ferraz Vidal Jr.

"O psiquismo não pode resolver-se unicamente no nível do ser individuado; ele é a base para a participação numa individuação mais vasta, a do coletivo; sozinho, o ser individual, colocando-se em questão, não pode ir além dos limites da angústia, operação sem ação, emoção permanente que não consegue resolver a afetividade, experiência pela qual o ser individuado explora suas dimensões do ser sem poder ultrapassá-las. Ao coletivo, tomado como axiomática que resolve a problemática psíquica, corresponde a noção de transindividual."

Gilbert Simondon

Em sua filosofia da individuação, Gilbert Simondon diagnosticou um aspecto comum às duas principais doutrinas que se contrapunham no debate em torno da natureza do indivíduo. Ambas teriam falhado, segundo o filósofo, por partirem de indivíduos plenamente constituídos para deles derivar o princípio de individuação que os teria engendrado. A esta ênfase da tradição ocidental no ser individuado, Simondon contrapôs sua ontogênese: um estudo não do indivíduo constituído, mas dos processos de individuação, o que implicava deslocar o foco do ser individuado para o par indivíduo-meio.

Mobilizar esta noção pode nos ajudar a compreender o estatuto do espaço na poética de Janaina Mello Landini. Seus diversos Ludic Spaces ou labirintos da maldade, série de ambientes concebidos no começo dos anos 2000, correspondem a diferentes modulações afetivas que foram elaboradas espacialmente pela artista, arquiteta de formação. O espaço, colonizado pela geometria euclidiana como plano homogêneo sobre o qual posicionamos corpos e objetos, raramente serviu, como meio ou linguagem, à elaboração dos afetos.

Esta raridade poderia encaminhar uma análise das proposições espaciais de Janaina limitada ao domínio da arte a partir, por exemplo, da conhecida ampliação do campo da escultura, formulada por Rosalind Krauss no final da década de 1970. Os Ludic Spaces ou labirintos da maldade podem ser pensados em relação aos movimentos que, a partir dos anos 60, tensionaram os limites do objeto de arte e investiram na experiência sensorial em detrimento da autonomia formal, mas essa genealogia não esgota as possibilidades de análise da série.

Espaço preso é, de todos os Ludic Spaces, o único que já foi construído, em 2011 na cidade de Belo Horizonte, fruto de uma colaboração da artista com Daniel Landini. A instalação

The psyche cannot be resolved at the level of the individuated being alone; it is the basis of participation in a vaster individuation, that of the collective; calling itself into question, the individual being alone cannot go beyond the limits of anxiety, which is an operation without action, an on-going emotion that does not manage to resolve affectivity, an obstacle through which the individuated being explores its dimensions of being without the ability to surpass them. The notion of the transindividual corresponds to the collective taken as the axiomatic that resolves the psychical problematic.

Gilbert Simondon

In his philosophy of individuation, Gilbert Simondon diagnosed an aspect common to the two main doctrines that clashed in the debate on the nature of the individual. Both had failed, according to the philosopher, by starting from fully constituted individuals in order to derive from them the principle of individuation that would have engendered them. To this emphasis of the Western tradition on the individuated being, Simondon contrasted his ontogenesis: a study not of the constituted individual, but of the processes of individuation, which implied shifting the focus from the individuated being to the pair individual-environment.

Mobilizing this notion can help us to understand the statute of space in Janaina Mello Landini's poetics. Her various Ludic Spaces or labyrinths of evil, a series of environments conceived in the early 2000s, correspond to different affective modulations that were spatially elaborated by the artist, an architect by training. Space, colonised by Euclidean geometry as a homogeneous plane on which we position bodies and objects, has rarely been appropriated as the medium or language for the elaboration of affections.

This rarity could lead to an analysis of Janaina's spatial propositions limited to the field of art from, for example, the well-known expansion of the field of sculpture, formulated by Rosalind Krauss in the late 1970s. If Ludic Spaces or labyrinths of evil can be thought of in relation to the movements that, from the 1960s onwards, tensioned the limits of the art object and invested in sensorial experience to the detriment of formal autonomy, this genealogy does not exhaust the possibilities of analysis of the series.

Trapped space is, of all the Ludic Spaces, the only one that has already been built, in 2011 in the city of Belo Horizonte, the result of a collaboration between the artist and Daniel Landini.

1 - SIMONDON, G. L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information. Grenoble: Millon, 2013.

2 - KRAUSS, R. A escultura no campo ampliado. Arte & ensaios, 17(17), 2008, pp.128-137.







apresentada agora na Zipper consiste em um espaço retangular, fechado e transpassado por inúmeros fios elásticos presos às paredes, ao chão e ao teto. A impressão visual de quem chega ao espaço é de uma trama caótica. Há dois acessos ao interior deste espaço, um em cada extremidade do retângulo, de modo que a experiência de deslocamento de um ponto a outro é marcada pela resistência criada por esta trama elástica, que se interpõe à livre circulação do corpo do visitante. A experiência afetiva que engendra Espaço Preso não é marcada, portanto, por uma busca labiríntica: sabemos onde queremos chegar, mas nos vemos impossibilitados de traçar uma linha reta de um ponto A a um ponto B. O Espaço preso não é vetorial.

Ao respondermos à interpelação de Espaço Preso, damos o primeiro passo e tensionamos o primeiro fio, acessamos outra camada fundamental do trabalho: sua sonoridade. Nesta nova montagem da instalação, a artista contou com a colaboração do músico Paulo Santos, que criou uma composição harmônica para a obra, explorando as semibreves, mínimas, semimínimas, colcheias, semicolcheias, fusas e semifusas. Uma vez composta, a obra de Paulo Santos foi decomposta e distribuída em dezesseis canais, ativados independentemente uns dos outros, em função do tensionamento dos diferentes agrupamentos de fios elásticos. À medida que os visitantes deslocam seus corpos pela instalação, uma composição randômica vai sendo tocada, evidenciando a inseparabilidade do espaço e do tempo. A harmonia é possível, mas não é dada; em meio à cacofonia, o visitante descobre as relações entre seu corpo, o espaço e o som. Tal descoberta, no entanto, dificilmente se desdobraria em uma compreensão cartesiana do Espaço preso, uma vez que esta grande trama elástica faz com que nossos gestos reverberem a diferentes distâncias de nosso corpo, criando um caos sonoro que espelha o caos espacial.

Tendemos a pensar as relações indivíduo-meio de modo segmentado e descontínuo, geralmente nos termos das influências que um exerceria sobre o outro, e vice-versa. Espaço preso coloca abaixo esta forma de conceber tais relações: em primeiro lugar, porque a invenção do meio, por Janaina, é o prolongamento de um processo de subjetivação, de elaboração da experiência afetiva; em segundo lugar, porque este meio instaura um plano transindividual no qual os afetos elaborados pela artista passam a circular por outros corpos e integrar outros processos de individuação; por fim, porque este movimento é cíclico e tende ao infinito – novas elaborações afetivas seguirão ocorrendo, tanto por parte da artista, quanto do público da exposição.

Além da instalação, a exposição Espaço preso apresenta um vídeo

The installation presented now at Zipper consists of a rectangular space, closed and crossed by numerous elastic threads attached to the walls, floor and ceiling. The visual impression of those who arrive at the space is of a chaotic mesh. There are two accesses to the interior of this space, one at each end of the rectangle, so that the experience of displacement from one point to another is marked by the resistance created by this elastic mesh, which interferes with the free movement of the visitor's body. The affective experience that engenders Trapped Space is not marked, therefore, by a labyrinthine search: we know where we want to go, but we find ourselves unable to draw a straight line from point A to point B. Trapped space is not vectorial.

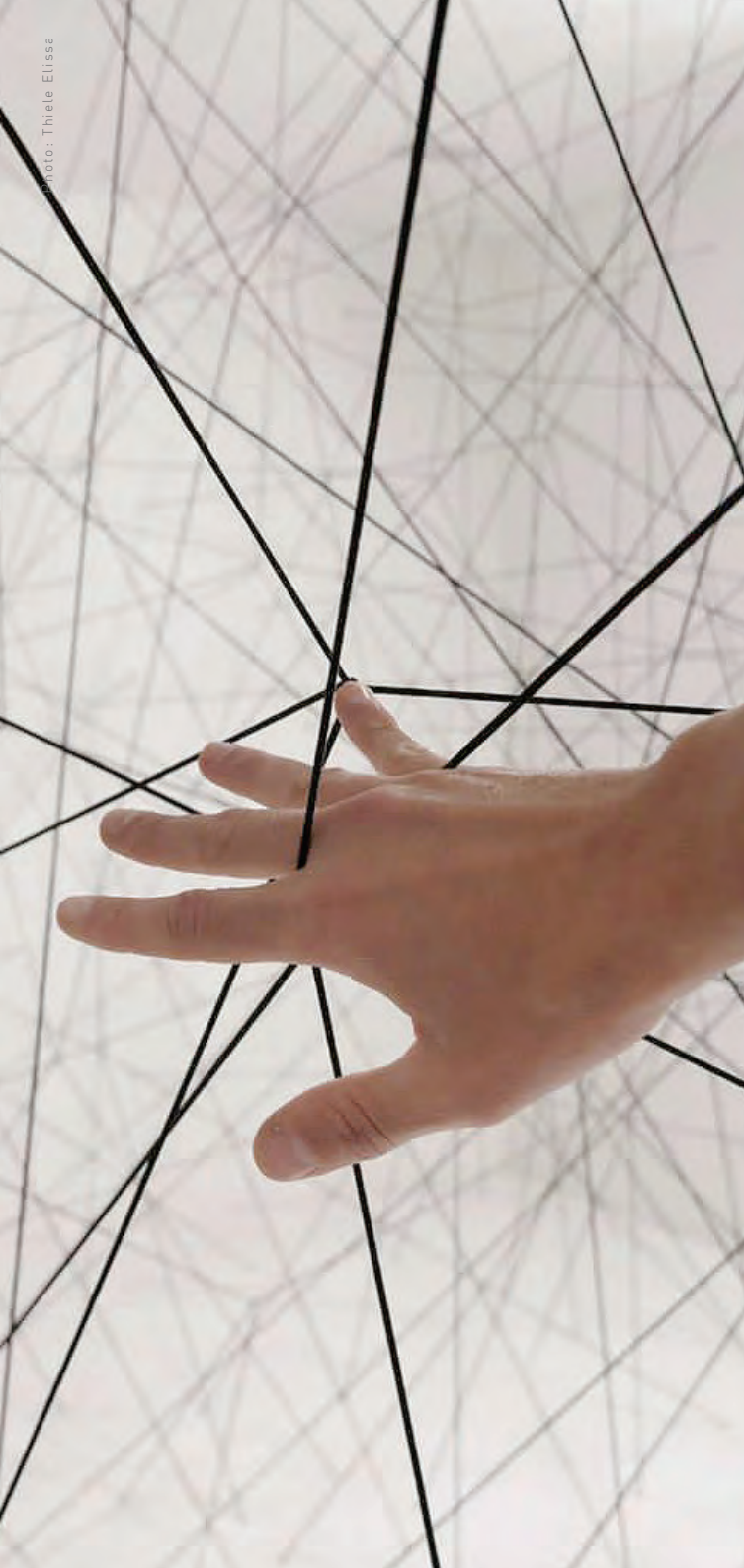
When we respond to the interpellation of Trapped Space, taking the first step and tensing the first thread, we access another fundamental layer of the work: its sonority. In this new installation, the artist counted with the collaboration of the musician Paulo Santos, who created a harmonic composition for the work, exploring semibreves, minims, crotchets, quavers, semiquavers, demisemiquavers, and hemidemisemiquavers. Once composed, Paulo Santos' work was decomposed and distributed into sixteen channels, activated independently from each other according to the tension of the different groupings of elastic threads. As the visitors move their bodies through the installation, a random composition is played out, highlighting the inseparability of space and time. Harmony is possible, but not given; amidst the cacophony, the visitor discovers the relations between their body, space and sound. Such a discovery, however, would hardly unfold in a Cartesian understanding of Trapped space, since this great elastic mesh makes our gestures reverberate at different distances from our body, creating a sonic chaos that mirrors the spatial chaos.

We tend to think of individual-environment relations in a segmented and discontinuous way, usually in terms of the influences that one exerts over the other, and vice-versa. Trapped space breaks down this way of conceiving these relationships: in the first place, because Janaina's invention of the environment is the extension of a process of subjectivation, of elaboration of the affective experience; in the second place, because this environment establishes a transindividual plane in which the affections elaborated by the artist start to circulate through other bodies and integrate other processes of individuation; finally, because this movement is cyclical and tends towards the infinite—new affective elaborations will keep on occurring, as much on the part of the artist, as on the part of the exhibition's audience.

In addition to the installation, the exhibition Trapped space







de 2011, produzido na primeira versão da obra em colaboração com Maurício Leonard. Nele, vemos o performer interagir com Espaço preso, não através de um deslocamento tenso em direção à saída, mas em uma experimentação coreográfica que promove os limites impostos pela densidade elástica do espaço a elementos estruturantes de uma gestualidade também elástica. Estamos fora do Espaço preso e o vemos, no televisor, habitado por uma terceira pessoa. Esta tomada de distância, este “ver de fora” é um momento crucial na elaboração do que foi nossa experiência na instalação. A ambiguidade do título da série - Ludic spaces ou labirintos da maldade - retira desta experiência do corpo no espaço qualquer determinação moral. Sem interesse em encontrar uma saída, o corpo de Maurício Leonard desafia a teia elástica em um jogo que apresenta outra forma de habitar o Espaço preso. Talvez, a ludicidade, fundamental para os processos de elaboração afetiva, encontre-se nesta possibilidade de invenção de outros arranjos entre o corpo, o espaço e o tempo.

Por fim, a exposição reúne um conjunto inédito de pinturas que representam, em perspectiva frontal, um espaço interior, cúbico, sobre o qual a artista apresenta os diferentes diagramas de forças que estruturam o espaço tramado no qual nos vimos enredados ao adentrar Espaço preso. A apresentação ordenada das múltiplas relações de forças que compõem a espacialidade caótica da instalação remete ao enigma das articulações entre as partes e o todo, que habita o cerne da poética de Janaina. O encontro da artista com os fundamentos teóricos do cálculo no contexto de sua formação em arquitetura teve um papel central em sua forma de ver e agir sobre o mundo. A possibilidade de decomposição de grandes problemas em diversos problemas menores fornece a estrutura subjacente a toda a obra de Mello Landini, e pode ser observada também nesta decomposição do caos nas relações que o constitui.

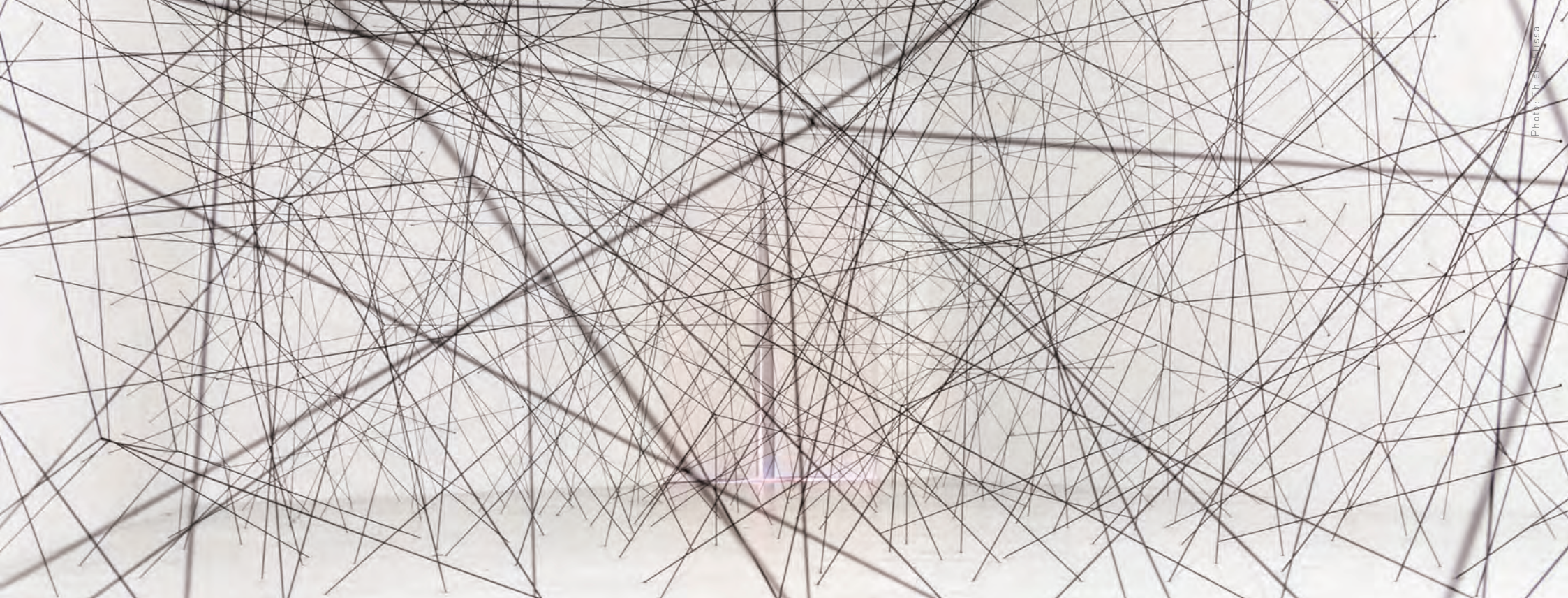
Esta decomposição do ambiente instalativo nas telas da série Diagramas de forças ajuda-nos a compreender a espacialidade construída pela artista e, embora não reduza a memória das forças que atuaram sobre nosso corpo na vivência da obra, é mais um passo importante na elaboração da experiência com a instalação. Imersos corporalmente, distanciados através do vídeo e, enfim, capazes de abstrair as diferentes relações estruturantes do caos, experimentamos a própria genealogia do pensamento analítico. Este processo, no entanto, não é linear, pois ficamos tentados a ingressar novamente no Espaço preso para seguirmos transformando-nos em nós mesmos.

presents a video from 2011, produced in the first version of the work in collaboration with Maurício Leonard. In it, we see the performer interacting with Trapped space, not through a tense displacement towards the exit, but in a choreographic experimentation that promotes the limits imposed by the elastic density of the space to structuring elements of an also elastic gestural motion. We stand outside of Trapped space and see it, on the television set, inhabited by a third person. This distancing, this “seeing from the outside” is a crucial moment in the elaboration of what was our experience in the installation. The ambiguity of the title of the series—Ludic spaces or labyrinths of evil—removes from this experience of the body in space any moral determination. Uninterested in finding a way out, the body of Maurício Leonard challenges the elastic web in a game that presents another way to inhabit Trapped space. Perhaps the playfulness, fundamental to the processes of affective elaboration, is found in this possibility of invention of other arrangements between body, space and time.

Finally, the exhibition brings together a new set of paintings that represent, in frontal perspective, a cubic interior space, on which the artist presents the different diagrams of forces that structure the enmeshed space in which we find ourselves entangled as we enter Trapped space. The ordered presentation of the multiple relations of forces that make up the chaotic spatiality of the installation refers to the enigma of the articulations between the parts and the whole, which inhabits the core of Janaina's poetics. The artist's encounter with the theoretical foundations of calculus in the context of her education in architecture played a central role in her way of seeing and acting upon the world. The possibility of decomposing large problems into several smaller ones provides the underlying structure to all of Mello Landini's work, and can also be observed in this decomposition of chaos into the relations that constitute it.

This decomposition of the installation environment in the canvases of the Force Diagrams series helps us to understand the spatiality constructed by the artist and, although it does not reduce the memory of the forces that acted upon our body in the experience of the work, it is another important step in the elaboration of the experience with the installation. Immersed corporally, distanced through the video and, finally, able to abstract the different structuring relations of chaos, we experience the very genealogy of analytical thought. This process, however, is not linear, as we are tempted to re-enter Trapped space in order to continue transforming ourselves.





**ESPAÇO PRESO - 2006 - 2022**  
2.5 m x 4 m x 7 m

Instalação site-specific na Bienal do Mercosul, Porto Alegre  
Brasil - de setembro a novembro de 2022  
Curadoria Marcello Dantas

Site-specific installation at Bienal do Mercosul, Porto Alegre  
Brazil - from September to November 2022  
Curated by Marcello Dantas

A instalação de Janaina Mello Landini promove a ativação de uma experiência afetiva pela via da conexão indivíduo-meio. A artista convida o visitante a passear por uma sala com uma entrada e uma saída claramente visíveis.

O interior, contudo, é entrecortado por uma sequência de "grupos de força", estruturas conceitualmente construídas por conjuntos de elásticos que se repetem e se somam no espaço, criando uma aparência caótica. À medida que o corpo avança nesse emaranhado, os conjuntos elásticos se deformam e fazem vibrar o espaço, criando novas camadas de experiência.

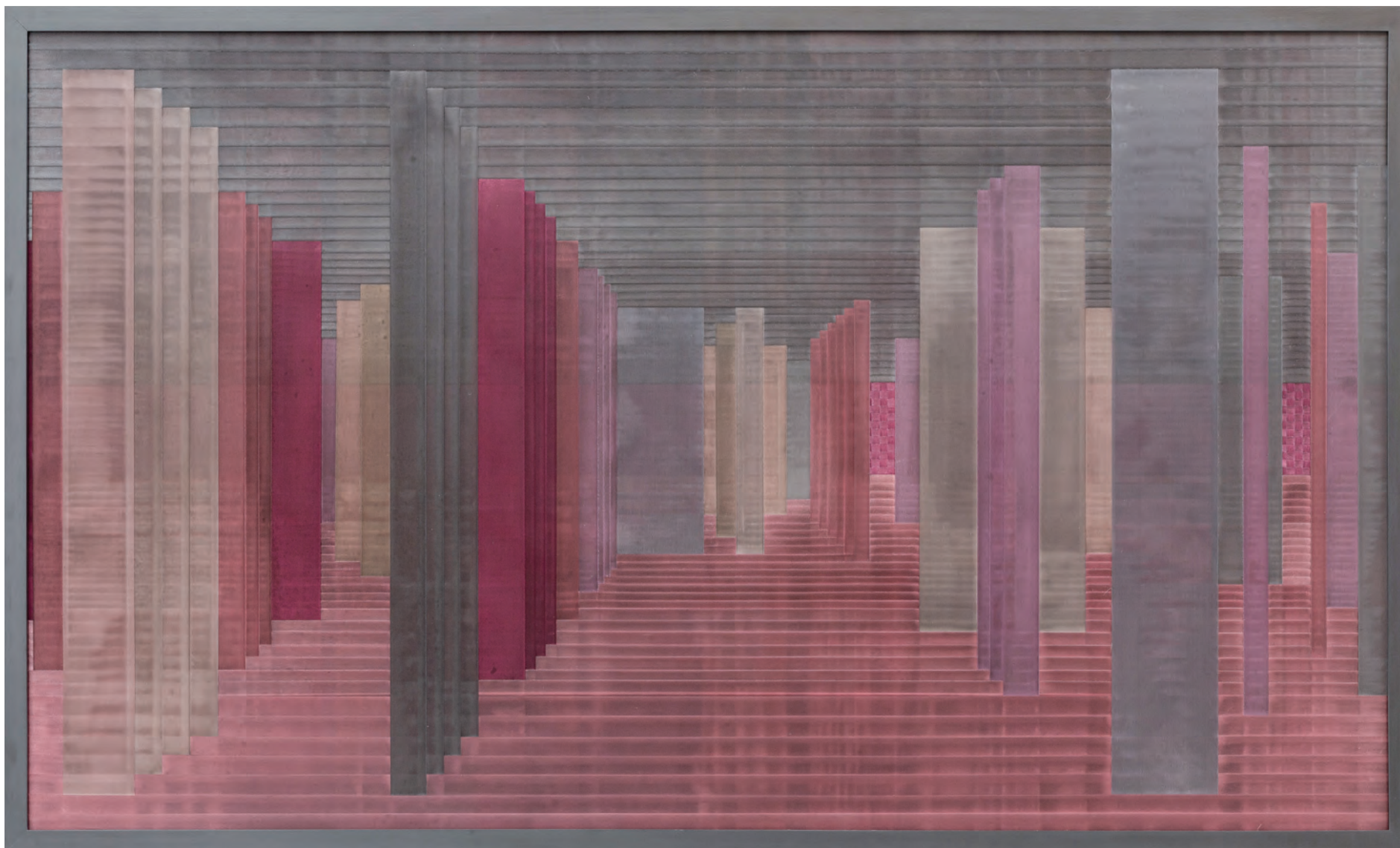
A sonoridade que surge a partir do movimento dos elásticos é um dos pontos fundamentais do trabalho. Trata-se de uma composição harmônica escrita pelo músico Paulo Santos. A música foi decomposta em 16 canais distribuídos pela instalação, que podem ser ativados conforme o corpo atravessa o espaço. Em contraponto à construção dos elásticos de acordo com uma ordenação quase invisível, o rastro sonoro do corpo pode ser conduzido do estado mais harmônico ao estado cacofônico, mas sempre randômico.

Janaina Mello Landini's installation activates an affective experience through an individual-environment connection. The artist invites visitors to walk through a room with a visible entrance and exit.

The interior, however, is intersected by a sequence of "force groups," structures conceptually constructed by repeated sets of elastic bands creating a chaotic space. As the body walks through this tangle, the elastic sets become deformed, thus vibrating the space and creating new layers of experience.

The sound of the rubber bands' movement is one of the work's fundamental aspects. Musician Paulo Santos wrote the harmonic composition, which was decomposed into 16 channels distributed throughout the installation. In contrast to the almost invisible order of the elastic bands' construction, the soundtrack created by the visitors' movements can go from the most harmonic to the most cacophonous state, but always randomly.





**Labirinto Rizomático - série VI Leste** - 2020  
(Veneza Campo de San Silvestro)

**Rhizomatic Labyrinth - Series VI East** - 2020  
(Venice Campo de San Silvestro)

120 cm x 200 cm

fitas de cetim e extrato de noqueira, nanquim e óleo de linhaça  
sobre madeira

satin ribbons and walnut extract, India ink and linseed oil on wood



# LABIRINTOS

## LABYRINTHS / MAZE

"Na pesquisa de Janaina Mello Landini, as Ciclotramas são complementares aos Labirintos. Enquanto as primeiras são pensadas de maneira bastante calculada e hierárquica, e tem um resultado orgânico, os Labirintos são pensados de forma orgânica e rizomática – pois suas perspectivas são impossíveis de existir na realidade – mas o resultado final é realizado de maneira calculada, a partir de seu conhecimento sobre representação tridimensional, porém visando um resultado nada ortodoxo.

Ainda sim, as pesquisas permeiam as mesmas questões: partir do pensamento expandido para chegar a uma simplicidade lógica diante desse mundo de multiplicidades.

Imagine que a ação da artista é como um Método de Loci\* invertido, pois a ideia é fazer, o percurso mental de por exemplo, um bairro da cidade ou de uma casa, tirando o foco dos detalhes do entorno e se atendo ao traçado dos espaços positivos e negativos.

Através do exercício imaginativo descrito acima, a artista gradualmente acrescenta ao desenho todos os elementos edificados, evidenciando o espaço não edificado (interstício) onde se percebe o vazio e, portanto, as vias para um percurso livre, randômico e rizomático.

Como resultado, a artista produz uma “torção conceitual” do uso da geometria, criando uma perspectiva pseudoclássica, convergindo à uma centralidade (um ponto de fuga hipotético) enquanto o ponto de vista é fluido, criado pela somatória de pontos de vista, ou como ela costuma chamar, uma perspectiva poli-olho.

Para a criação destes quadros a artista utiliza fitas de cetim de diferentes cores e larguras. Ela tensiona e fixa essas fitas apenas na borda do chassi. Em seguida, constrói os desenhos através do cruzamento das fitas sobre e sob a superfície, e para finalizar, a artista aplica um extrato escurecedor à base de nozeira para diminuir a vibração da luz e revelar a visualização dos caminhos."

\* Método de loci é uma técnica mnemônica que depende de relações espaciais memorizadas para estabelecer, ordenar e re coletar conteúdo memorial

"In Janaina Mello Landini's research, the Ciclotramas are complementary to the Labyrinths. While the first are planned in a very calculated and hierarchical manner and have an organic result, the Labyrinths are thought of in an organic and rhizomatic way - since their perspectives are impossible to exist in reality - but the final result is achieved in a calculated manner, based on the artist's knowledge of three-dimensional representation, although aiming at a very unorthodox result.

However, the research permeates the same issues: to start from an expanded thought in order to achieve a logical simplicity in relation to such world of multiplicities.

Imagine that the artist's action is like an inverted Loci Method\*, as the idea is to trace the mental journey of, for example, a city's neighborhood or a house, taking the focus off the details of the surroundings and focusing on the design of the positive and negative spaces.

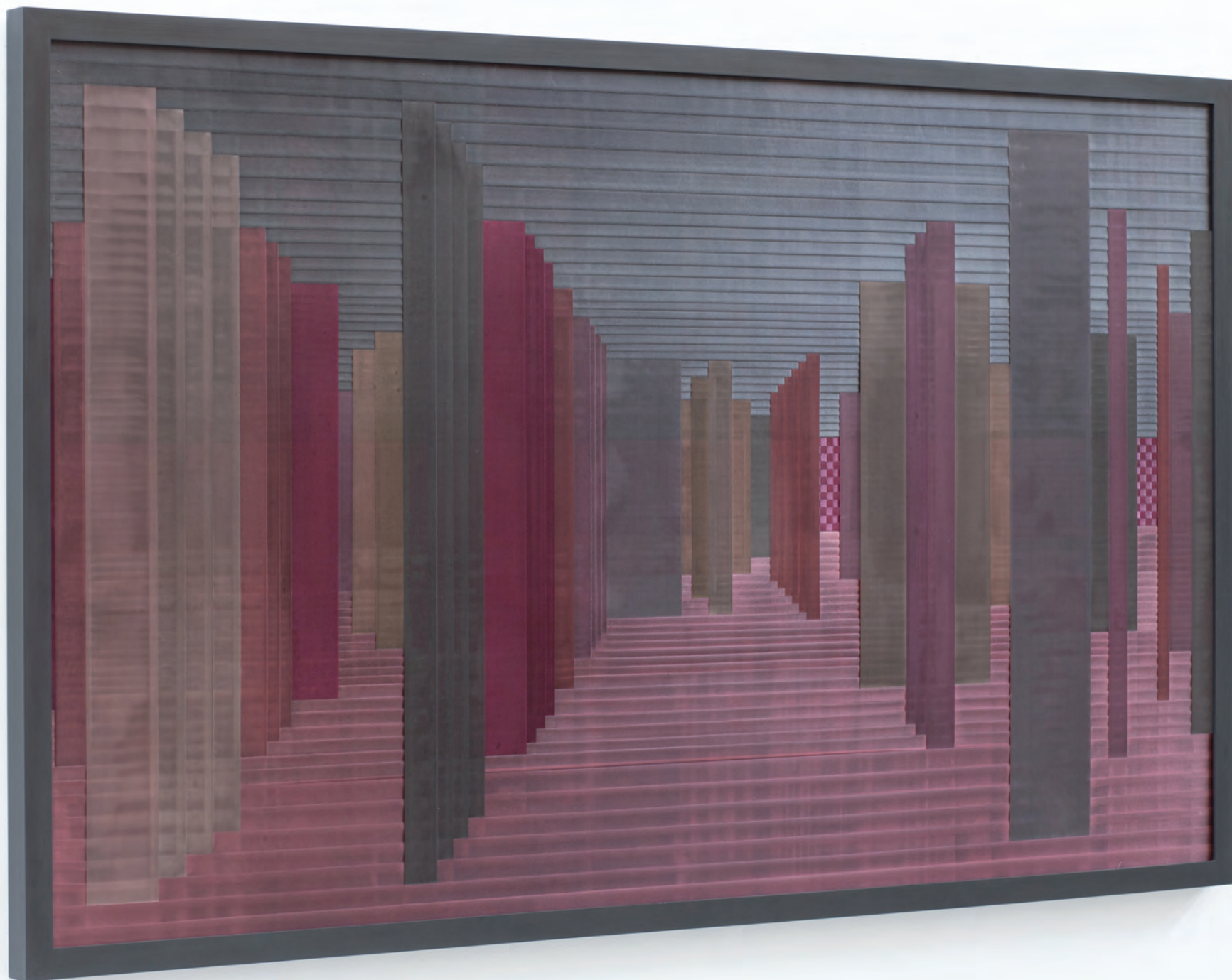
Through the imaginative exercise described above, the artist gradually adds to the drawing all the built elements, evidencing the unbuilt space (the interstice) where the void is perceived and, therefore, the paths for a free, random, and rhizomatic flow.

As a result, the artist produces a “conceptual twist” in the use of geometry, creating a pseudo-classical perspective, converging to a centrality (a hypothetical vanishing point) while the point of view remains fluid, created by the sum of points of view, or as she calls it, a poly-eye perspective.

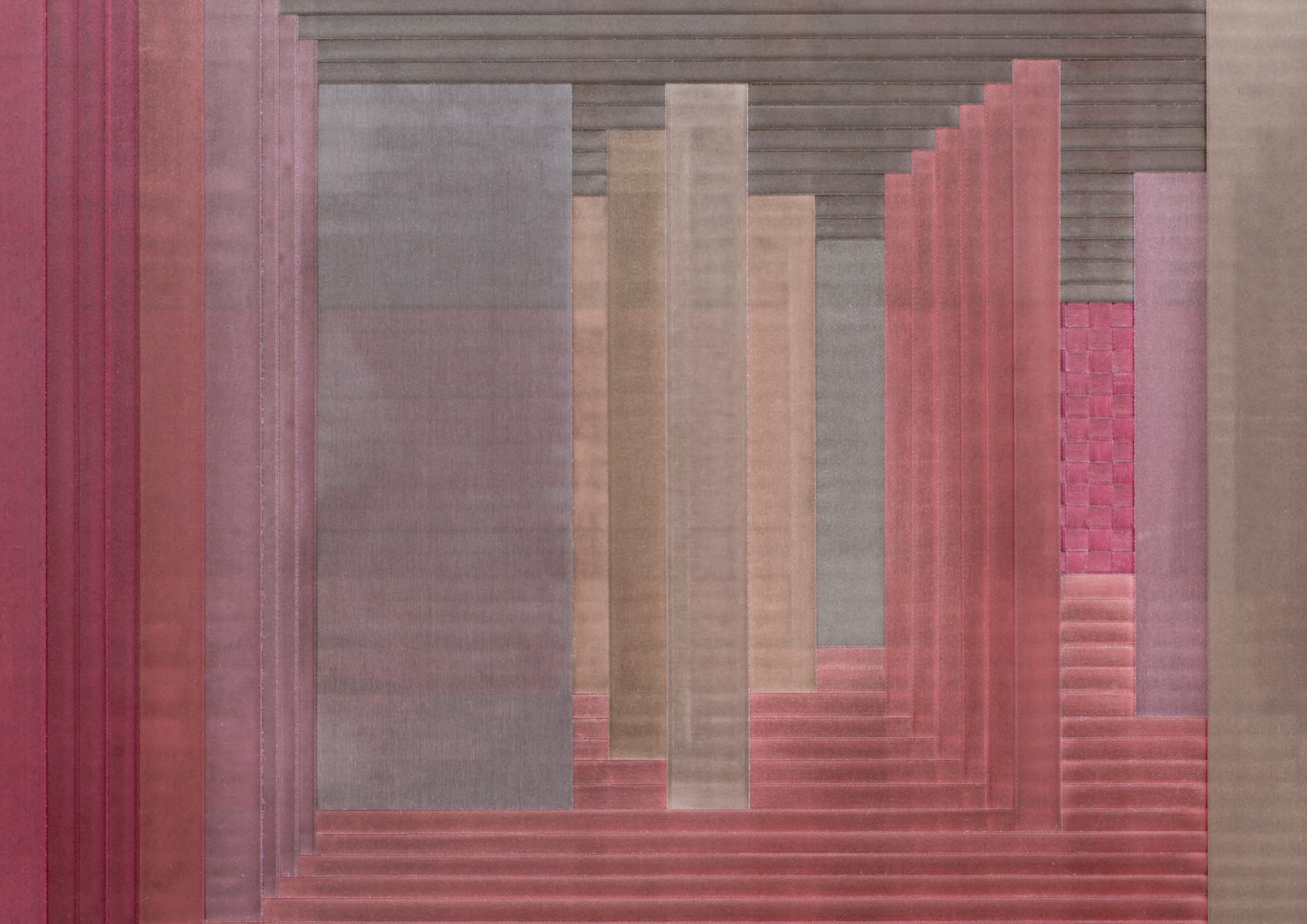
For the creation of these canvases the artist uses satin ribbons of different colors and widths. She tensions and fixes these ribbons only on the edge of the stretcher. Then, she constructs the drawings by crossing the ribbons on and under the surface, and to finish, the artist applies a walnut darkening extract in order to decrease the light vibration and reveal the visualization of the paths."

\* The method of loci is a mnemonic technique that depends on memorized spatial relationships in order to establish, order and recollect memory content.

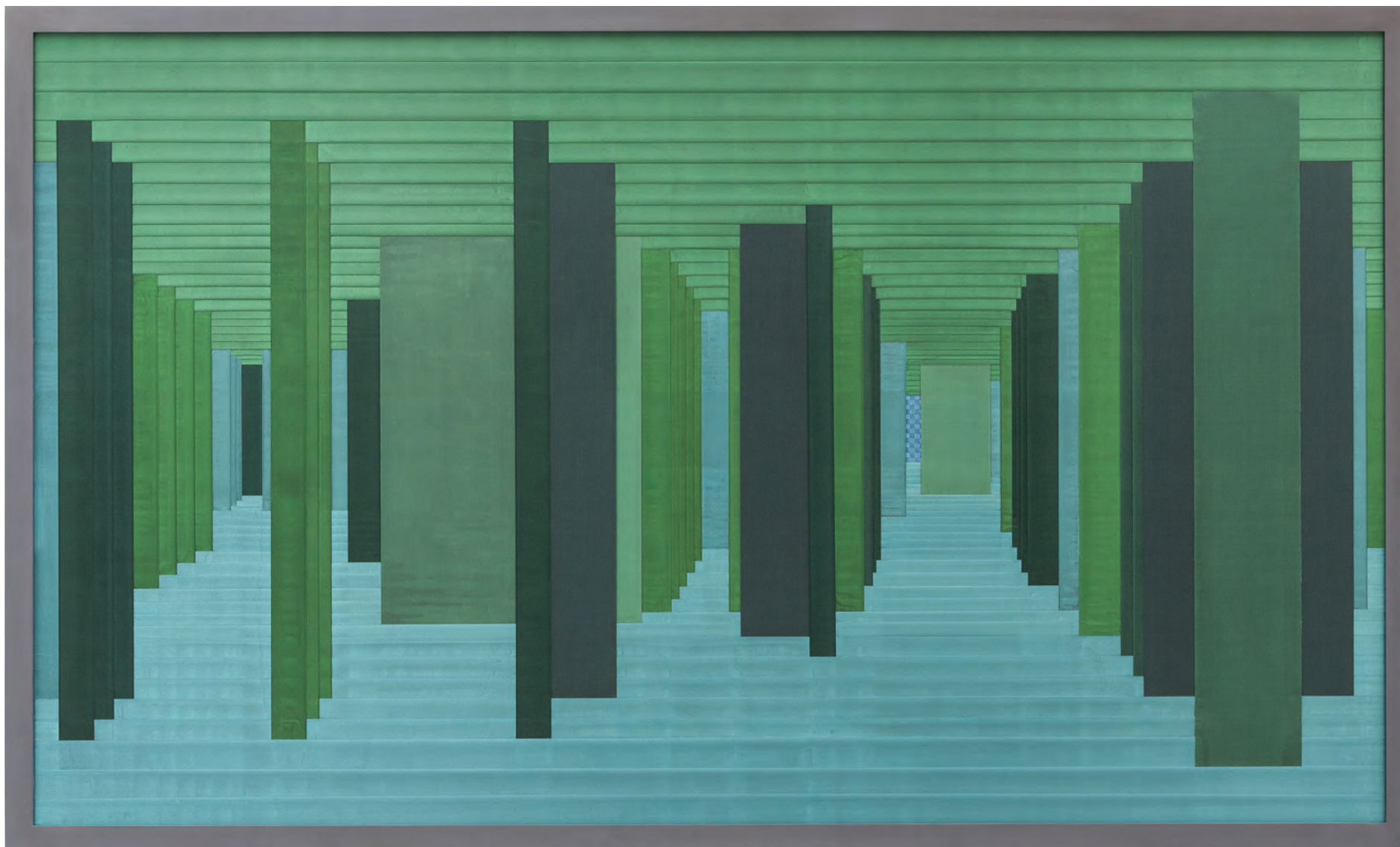












**Labirinto Rizomático - série VI Norte**- 2018  
(Veneza Campo Sant'Anzolo)

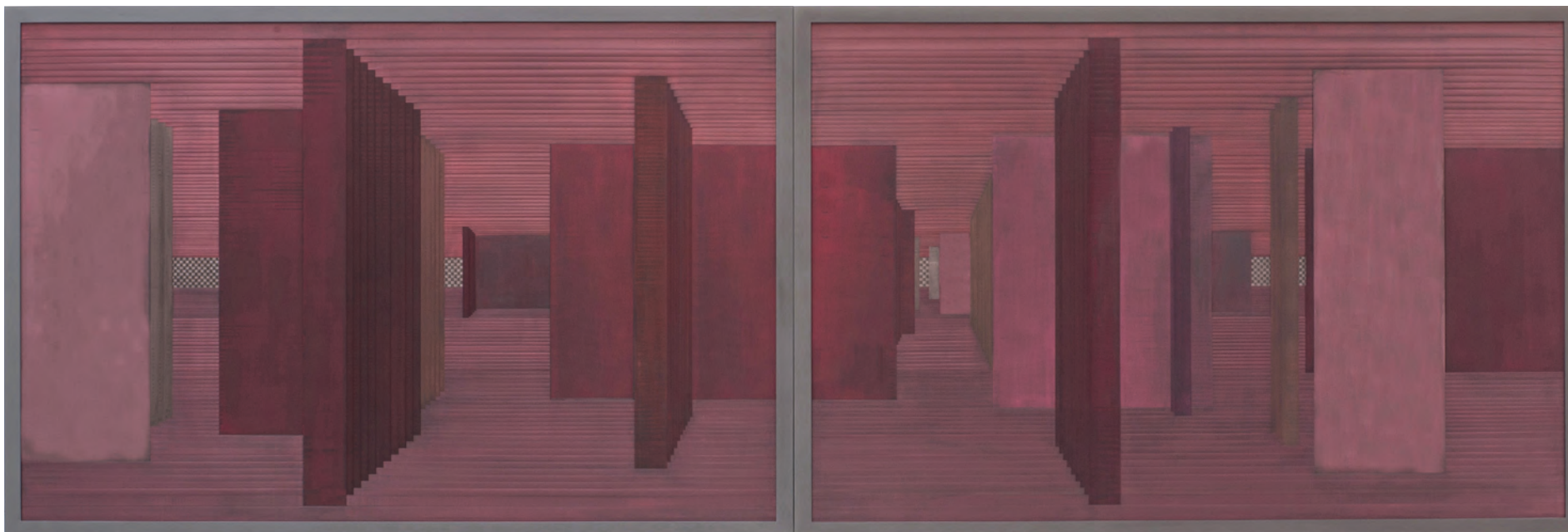
**Rhizomatic Labyrinth - Series VI North**- 2018  
(Venice Campo Sant'Anzolo)

70 cm x 110 cm

fitas de cetim e extrato de noqueira, nanquim sobre madeira

satin ribbons and walnut extract, India ink on wood





**Labirinto Rizomático - série V B- vermelho** - 2018  
(Casa de Campo de Tijolos / Mies van der Rohe)

**Rhizomatic Labyrinth - Series V B - red** - 2018  
(Brick Country House / Mies van der Rohe)

120 cm x 360 cm

fitas de cetim e extrato de noqueira, nanquim sobre madeira

satin ribbons and walnut extract, India ink on wood





**LABIRINTO SINTRÓPICO - 2016**

7 m x 8 m x 16 m

8 telas, pregos e elásticos

8 frames, nails and rubber bands

Zipper Galeria, São Paulo, Brasil  
 Instalação site-specific  
 para a exposição individual "Labirinto Sintrópico"  
 Curadoria Marta Ramos-Yzquierdo

Zipper Galeria, São Paulo, Brazil  
 Site-specific Installation  
 for solo show "Labirinto Sintrópico"  
 Curated by Marta Ramos-Yzquierdo



# LABIRINTO SINTRÓPICO

## SYNTROPIC LABYRINTH

Text by Marta Ramos-Yzquierdo

... Primeiro, que reconhecemos o espaço como o produto de inter-relações (...) Segundo, que entendemos o espaço como a esfera das possibilidades da existência da multiplicidade (...) Terceiro, que reconhecemos o espaço sempre em construção. Precisamente porque o espaço sob este ponto de vista é um produto de “relações – entre”, relações estas que são necessariamente incorporadas de práticas materiais a serem realizadas, mas sempre em processo de feitura. Nunca é finalizado; nunca está fechado. Talvez pudéssemos imaginar o espaço como a simultaneidade das “histórias-por-em-quanto”.(1)

### **\*Alguns dados antes de começar:**

1. Na criação de um labirinto, os construtores usam uma série de algoritmos e combinações matemáticas na definição dos percursos traçados nele. Nos exemplos mais complicados, como o do chamado labirinto multicursal de múltiplas conexões, não existe uma única opção, sendo possível nunca encontrar o centro ou a saída.

2. A sintropia foi definida no campo da estatística em 1988 como a medida do grau de “organização interna” na interação dos componentes que formam um sistema. A sintropia é o montante complementar à entropia, entendida como o grau de “incerteza”. Dessa forma, quanto maior é o grau da sintropia dessa organização interna, menor é a possibilidade do sistema colapsar.

3. Vilém Flusser: tapeçaria, abstração e arquitetura ou representação, cálculo e filosofia:

O livro Flusseriana – Uma Caixa de Ferramentas Intelectual apresenta o pensamento do filósofo Vilém Flusser a respeito do conceito de “tapeçaria” como um gesto sobre uma estrutura. Aquele em que a urdidura oculta a trama, a estrutura da qual é parte. Assim, “uma tapeçaria urdida com o desenho de uma paisagem se constitui como a representação de um mundo externo e cria na parede a sensação de janela, o que nos faz lembrar de Arthur Schopenhauer com a sua ideia de ‘mundo como representação’. Ainda que possua um desenho abstrato, a tapeçaria é uma representação que se constitui como uma espécie de negação de sua realidade mais imediata – que é a trama na qual está assentada. Neste sentido, poderíamos tomá-la como contra-representação”. (2)

Por meio do conceito de abstração e, sobretudo, pela capacidade de abstrair, Flusser analisa o embate do homem com o mundo. A aprendizagem é feita através de modelos codificados com os quais tentamos estruturar o entorno, e também a nós mesmos.

"... First, that we recognize space as the product of interrelations (...) Second, that we understand space as the sphere of the possibility of the existence of multiplicity (...) Third, that we recognize space as always under construction. Precisely because space in this regards is a product of relationsbetween, relations which are necessarily embedded material practices which have to carried out, it is always in the process of being made. It is never finished; never closed. Perhaps we could imagine space as a simultaneity of stories-so-far." (1)

### **\*Some info before starting:**

1. In creating a maze, manufacturers use a number of algorithms and mathematical combinations in defining the paths traced within it. In the more complex examples, such as the so-called branching multicursal mazes with multiple connections, there is no single option and it may be possible to never find the center or the exit.

2. Syntropy was defined in the field of statistics in 1988 as the measure of the degree of "internal organization" in the interaction of the components that make up a system. Syntropy is the complement to entropy, understood as the degree of "uncertainty". Thus, the higher the degree of syntropy of internal organization, the lower the possibility of the system collapsing.

3. Vilém Flusser: tapestry, abstraction and architecture or representation, calculation and philosophy:

The book Flusseriana – An Intellectual Toolbox presents the thoughts of philosopher Vilém Flusser on the concept of "tapestry" as a gesture upon a structure. The one in which the texture hides the warp and woof, the structure of which it is part. Thus, "a tapestry woven with the design of a landscape constitutes a representation of an external world and creates on the wall the feel of a window, which reminds us of Arthur Schopenhauer with his idea of 'the world as representation'. Although it has an abstract design, tapestry is a representation constituted as a sort of denial of its most immediate reality - which is the threading upon which it is based. In this sense, we could read it as counter-representation".(2)

Through the concept of abstraction and, above all, through the ability to abstract, Flusser examines man's clash with the world. Learning is done through encoded models with which we try to structure the environment, as well as ourselves.









Sobre essas construções, esses cálculos e a reconfiguração dos dados como se faz na álgebra se organiza uma lógica para acessar a realidade. Nesse sentido, o cálculo seria não só uma abstração matemática, mas a base da contemplação das formas externas. O desafio seria, então, o uso da aptidão de calcular na libertação das categorias impostas desde o Renascimento e o Iluminismo. Nessa abstração existe a possibilidade de novos projetos, da negação do abismo e da aceitação da crise da linearidade, com a criação de novas relações. Essa particularidade da multiplicidade - nômade e migrante - das categorias é a mesma que Flusser identifica na arquitetura, pensada como estrutura modular, sendo ela mesma metáfora do pensamento na procura de uma nova forma de filosofia.

### Os três tempos

... Muda sua natureza e acrescenta suas conexões: nela, não há posições, só linhas. (3)

Janaina Mello Landini reconfigura em seu fazer artístico as concepções da estrutura do tempo no jogo das articulações do espaço. Cada um de seus trabalhos leva três aspectos temporais que não podem ser esquecidos, e juntos nos colocam ante um questionamento contínuo de estruturas apreendidas.

O tempo empírico, em primeiro lugar. Existe uma consciência do tempo como vivência. A fonte para as representações é a contemplação, a ação empírica do olho da artista sobre a paisagem onde vive. No início foi o caminho que via no percurso de sua casa ao trabalho, em Minas Gerais. Os reflexos e luzes foram formando um panorama outro – herança que ainda vemos na vibração criada pelo tratamento da cor das fitas e na tensão do elástico que compõem a instalação – , uma estrutura abstraída em pixels que são a origem da série “Labirintos”, ao transferir sua experiência para a cidade. Uma urbe que não se constitui como definida ou única, mas como um labirinto randômico e rizomático, onde os planos e vistas se multiplicam e se fundem fora da disposição cartesiana.

O tempo abstrato. A formação de Janaina como arquiteta faz com que ela planeje cada uma de suas instalações e peças como um projeto. Uma abstração que, por meio de cálculos estruturais e matemáticos, formalizam as concepções surgidas na observação. Nesse caso, as proporções de cada elemento que compõem o desenho deste labirinto seguem a sequência de Fibonacci ( $0+1=1$ ,  $1+1=2$ ,  $1+2=3$ ,  $2+3=5$ ,  $3+5=8$ , tendendo

Upon these constructions, these calculations and the reconfiguration of data as is done in algebra, a logical frame is organized to access reality. In this sense, the calculation would not only be a mathematical abstraction, but the basis for contemplation of external forms. The challenge would then be the use of the ability to calculate towards the freeing from the categories imposed since the Renaissance and the Enlightenment. In this abstraction there is the possibility of new projects, of denial of the abyss, and of acceptance of the linearity crisis, with the creation of new relationships. This peculiarity of the multiplicity - nomadic and migrant – of categories is the same that Flusser identifies in architecture, viewed as a modular structure, being itself a metaphor of thought in the search for a new form of philosophy.

### The Three times

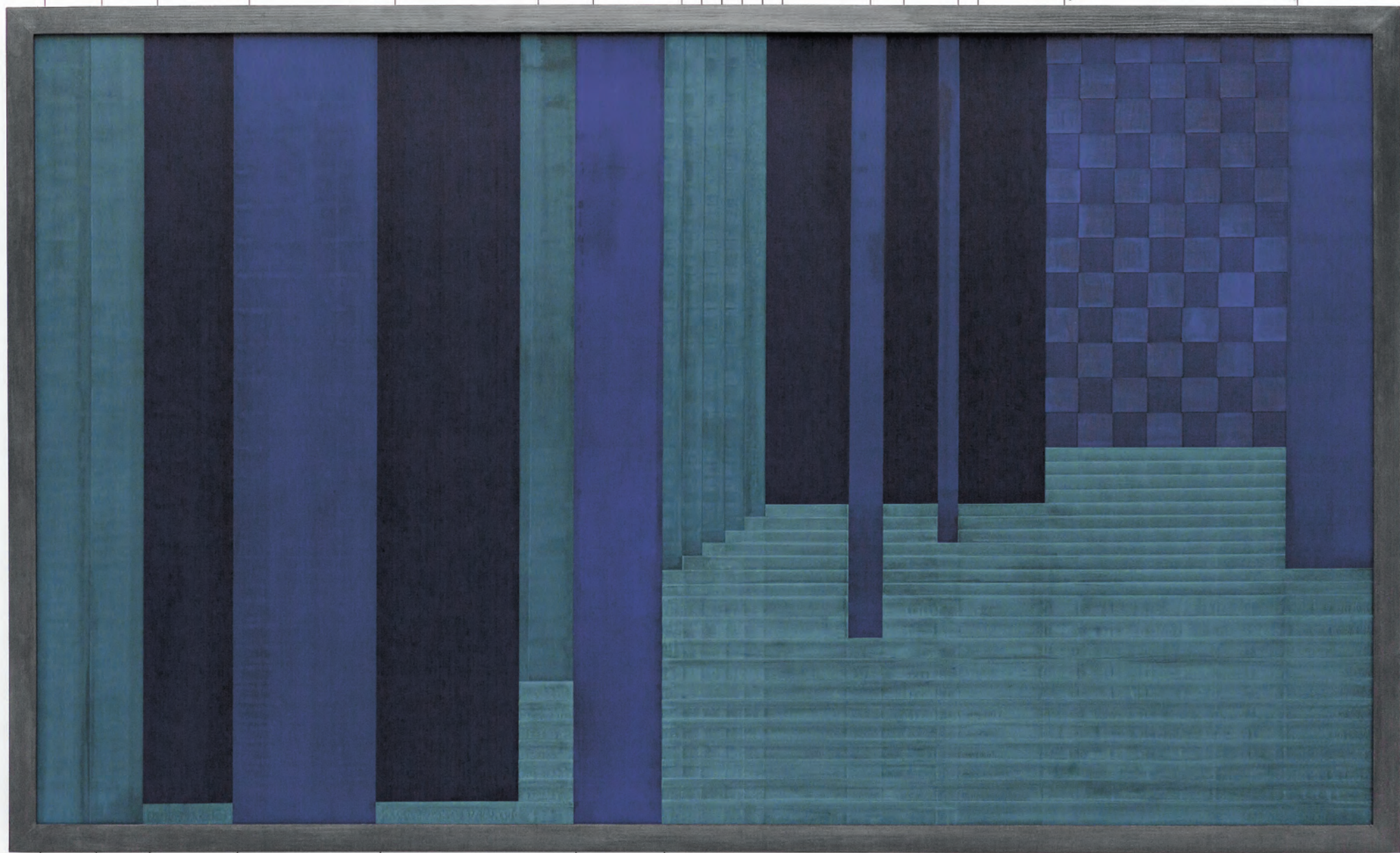
... It changes its nature and adds its connections: In it there are no positions, only lines.. (3)

Janaina Mello Landini reconfigures in her art the conceptions of time frame in the game set of space. Each of her works carries three temporal aspects that cannot be forgotten, and which, together, put forth a continuous questioning of seized structures.


The empirical time, first and foremost. There is an awareness of time as experience. The source for representations is contemplation, the empirical action of the artist's eye on the inhabited landscape. At first it was the path she saw on her route to work in Minas Gerais. The reflections and lights slowly formed another panorama – a heritage still seen in the vibration created by the color treatment of the ribbons and in the elastic tension composing the installation - a structure abstracted in pixels which are the origin of the series "Labyrinths", by transferring her experience to the city. A metropolis that is not defined or unique, but is constituted as a random and rhizomatous maze, where planes and views multiply and fuse outside of the Cartesian arrangement.

Abstract time. Janaina's architecture academic background leads her to plan each of her installations and pieces as a project. An abstraction which, through structural and mathematical calculations, formalizes the ideas risen in observation. In this case, the proportions of each element making up the design of the labyrinth follow the Fibonacci sequence ( $0 + 1 = 1$ ,  $1 + 1 = 2$ ,  $1 + 2 = 3$ ,  $2 + 3 = 5$ ,  $3 + 5 = 8$ , tending to infinity). But









ao infinito). Mas existe outra lógica na composição, que engana nossa primeira percepção de estar na frente de um estudo clássico de perspectiva. As linhas desses labirintos não têm um ponto de fuga único, como também não tem um só ponto de vista. Todas elas formam a visão do que a artista define como “poli-olho”, resultando em um grande Ciclotrama onde todos os pontos de vista possíveis se unem. Uma tentativa de “ver tudo” ou “de unir tudo, presente e passado”, que finaliza em uma anulação da perspectiva. O espaço seria, finalmente, uma armadilha, como pode ser o labirinto.

E, por último, o tempo histórico. Não o tempo da grande história, mas sim aquele que decorre na duração do trabalho manual, do tecimento da trama e da urdidura, aquele que provém da tradição das mulheres costureiras que lhe ensinaram a bordar. Seria o tempo dos pontos de vista contrapostos à perspectiva histórica como falaria Maria Thereza Alves (4); ou o descrito pela Elizabeth Grosz nas nomeadas arquiteturas do feminino, que baseadas no excesso poderiam desestabilizar as noções patriarcais de espaço e tempo (5). É esse mesmo tempo que põe em relação o trabalho de Janaina com mulheres artistas que já antes teceram alternativas em sua produção artística: Annie Albers, Louise Bourgeois, Teresa Lanceta, Gego, Claire Zeisler, Etel Adnam ou Sheila Hicks. Nelas se reclama um olhar outro, fora do pensamento hegemônico para o aprendizado do mundo.

Assim, as três aproximações nos labirintos sintrópicos da Janaina Mello Landini negam os conceitos prévios de perspectiva e sua construção para mergulhar em sistemas de relações internos diversos e procurar novos saberes na fusão de jeitos de olhar e trabalhar o espaço e o tempo.

**\*Um último dado para finalizar:**

3. Teseu saiu do labirinto de Cnosso logo após vencer o Minotauro seguindo o fio do novelo que Ariadne tinha lhe entregado.

1 - Doreen Massey, *For Space*, Sage Publications, London, 2005.

2 - Siegfried Zielinski e Peter Weibel ed., *Flusseriana – Uma Caixa de Ferramentas Intelectual*, ZKM | Center for Arts and Media, Karlsruhe, Vilém Flusser Archive at Berlin University of Arts, e Univocal Publishing, Minneapolis, 2015.

3 - Mônica Amor sobre a obra relação da obra de Gego e Gilles Deleuze e Félix Guattari, *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. “Another Geometry: Gego’s

there is another logic in the composition, which deceives our first perception of being in front of a classic study of perspective. The lines of these labyrinths do not have a single vanishing point, nor do they have a single point of view. They all form the vision of what the artist defines as “poly-eye”, resulting in a large branching where all possible points of view come together. An attempt to “see all” or to “unite all, present and past,” which ends in an annulment of perspective. The space would then eventually be a trap, just as the maze might be.

And lastly, the historical time. Not the time of the grand history, but the one running during the manual work, the weaving of the warp and woof, the one originated from the tradition of seamstresses who taught her to embroider. It would be the time of opposing points of views to the historical perspective, as mention Maria Thereza Alves (4); ; or the time described by Elizabeth Grosz in the named female architectures which, based on excess, could destabilize the patriarchal notions of space and time (5). It is this same time that relates Janaina’s work to other women artists who have previously woven alternatives in their artistic production: Annie Albers, Louise Bourgeois, Teresa Lanceta, Gego, Claire Zeisler, Etel Adnan and Sheila Hicks. They all plead for another perspective for learning the world, outside of the hegemonic thinking.

Thus, the three approaches in the syntropic labyrinths of Janaina Mello Landini deny the previous concepts of perspective and their construction, so as to delve into the various internal relations systems and seek new knowledge in the fusion of perspectives and in working with space and time.

**\*One last info to finish:**

3. Theseus came out of the labyrinth of Knossos after defeating the Minotaur, by following the thread that Ariadne had given him.

reticulárea, 1969- 1982.” *October Magazine USA*, Summer 2005.

4 - Maria Thereza Alves, *Canibalismo no Brasil desde 1500*, *Períódico Permanente*, n.4, 2013. <http://www.forumpermanente.org/revista/numero-4/textos/canibalismo-no-brasil-desde-1500>

5 - Elizabeth Grosz, *Architecture from the Outside*, The MIT Press Cambridge, 2001.



# CURRICULUM

JANAINA MELLO LANDINI

www.mellolandini.com

Mais informações, textos e vídeos no site.

Further information, texts and videos on the website.

.Social Media @janainamello

## SOLO EXHIBITIONS

### 2022

Espaço Preso | Zipper Galeria | São Paulo | Brazil  
Immanence | Galerie Virginie Louvet | Paris | France

### 2019

Aqui, agora. | Zipper Galeria | São Paulo | Brazil

### 2018

Aglomerção | Galerie Virginie Louvet | Paris | France

### 2017

Aglomerção | Galeria Macca | Cagliari | Italy

### 2016

Labirinto Sintrópico | Zipper Galeria | São Paulo | Brazil  
Ciclotrama – Projeto Ocupa Coreto |  
Museu da República | Rio de Janeiro | Brazil

### 2015

Ciclotramas | Galerie Virginie Louvet | Paris | France  
Ciclotrama (medusa) | Galeria Macca | Cagliari | Italy  
Ciclotrama (onda) | Zipper Galeria | São Paulo | Brazil

### 2011

Paisagens | Desvio | Belo Horizonte | Brazil

### 2010

Ciclotrama | Espaço 2010 | Belo Horizonte | Brazil

## GROUP EXHIBITIONS

### 2023

WAVELENGTH Exhibition | Beijing Times Art Museum | China  
WAVELENGTH Exhibition | Chengdu Times Art Museum | China

### 2022

La vie enchevêtrée | Fondation L'Accolade | Paris | France  
Family | Vögele Kultur Zentrum | Zurich | Switzerland  
13a Bienal do Mercosul Trauma Sonho Fuga | Margem do Rio  
Guaíba | Porto Alegre | Brazil  
“The Sublime Nature of Being” | ICD Brookfield | Dubai | UEA  
CAJAL 2022, una visión artística | Museo Pablo Gargallo |  
Zaragoza | Spain  
Fragments | Galerie Virginie Louvet | Paris | France  
Vivant | Fondation Good Planet | Paris | France  
Espelho Labirinto | CCBB | Brasília | Brazil

### 2021

4a edição Circular Arte | Praça Adolpho Block | São Paulo |  
Brazil  
Algoritmo Cômico | On-line Viewing Room - Zipper Galeria |  
São Paulo | Brazil

### 2019

Ciclotrama (Matupá) | Special Commission from The Centre-  
Loire Valley Region | Domaine de Chaumont-Sur-Loire |  
France  
Ciclotrama (Link) | Facebook Art Program | Menlo Park | USA  
“Faux semblants” | Musée du Textile de Cholet | France

SP Arte Open Space | Parque do Ibirapuera | São Paulo | Brazil  
Champs Libres | MAIF Social Club | Paris | France  
MATERIAE | Galerie Virginie Louvet | Paris | France  
Da linha, o fio | Galeria do BNDES | Rio de Janeiro | Brazil

### 2018

Monumental Marina da Gloria | Rio de Janeiro | Brazil  
Sea of desire | Fondation Carmignac | Porquerolles | France  
The BIC collection | Cent Quatre | Paris | France

### 2017

Rijswijk Textile Biennial | Rijswijk | Netherlands  
Tejidos | Galería Otros 360 | Bogotá | Colombia  
The Best Bogus Botanical Garden | Hamburg | Germany  
Um.Artista | Soma Galeria | Curitiba | Brazil

### 2016

Double Je | Palais de Tokyo | Paris | France  
Cantata | Centro Cultural Minas Tênis Clube |  
Belo Horizonte | Brazil  
Vertice | Centro Cultural dos Correios | São Paulo | Brazil

### 2015

Vertice | Centro Cultural dos Correios | Brasília | Brazil  
Sandra Cinto, Albano Afonso and Ateliê Fidalga | “43 visions  
of Fuji Mountain by Contemporary Brazilian Artists” | The  
Fine Art Laboratory | Art University of Musashino | Tokyo |  
Japan



**2014**

Art for Florence – 5.0 Edition | Firenze | Italy  
Duplo Olhar | Paço das Artes | São Paulo | Brazil  
Entrecopas | Museu Nacional | Brasília | Brazil  
Jardim de Adélia | SESC Palladium | Belo Horizonte | Brazil

**2013**

32º Arte Para | Belém | Brazil  
4º Prêmio Belvedere de Arte Contemporânea | Paraty | Brazil  
72º SAAP - Salão Ararense de Artes Plásticas “Antonio Rodini” | Araras | Brazil

**2012**

©Nova Cultura Contemporânea | Cento e Quatro | Belo Horizonte | Brazil

**2011**

Vivo Arte.Mov | Palácio das Artes | Belo Horizonte | Brazil  
Quarto das Maravilhas | Galeria Emma Thomas | São Paulo | Brazil  
Pequenos Formatos | Galeria Subterrânea | Porto Alegre | Brazil

**2010**

Deserto Azul Estudio Aberto | CCBB Centro Cultural Banco do Brasil | Brasília | Brazil  
The Creators Project Brasil | Vice NY Space | Galeria Emma Thomas São Paulo | Brazil



Photo: Yasmim Castro







